

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1924

III e IV Trimestre

ANNO IV

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Aurelio Porto ~ Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 32A

1924

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1924

III e IV Trimestre

ANNO IV

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Aurelio Porto - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 32A
—
1924



Howard D. Phelps

Dr. Homero Baptista

Esta Revista presta no presente numero sentida homenagem á memoria do seu inesquecivel amigo Dr. Homero Baptista, eminente socio do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, fallecido no Rio de Janeiro, em 14 de outubro ultimo.

Homem publico de alto destaque em nosso meio social e politico, exerceu o Dr. Homero Baptista varios cargos publicos, sobretudo aquelles que mais de perto se prendem ás nossas finanças, especialidade a que se dedicou e sobre a qual deixa varios tratados de notabilissimo valor.

O Senador Vespucio de Abreu, fazendo o seu necrologio no Senado Federal, pronunciou o seguinte discurso, no qual resume em vigorosos traços a vida do illustre extinto:

„Sr. presidente. Venho cumprir o doloroso dever de communicar ao Senado o fallecimento do eminente Sr. Dr. Homero Baptista, occorrido nesta capital hontem ás 22 horas e 20 minutos.

O inesperado do acontecimento não permittirá que desta tribuna eu possa, em nome do Rio Grande do Sul, de que sou representante nesta casa, prestar as homenagens a que fez evidentemente jús o illustre homem politico que acaba de desaparecer.

O Dr. Homero Baptista, sr. presidente, era um republicano prestante que vinha desde a sua mocidade se dedicando ininterruptamente á causa publica e aos interesses da Republica. Moço ainda, fez parte daquella brilhante pleiade que, no meu Estado natal, propagou os ideaes que foram consubstanciados na grande victoria de 15 de novembro. Foi um dos mais ardorosos nessa peleja dos que combateram o regimen passado pela palavra e pela accção.

Em todos os congressos republicanos, então reunidos, no meu Estado, o Dr. Homero Baptista sempre tomou parte, sempre em elevado criterio discutindo todas as theses a elles apresentadas.

Ainda no ultimo, reunido no antigo municipio de Villa Rica, hoje Julio de Castilhos, foi um dos que deliberaram que se tentasse evitar ainda que pela revolução o advento de um terceiro reinado.

Proclamado o novo regimen, Homero Baptista foi um dos escolhidos pelo partido republicano riograndense para represental-o na grande assembléa Constituinte, mantendo-se sempre com brilho e destaque ao lado dos mais preclaros representantes de minha terra.

Mais tarde motivos de ordem politica levaram-no a afastar-se do partido republicano por quasi um decennio.

Voltando ao seu seio foi novamente indicado pelos seus correligionarios para vir occupar na Camara Federal, de onde sahiu para no governo do preclaro Sr. Wenceslau Braz, dirigir o Banco do Brasil e mais tarde occupar a pasta da Fazenda no governo transacto.

Sr. presidente. Não é a simples enumeração de postos que tenham sido occupados por este ou aquelle servidor da Patria que lhe pode dar merecimento, porque o merecimento elle só o revela no exercicio do cargo que occupa, mercê de suas qualidades proprias de talento, de operosidade e de dedicação ao trabalho.

Assim sendo, ninguém poderá negar a Homero Baptista um posto de destaque na historia republicana, pois, na propaganda até hoje, disse-o ha pouco, Homero Baptista era um propagandista convicto, um homem de idéas, procurando sempre realizal-as e assim era, e si muitas vezes não as podia transformar em preceitos de ordem pratica executava aquellas que no momento eram as mais opportunas, aguardando que o tempo reclamasse a execução das que ficavam em projecto.

A sua acção, na Camara dos Deputados, quasi todos os membros desta casa do Congresso a conhece: membro de varias commissões, notabilizou-se particularmente na de Finanças e ahi, desde logo, collocou-se em grande evidencia, relatando o orçamento da Marinha, na phase celebre em que se procurava remodelar por completo a Marinha dotando-a de uma esquadra nova.

O parecer que elaborou a esse proposito foi considerado trabalho brilhante o qual despertou a attenção de todos para o seu autor e mais ainda: conhecida a sua envergadura, trabalho mais arduo lhe foi commettido: passou a relatar o orçamento da receita.

Desde essa época começou Homero Baptista em todos os seus pareceres a assignalar intemeratamente a necessidade em que estavamos de voltar a uma acção politica financeira

capaz de conter as depezas da Republica, dentro dos limites da sua receita.

Existe no Archivo da Camara dos Deputados um celebre parecer elaborado por elle, chamando, bem a attenção dos poderes publicos para a febre de gastos que desde épocas anteriores se vinha tornando endemica em nosso paiz.

O Dr. Homero Baptista, Sr. presidente, era filiado á escola financeira classica, na minha opinião á verdadeira escola, pois, é a que procura valorizar o meio circulante.

De accordo com essa escola agiu sempre, quer na qualidade de membro da commissão de Finanças da Camara dos Deputados, quer mais tarde, quando ministro da Fazenda.

Recordo-me ainda de que quando se discutiu no Congresso Nacional o projecto remodelando a Caixa de Conversão, o illustre morto, de accordo commigo permittam-se-me a immodestia de citar o proprio nome, nesta occasião tinha deliberado apresentar uma emenda em que determinava fossem recolhidos á Caixa de Conversão com as mesmas responsabilidades com que eram recolhidos os dinheiros em troco de notas conversiveis á vista, os saldos provenientes dos fundos de garantia e de resgate, afim de que sobre esses saldos fossem emittidas notas inconversiveis de forma a permittir e a accelerar a valorisação do meio circulante.

Infelizmente injunções de ordem politica não permittiram que essa emenda fosse apresentada e o projecto passou como fôra elaborado.

Na pasta da Fazenda o morto de hontem agiu com a modestia que o caracterisava, porque devemos accentuar que apesar de sua competencia e operosidade elle era extremamente infenso a esses ouropeis que, em dado momento, offuscam a vista, mas que com a mesma rapidez com que offusca desaparecem e morrem.

Homem modesto, sentia-se bem comsigo mesmo, cumprindo o seu dever, procurando engrandecer a Patria.

Na pasta da Fazenda esforçou-se por executar o programma que vinha recommendando desde que tivera assento na Camara dos Deputados e redimiu assim, em parte, o erro que haviamos commettido desde os primeiros albores da guerra de não termos immediatamente fechado a Caixa de Conversão, evitando que o saldo ouro, cuja importancia era avultada, fosse exportado tal qual viera de outros paizes.

Elle procurou redimir o erro que haviamos commettido accumulando reservas ouro para valorisar o meio circulante e elevando essas reservas que tanta cubiça teem despertado aos que alimentam tentativas fantasistas de ordem financeira.

Ministro da Fazenda, Homero Baptista, tentou remover para o Banco do Brasil a faculdade emissora de que estava de posse o Thesouro, queria-o, porém, sob os moldes do Reichsbank, do Banco Imperial Allemão, com a emissão feita em grande parte sobre fundo metallico e em parte sobre fundo de effeitos commerciaes, denominados supplemento do Reichsbank, emissões que se podiam avolumar ou diminuir conforme as necessidades commerciaes e que desapareceriam, quando pelos effeitos commerciaes, fossem resgatadas.

Fiel aos seus principios financeiros, quando do governo procurava sempre pôr em pratica as idéas adoptadas.

Antes de occupar a pasta da Fazenda teve ainda ensejo de provar as suas grandes aptidões em assumptos de finanças.

Como director do Banco do Brasil impulsionou esse estabelecimento de credito, ramificando-o atravez de filiaes por diversos pontos do Brasil e até pelo estrangeiro para dar maior incremento aos nossos negocios e fortificar mais o nosso estado financeiro.

Convem ainda lembrar que data dessa época a criação da carteira de redescontos que tão inestimaveis serviços presta ao nosso commercio, á industria e á agricultura.

O homem que acaba de desaparecer, portanto, conforme se vê deste rapido bosquejo, prestou os mais inapreciaveis serviços ao Brasil e á Republica.

Penso, por isso, que o Senado inteiro não hesitará em prestar-lhe as homenagens a que incontestavelmente elle fez jús, pelo seu amor á Republica e pelo seu devotamento á causa publica.

Requeiro portanto ao Senado por intermedio de V. Ex., Sr. presidente, que seja lançado na acta dos nossos trabalhos de hoje um voto de profundissimo pesar pelo passamento do illustre republicano, que se telegraphie dando condolencias á sua digna familia, e que por ter sido membro da Assembléa Constituinte da Republica, consoante as praxes estabelecidas, seja levantada a sessão em sua homenagem. (Muito bem; muito bem).“

Ainda sobre a vida do grande republico, disse o „Estado de São Paulo“ em sua edição de 15 de outubro ultimo:

„Nada fazia suppor o repentino desaparecimento do Dr. Homero Baptista, cuja morte hontem nos foi communicada do Rio.

Apesar de ser um homem de saude precaria, nenhuma noticia anterior revelara o aggravamento do seu estado, parecendo tratar-se de um mal repentino.

Era o illustre rio-grandense uma das figuras mais sympathicas do nosso mundo politico, no qual conquistara uma

posição de relevo graças a uma vida cheia de sacrificios, de lutas heroicas e esforços tenazes.

De familia pobre, nasceu em S. Borja, no Rio Grande do Sul, em 30 de janeiro de 1861 e aos 13 annos já foi obrigado a trabalhar, empregando-se como caixeiro na casa de Gomes Lima & Ferraz, na cidade do Rio Grande.

Com grande difficuldade conseguiu frequentar os collegios Gomes e Souza Lobo, de 1876 a 1878, para fazer os exames preparatorios.

Em 1879 chega a S. Paulo e matricula-se na Faculdade de Direito. Era o começo da realisação do seu sonho de moço. Começo apenas, porque a sua formatura havia de exigir-lhe ainda esforços redobrados. Para manter-se, trabalhou como typographo na „Tribuna Liberal“ e no „Jornal da Tarde“ e depois, se fez professor na fazenda Tamborim, em Campinas, propriedade do Sr. José Pedroso de Moraes Salles.

A esse tempo agitava-se na Faculdade de Direito a propaganda republicana na qual se destacavam os seus contreraneos Assis Brasil, Julio de Castilhos, Alcides Lima, ao lado de Pedro Lessa, Julio Mesquita e outros. O moço pobre e modesto, mas estudioso e patriota, não se manteve estranho a esse bello movimento da mocidade academica. A's privações que já soffria para realisar o sonho da sua mocidade, juntaria outras, para que pudese triumphar o seu ideal de republicano e de patriota.

O seu trabalho em prol da abolição e da republica não se interrompeu quando, já formado, installou a sua banca de advogado em São Borja. O caudidico desdobrou-se no jornalista e assim appareceram o „Município“ e o „Movimento“, folhas de propaganda abolicionista e republicana, nas quaes de 1884 a 1889, o dedicado republicano foi na sua provincia natal, um dos mais activos e efficaes collaboradores da implantação do novo regimen.

Fez parte dos congressos republicanos de Santa Maria e da Reserva nos quaes se deliberou a acção revolucionaria, contra o 3.º reinado.

Proclamada a Republica, foi em 1890 nomeado secretario da Fazenda do governo do Rio Grande do Sul, então exercido pelo general Frota.

Nese mesmo anno, foi eleito deputado á Constituinte federal, exercendo o mandato até o fim da primeira legislatura.

De 1894 a 1895 fundou e redigiu a „Republica“, de Porto Alegre, batendo-se pela pacificação do Estado.

Em 1896, voltou a advogar em S. Borja, tornando-se tambem alli invernista.

Eleito deputado federal em 1906, e reeleito em 1909 e em 1913, exerceu sempre na Camara importantes commissões.

Fazendo parte da commissão de Finanças foi relator dos orçamentos da Marinha e da receita, elaborando pareceres que lhe deram a reputação de um dos mais operosos e competentes membros da Camara.

Em 1914 renunciou ao mandato, para assumir a direcção do Banco do Brasil. Sua passagem por este estabelecimento marca um periodo de grande prosperidade e desenvolvimento. Daquelle banco sahiu para a direcção da Companhia de Seguros Sul-America. No governo do Sr. Epitacio Pessoa desempenhou o cargo de ministro da Fazenda.

Deixando o cargo de ministro, voltou para a direcção da Sul-America.

O Dr. Homero Baptista era lente da Faculdade de Direito do Rio, membro effectivo do Instituto Historico e presidente da Liga da Defesa Nacional.

São trabalhos seus: „Tiradentes e a Republica“, conferencia publica, 1888; „Pela Federação“, discursos pronunciados na Camara dos Deputados depois do golpe de Estado, 1892; „A revolução e o estado de sitio no Rio Grande do Sul“, discurso na Camara dos Deputados, 1894; „Manuel dos Santos Loureiro, Manduca Loureiro“, perfil biographico, 1900; „A marinha nacional“, trabalhos parlamentares, 1910; „A receita geral em 1911“, 1.º volume, 1911; „A receita geral em 1912“, 1.º volume, 1912; „A receita geral em 1913“, 1.º volume, 1913.

Modesto e simples vivendo para a familia e para os deveres de cidadão, dedicado aos seus estudos predilectos, o Dr. Homero Baptista grangeou uma honrosa reputação nos meios politicos e financeiros do Rio, onde o seu nome era sempre pronunciado com respeito e acatamento.

A sua acção politica terá naturalmente provocado divergencias, mas a integridade do seu character, as affirmações do seu passado de lutas abnegadas, a correcção exemplar da sua vida privada, lhe asseguraram em vida a consideração de quantos o conheceram, e conservarão na saudade dos amigos e na memoria dos concidadãos, a figura de um homem profundamente bom e honrado e de um brasileiro illustre e patriota, que poz ao serviço do Brasil todas as energias da sua mocidade e todos os fructiferos esforços da sua madureza.

A Republica Brasileira perde no Dr. Homero Baptista um dos seus melhores e mais dedicados servidores.“

Cumpra porém notar que na relação bibliographica acima não estão contemplados os seguintes trabalhos: „A Unificação do Padrão Monetario“, conferencia realisada em 9 de dezembro de 1916, na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro

e publicada em 1923; „Revoluções brasileiras de 1817 e 1835“, conferencia realisada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 2 de junho de 1918; „Zonas Francas nos principaes portos do paiz“; „Revisão da Tarifa das Alfandegas“; „Relatorio da Fazenda, nos annos de 1920 a 1921“; „Retrospecto administrativo — 1919—1923“.

Escreveu tambem as licções que, de direito administrativo, dava aos seus alumnos na Universidade do Rio de Janeiro, sem publical-as.

Ainda no corrente anno tinha o illustre compatricio em mãos um trabalho sobre palavras e phrases uzadas no Rio Grande do Sul; e, em junho ultimo, dizia em carta ao seu digno filho, Dr. Homero Martins Baptista, Juiz de Comarca em Passo Fundo: Estou insistindo nos meus trabalhos, principalmente na „Evolução da Tarifa Aduaneira do Brasil“, que desejo publicar até o fim do anno.

Foi, assim, o Dr. Homero Baptista um homem cheio de serviços prestados á patria, tendo a noticia do seu fallecimento repercutido dolorosamente por toda a vasta superficie da bem amada terra brasileira.

O Dr. Homero Baptista nasceu em São Borja a 30 de janeiro de 1860 e foram seus paes Felisberto Baptista da Costa e Henriqueta de Sá Baptista. Foi casado em primeiras nupcias com D. Beatriz Martins Baptista, filha do general Fermiano Antonio Martins, de cujo matrimonio houve os seguintes filhos: Dr. Alvaro Martins Baptista, medico da Prefeitura do Rio de Janeiro; Dr. Homero Martins Baptista, Juiz de Comarca de Passo Fundo e D. Bertha Baptista da Trindade casada com o Dr. João Maribondo da Trindade, alto funcionario do Telegrapho Nacional. Em segundas nupcias com D. Alice Castilho Baptista, filha do Dr. Arthur Castilho, medico militar, deixando deste consorcio cinco filhos menores.

Formou-se em direito, pela Faculdade de São Paulo, em 1885.



Arthur Candell

Professor Arthur Candal

(Aurelio Porto)

Com o fallecimento do Prof. Arthur Candal, occorrido, nesta Capital, em 21 de Outubro deste anno, perdeu o *Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul* um de seus vultos de mais destaque e esta *Revista* um de seus redactores, desde a fundação.

Sua trajectoria pela vida foi um grande exemplo de trabalho intelligente e de esforço fecundo. Dotado de um caracter integro, de uma bondade proverbial e fazendo praça de uma cultura pouco commum, o Prof. Arthur Candal foi um dos elementos cuja actuação, quer na vida publica, quer no magisterio, muito contribuiu para o alevantamento do nivel intellectual e moral do nosso meio.

São innumeros os que hoje se contam por seus discipulos occupando salientes posições, e que não esquecem os salutaes casinamentos do mestre insigne, cujas licções eram bebidas com avidez, tal a seducção que exerciam sobre os que se lhe approximavam os conhecimentos vastos que adquirira e tão bem sabia transmittir, sua intelligencia superior e o todo irresistivel de bondade que irradiava de seu coração.

Aproveitando notas por elle proprio colligidas em observancia á determinação da Directoria Geral dos Correios, procuraremos synthetisar, nestas linhas, a vida do illustre extinto, que se desdobra em actividades fecundas e actos nobilissimos traductores de um caracter sem falhas.

Nasceu Arthur Candal de Carvalho, nesta cidade, a 30 de Outubro de 1857, no velho sobrado já reconstruido que existiu á rua Duque de Caxias, fronteiro á rua Jeronymo Coelho. Foram seus paes o Alferes reformado Primo dos Santos Candal de Carvalho e D. Thereza Maria Candal de Carvalho. Aos dois annos de idade perdeu Arthur Candal seu progenitor,

ficando entregue aos carinhos maternas e á virtude austera de sua veneranda mãe que subsistiu até aos 92 annos de idade, fallecendo ha poucos annos.

Amparado em sua primeira, parcial orphandade, por um irmão, Carlos Augusto Candal de Carvalho, por quem tinha verdadeira veneração, poudo fazer um curso regular de preparatorios, terminado o qual, por motivos ponderaveis, não se matriculou, como desejava, nalguma das Academias do Imperio. Sérias difficuldades, nesse tempo, obstavam aos moços desprovidos de meios á realisação pratica de um curso academico, que não occorre hoje pela existencia das escolas superiores em nosso Estado. Em parte, tambem, as appreensões maternas pela longa separação, impediram a consecução desse objectivo, pois tal fôra o brilhantismo de seus estudos preparatorianos, a intelligencia vivaz de que era dotado e a solida contextura de seu character que amigos dedicados, num gesto cavalheiresco, se propuzeram a occorrer com as despezas de seus estudos superiores. Foram esses amigos, cujos nomes Candal cercava de justa veneração, os doutores Joaquim Vieira da Cunha, de Pelotas, Fausto de Freitas e Castro, Domingos dos Santos e outro, „hoje ingratamente esquecido pela minha memoria desleal“, dil-o em suas notas auto-biographicas.

Afastada a possibilidade de se dedicar aos estudos academicos, procurou ingressar na vida publica, como funcionario provincial. Em 1876 era aberto concurso para preenchimento de dois cargos de amanuense da Secretaria do Governo. Entre 19 candidatos inscriptos obteve o concorrente o primeiro lugar. Tres vagas foram providas sem que fosse aproveitado, como de direito, quem tão brilhantemente conquistara classificação notavel.

Interpelado o Presidente da Provincia sobre injustiça tão flagrante, declarou que o candidato, desde os bancos escolares, revelára convicções republicanas. Alguem, porém, convenceu-o de que devia exigir uma explicação do então Presidente, Conselheiro Alencar Araripe, sobre os motivos determinantes dessa preterição. Candal cedeu á inspiração.

Aqui transcreveremos integralmente suas notas referentes a essa entrevista:

„Allegou o Presidente, com grande pachorra, que *nomeara dois homens muito mais velhos do que eu e com encargos de familia*: eu, altivamente, repliquei que *S. Ex.^a não fizera annunciar um concurso de miseria*.

„Proceder irreflectido, proprio da idade, em que se não prevêm consequências nem se medem ou ponderam interesses, o que fiz então prenunciou actos de toda minha vida, manifestações futuras de rebeldia innata contra iniquidades do alto:

outros tantos symptomas de anomala organisação moral, origem, talvez, de dissabores que ainda me não corrigiram inteiramente. Sinto, porém, que a velhice, imminente e vagarosa, mais prudencia, mais sabedoria mundana me vem trazendo. Salutar transformação que me adapta á sociedade dos homens!

„A tolerancia de notavel procer¹⁾), sob a influencia, talvez, das censuras da imprensa opposicionista, que estigmatizava a preterição do — „direito adquirido“ — venceu, pouco depois, a má vontade do administrador, maguado ainda do meu irreverente acto; e fui nomeado para uma quarta vaga.

„Tive, então, ainda má fortuna: o presidente, a quem, segundo a praxe, fui agradecer a nomeação, disse-me que dos seus amigos da Assembléa Legislativa Provincial, que se ia eleger, obteria o subsidio com que eu pudesse, livre de apprehensões, cursar qualquer Academia; mas o nobre estadista não conseguiu maioria naquella corporação politica.

Tinha eu de permanecer empregado publico... Fatalidade ou acaso, de tão accentuada contrariedade dos factos procedeu toda a má ventura de que me possa acaso queixar.“

Como funcionario, Arthur Candal, foi modelar. Dedicado em extremo, provendo ás exigencias de sua função publica com esclarecida intelligencia, rebelando-se contra as praxes obsoletas da velha Secretaria do Governo, sua actuação, ali, ao lado de Frederico Villeroy e Aurelio Bittencourt, marcou a phase inicial do remodelamento das archaicas fórmulas que revestiam o „estyllo official“, anti-grammatical e ridiculo.

Por isso era tido como iconoclasta. Vezes sem conta, entre os velhos praxistas, conservadores tenazes, suscitava o moço amanuense litigios sérios com sua rebeldia ás praticas funcioneaes, de que era sempre arbitro Frederico Villeroy, grammatico provecto. E, assim, foram-se modificando, a seu impulso intelligente, esses attentados innominaveis contra a lingua vernacula e boas praxes administrativas.

Outro traço de seu caracter de que muitas vezes lhe adveiu contrariedade e prejuizos, foi profligar as injustiças que partiam do alto, entendendo „que o empregado publico tem direito á consideração e respeito pessoal.“

Vindo da Côrte, assumiu a Secretaria do Governo o dr. Honorio Hermeto Pinto de Figueiredo que, por informações tendenciosas, manteve, ao principio, certa prevenção contra o digno funcionario de que, pouco tempo depois, era apreciador e amigo. Sua attitude nobre desfizera a intriga maledicente.

¹⁾ Dr. Trajano Viriato de Medeiros disse-me: — „A *Reforma* está explorando o caso de sua nomeação. Deixe-nos falar sós; o Araripe tem do Sr. certo resentimento; mas eu já lhe disse que os republicanos são os melhores conservadores; e elle vae nomeal-o.“

A proclamação da Republica veio encontrar a Arthur Candal no exercício interino de Chefe da 5.^a Secção da Secretaria do Governo, lugar para que foi effectivamente nomeado, logo depois, na vaga de Antonio José de Lavra Pinto, „republicano sincero que entreviu o advento do novo regimen através das nevoas da morte.“

Com a organização do Governo Republicano foi o illustre morto chamado ao cargo de Official de Gabinete que exerceu durante onze mezes, apenas com a interrupção de poucos dias de Maio de 1890, quando da dissidencia dos republicanos historicos com o Chefe do Governo Provisorio.

Nessa occasião, redigido e escripto pelo proprio punho de Julio de Castilhos, a mais completa organização de estadista rio-grandense, então Secretario do Governador, General Julio Frota, teve o Official de Gabinete demissionario o seguinte despacho na petição em que solicitava dispensa do cargo: „Concedendo exoneração ao peticionario, é-me grato louval-o pelos muito valiosos serviços que me prestou no cargo de Official de Gabinete, no qual deu abundantes demonstrações de sua esclarecida illustração, exemplar solicitude e plena lealdade. Julio Frota. (Despacho de 6 de Maio de 1890).

Assumindo o Dr. Tavares as redeas do Governo, deixou-se ficar Candal em sua repartição. Esse Governador extranhou a ausencia, mandando chamal-o afim de inquerir dos motivos que a determinavam, entre os quaes talvez preponderasse a *solidariedade com os que se retiravam*, ao que objectou-lhe que não era mais Official de Gabinete. A insistencia de Tavares replicou-lhe Candal que, „dignamente não podia continuar na commissão de confiança.“

A alguem que, no mesmo momento, disse-lhe não ter sido regular seu procedimento, retrucou o digno funcionario que „não era movel de Palacio“. Insistiu o interlocutor, dizendo „que tal era de facto o Official de Gabinete“. „Pois seja, se para isso tem disposições“, volveu Candal, retirando-se para a Secretaria.

Com a volta ao poder do Partido Republicano Historico, reassumiu o cargo de que se afastara. Começa nesse momento o dissidio que separou dois vultos preeminentes do Rio Grande republicano: Castilhos e Cassal.

Sentindo que se ia cavando fundamente o traço de separação que mais tarde atiraria eses dois grandes amigos entre si e seus a campos diametralmente oppostos, onde se chocariam fragorosamente, numa lucta de gigantes, suas organizações combativas, procurou, „pela intriga do bem“, numa conspiração bemfazeja, com o illustre e abnegado soldado republicano, coronel Thomaz Thompson Flores, contribuir para a reconci-

liação desses dois egregios vultos, outrora tão ligados pela identidade de sentimentos civicos e de amor pela Republica.

A reconciliação tornara-se impossivel, e ao segundo votava Candal, desde tenra infancia, verdadeira affeição fraterna.

Apezar da insistencia de Castilhos no sentido de que adiasse sua resolução de se exonerar do cargo de confiança que exercia, para que „não dissessem que havia com elle rompido“, Candal, perdida a esperança da reconciliação que desejava, esperou a ida de Castilhos ao Rio de Janeiro, para effectivar seu pedido. Nesse interim ficou ainda auxiliando o substituto de Julio de Castilhos, dr. Alvaro Baptista, deixando pouco tempo depois, definitivamente, o cargo, ao dar-se a demissão do Director Geral da Secretaria, seu amigo, conservado até então por sua interferencia.

Retirando-se do Gabinete, recolheu-se á Secretaria das Obras Publicas de que era sub-director, levando comsigo o proposito firme de não mais se immiscuir na „ingrata agitação politica e pessoal que tivera deploravel começo, incendio que se avivava ao sopro instigador de suggestões, contra cuja influencia“ não fôra bastante sua acção ponderada e continua.

No Governo do velho soldado General Barreto Leite, em que teve notavel destaque Barros Cassal, não aceitou Candal voltar ao Gabinete, máo grado ás insistentes sollicitações de amigos, dentre os quaes o illustre dr. Annibal Cardoso.

Nesse mesmo Governo foi nomeado Director da Estatistica do Estado, cargo de que foi dispensado pelo Governo que a esse substituiu, a 6 de Dezembro de 1892, quando em exercicio o Vice-Presidente dr. Fernando Abbot, sem embargo da garantidora disposição da Lei fundamental do Estado.

Privado de seu emprego a que dedicara dias preciosos da existencia, envolto numa pobreza digna que tornava necessaria, para manutenção da familia que adorava, a continuidade de um trabalho extenuante, de todos os dias, dotado de uma energia robusta, o illustre republicano, recolheu-se á vida privada, dedicando-se exclusivamente ao magisterio particular.

Sua longa actuação no ensino secundario é attestada pelos innumeraveis amigos que, ainda no ultimo momento, lhe foram levar as suas homenagens, as flores symbolicas que cobriam-lhe o ataúde e as lagrimas incontidas de saudade, de veneração e de respeito.

Durante mesmo o tempo em que exercera funcções publicas Arthur Candal não descontinuara o exercicio do magisterio particular, para o que tinha natural pendor e vocação decidida. Facilidade de exposição, methodos magnificos, solido preparo intellectual, senhor de diversas linguas, conhecendo a fundo a lingua vernacula, tornara-se um dos profes-

sores mais procurados da capital. Em varios Collegios occupou cadeiras, desenvolvendo sempre notavel actividade e dedicação.

Sua passagem pelo *Collegio Rio Grandense*, dirigido por Apeiles Porto Alegre, „perdido hoje para as letras patrias, amigo leal, exemplar esposo e pae, alma lucida, transparente,“ ficou assignalada de modo indelevel. Dirigiu, durante 17 annos a *Escola Mauá*, creada pela „Associação dos Empregados no Commercio“, regulamentando as suas aulas, e diffundindo pelo pessoal discente as suas licções de mestre provecto. No *Gymnasio São Pedro*, magnifico estabelecimento de ensino, dirigido pelo inglez Fred Fitz Gerald regeu mais de uma aula. Foi por duas vezes professor do Collegio Allemão *Hilfsverein*.

O virtuoso Bispo D. Claudio José Ponce de Leão foi procural-o para reger a cadeira de Portuguez, no Seminario Provincial. As escassas posses desse modelar instituto christão não permittiam proventos ao abnegado professor que dessas aulas se quizese encarregar. Apesar de exercer o magisterio como unica profissão de que tirava todos os meios de subsistencia, o illustre professor aceitou pressuroso o encargo, afaçando-se em cumprir dignamente sua missão. Poude, entretanto, o Seminario retribuir com 50\$000rs. mensaes o seu esforço desinteressado e nobre. Exerceu esse cargo durante tres annos, „colhendo grato fructo de minha dedicação, a amizade de estimados discipulos, muitos, hoje, conspicuos conegos da igreja rio-grandense,“ accrescenta em suas notas auto-biographicas.

Como antes observámos era erudito em linguas tendo realisado estudos comparativos dellas. Falava o allemão com facilidade, chegando a escrever uma grammatica dessa lingua, que não conseguiu terminar. Candidatando-se a um concurso para lente de portuguez, no Collegio Militar, desta capital, escreveu, então, em 1893, sua these que versou sobre *Origens da Lingua Portuguesa*. Esse concurso não foi levado a effeito. Escreveu pelas columnas da *Gazeta do Commercio*, em polemica, uma longa serie de artigos sobre a particula *se*; esses artigos foram por elle reunidos e revistos para serem publicados em volume, quando se aggravou a molestia que o victimou.

Quem estas linhas escreve, desde os mais tenros annos atirado á lucta pela vida, tendo de velar por entes queridos que luctavam com a miseria, sem meios que lhe permittissem estudar, teve do saudoso mestre, a quem dedicava superior affecto, licções gratuitas que ficaram inapagaveis na memoria, e o seu amparo forte e decisivo nos primeiros passos da vida publica, recordação que uma gratidão indelevel conserva.

Era um bom e era um justo. Sua vida toda foi consagrada ao bem. Mesmo entre o deflagrar das paixões no am-

biente partidario em que exerceu sua actividade jornalística, em plena phase revolucionaria, sua aspiração suprema era a paz, a paz redemptora que viria de novo entrelaçar a familia rio-grandense. Nunca ouvimos de seus labios uma increpação mais forte aos seus adversarios. Era justo nas suas apreciações, brando na sua critica, delicado na polemica, mantendo sempre a linha impecavel de seu cavalheirismo innato.

Em 1894, instado insistentemente pelos seus illustres amigos Drs. Alvaro e Homero Baptista e Francisco Gonçalves de Miranda, annuiu Candal ao convite que ha muito já lhe vinha sendo feito de acceitar a redacção do jornal opposicionista „A Republica“, editado nesta capital, e que obedecia á inspiração do abnegado Barros Cassal.

Sua passagem pela redacção desse jornal confirmou os seus meritos de polemista. Escriptos em linguagem escorreita, sempre collocando-se acima da trivialidade, seus artigos, que eram lidos com sympathia, tinham por principal escopo a pacificação do Estado, então convulsionado pela guerra civil. Candal se batia pelo esquecimento dos agravos daquella hora sangrenta que enlutava a nossa terra, pelo entrelaçamento da gente gaucha confraternizada de novo na grande alvorada de uma paz bemfazeja.

Não consentia que seu jornal explorasse, em *furos* escandalosos, as desgraças sociaes. As noticias relativas a suicidios e outros factos, cuja repercussão era perniciososa, foram completamente banidas de seu jornal. Cercara-se de uma pleiade de moços de talento, cuja collaboração enriquecia as paginas d'„A Republica“.

Substituiu-o na direcção dessa folha a penna lapidar, o talento de escól de Alcides Maya.

Refractario por temperamento e educação ás luctas estereis do partidarismo, mesmo assim, não poudé evitar sua coparticipação no momento politico de então, ao lado dos elementos opposicionistas que formavam junto ao seu grande amigo Barros Cassal.

Registremos as considerações com que aprecia essa phase de sua existencia:

„Foi o meu caso mais uma demonstração de que um passo na vida arrasta a outros consequentes, inevitaveis: como na engrenagem de apparelho mechanico que vos apanhe um dedo, levará após si mão, braço, tronco... Cheguei assim a fazer parte de um Directorio politico de elementos combinados das opposições!

Morto Cassal, nada mais me prendia á politica partidaria pela qual jámais tive predilecções; mas só depois de demorados esforços consegui libertar-me da solidariedade que se me impunha: o que fiz afinal, conquistadas algumas boas affeições, que me compensam de inevitaveis dissabores. Ainda bem!"

Em 21 de Setembro de 1898 assumiu Arthur Candal o cargo de Administrador dos Correios, para o qual fôra nomeado pelo Presidente Prudente de Moraes.

Sua administração, embora acerbamente criticada, foi sempre pautada por linhas severas e dignas. De uma capacidade admiravel de trabalho, procurando prover a todas as exigencias do serviço, attendendo, sem distincções, todas as reclamações que lhe eram feitas e providenciando com acerto e justiça para dar melhor organização a esse difficil departamento da administração publica, Candal imprimiu um cunho novo ao serviço postal.

Mesmo com a terminação do Governo de Prudente de Moraes que, prestigiando os elementos opposicionistas, o havia nomeado, o successor daquelle Presidente o manteve por muito tempo ainda nesse cargo, tal era o seu modo de proceder.

Em vista das accusações que pesavam sobre o Administrador dos Correios resolveu a Directoria Geral destacar para uma inspecção, nessa Repartição, o illustre funcionario José Henrique Aderne. Depois de uma longa pesquisa, de afanoso trabalho, esse alto representante do Director Geral, constatou a improcedencia das accusações, fazendo ao Administrador dos Correios a justiça que lhe era devida.

Máo grado a origem politica de sua nomeação para o exercicio desse cargo, jámais fez delle, o saudoso morto, arma de combate aos adversarios ou premio a partidarios de seu crédito. Ha episodios interessantes que illustram essa affirmativa.

Fallecera em uma localidade do interior o agente do Correio. Um correligionario dessa localidade se candidata ao cargo, solicitando-o. Entremettes, recebe Candal carta de pessoa que lhe era desconhecida informando-lhe que o agente fallecido deixara viuva e filhos quasi na miseria, e que, apesar de ter sido seu adversario prestara serviços valiosos durante mais de 30 annos. Averiguada a procedencia da informação o Administrador nomeia a viuva de seu adversario com grande escandalo do correligionario preterido.

Como Chefe dessa Repartição agiu sempre de modo autonomo, sem se submeter ás injuncções de sua filiação partidaria.

O seu melhor elogio consiste na phrase com que delle se despedindo, ao deixar esse cargo, formulou, em nome de todos, um funcionario postal, que interpretava o sentir geral: — „A unica recriminação que tinha de seu Chefe é que havia dispensado mais consideração aos que não eram seus amigos.“

Só quatorze mezes depois de ter Prudente de Moraes deixado o Governo da Republica, pelo então Ministro Dr. Severino Vieira que, naquella dia, se exonerava para occupar função electiva, foi dispensado Arthur Candal do cargo de Administrador dos Correios, pelo telegramma que transcrevemos:

„Por motivo que deveis comprehender, fostes hontem exonerado desse cargo, voltando ao mesmo vosso antecessor, que delle sahiu sem nota. Não teria duvida em dar-vos outra collocação, se tivesse ensejo, que esperei debalde desde que assumi cargo ministro. Severino Vieira.“

Pleiteando a reintegração no cargo de que fôra privado, conseguiu por despacho do illustre Presidente Dr. Borges de Medeiros, de 1918, voltar á directoria da Repartição de Estatística do Estado.

Sua rapida passagem por essa Repartição ficou assignalada por serviços inestimaveis e pela remodelação que iniciou de varios trabalhos, como se depreende dos relatorios apresentados.

Aposentado em 1921 volveu de novo ao lar; para se dedicar inteiramente aos carinhos da familia que adorava.

Já então solapava-lhe o organismo combalido pela lucta incessante, pelo trabalho intellectual continuo e acurado, a enfermidade que o victimou, aos 65 annos de idade: esclerose dos centros nervosos.

Outra modalidade de seu temperamento era o pendor que desde os verdes annos manifestara pela poesia.

Temos entre mãos um volume de versos seus, a que dá o titulo de *Musa Ligeira*, em que se mostra exuberante de inspiração, tendo grande facilidade em versejar.

Esses versos que cuidadosamente revira e que deveriam ser publicados, com illustrações varias, são de uma doçura encantadora, em sua simplicidade.

Traduzem, em sua maioria, aspectos sociaes. O poeta tem para as grandes afflicções que conturbam a alma dos infelizes um balsamo suavisante, um consolo, uma lagrima. Ha no pequeno volume uma porção de fabulas, de um fundo moral

que encanta. A Patria lhe é preocupação constante. Lamenta o sangue que corre dos irmãos que se batem, sangue precioso malbaratado ingloriamente. Um cego que passa, uma pobre mendiga que piedosa mão conduz, um pae que morre deixando no lar deserto a miseria e a solidão, tudo, enfim, que traduz um gesto de misericórdia, de piedade christã, constitue motivo para seus versos. Lel-os, sentil-os, é conhecer-lhe a psychologia, essa bondade sempre attenta, essa preocupação pelo bem em que lhe transcorreu a vida.

Musa Ligeira é um compendio de bondade e de amor. Desprende-se de toda ella um suave echo de carinho revelador da formosura de uma alma, e um traço firme de um character virtuoso, moldado á antiga.

Não nos furtaremos ao desejo de transcrever-lhe alguns versos:

Um cego

Quando passa aquelle cego,
Rosto austero, grave andar,
Eu sinto um tremor estranho
Todo o meu ser abalar.

Se caminha ao meu encontro
Do menino pela mão,
Elle — estatura elevada,
Robusta organização,

Pedindo á creança o guie,
Ao fraco — amparo lhe dê;
Porque a luz que a estrada aclara
Ha muito, triste! não vê:

Desvio os passos, fugindo
De ouvir-lhe a sonóra voz,
Que outr'ora, em claros acentos,
Vibrou, possante, entre nós.

E lembrando o caso horrendo
Que os olhos lhe escureceu,
Bemdigo a crença piedosa
Que a elle o consolo deu.

São realmente bellos estes versos, em sua tocante, suggestiva simplicidade. E são todos assim. Que alma bem formada se nos revela nelles? Outro exemplo de grande valor litterario e moral:

A Sensitiva e a Virtude

Vês, minha filha, esta planta
Que neste vaso nasceu?
Que mimo as folhinhas della!
Que viço a noite lhe deu!

Pois bem! agora de leve
Se lhe tocares, verás;
Retraê-se toda, de forma
Que por morta a tomarás.

A tua mão é tão pura!
O teu calor — virginal...
Porque, pois, o teu contacto
Causou-lhe assim tanto mal?

A virtude, minha filha,
Como esta planta nasceu;
Num vaso assim pequenino,
Ella vingou e cresceu.

O seio teu, queridinha,
Foi o vaso que a guardou;
Ahi teve ella o cuidado
Que do mal a preservou.

Fomos eu e tua mãe
Que a regámos; o calor
De um sol ardente jámais
Tirou-lhe o viço, o vigor.

Como a planta, ella não soffre
D'alheia mão o calor:
Profanada — desfallece,
E morre, triste de dor.

Aquella recobra o alento:
A virtude — nunca mais.
Zela, filha, esta outra planta
Cultivada por teus paes.

Uma das maiores preocupações de Arthur Candal era a família, á qual exclusivamente se dedicava. Casado aos 21 annos de idade com a Ex.^{ma} Sra. d. Brasilina Pinheiro Candal, foi sempre exemplarissimo esposo e pae dedicado até o extremo. Deu aos filhos primorosa educação. Acompanhando-os como a grandes amigos em todas as phases de sua vida, traçou-lhes o caminho recto que haviam de percorrer. São os Drs. Arthur Candal Junior, medico pela Faculdade de Medicina desta capital, Ernesto Candal, actualmente Juiz de Comarca, avulso, de Caçapava, e Hugo Candal, Juiz de Comarca de Itaquy. Tem mais uma filha: a Ex.^{ma} Sra. d. Lavinia Candal Fonseca, casada com o Major do Exercito Nacional, Dr. Oscar Fonseca.

Foi este o illustre consocio que o Instituto acaba de perder. Seu nome, porém, ficará, em nosso meio, indelevelmente evocado pela nossa saudade e pela nossa veneração. Aqui continuaremos, nesta casa de trabalho, construindo o modesto pedestal de revivescimento das nossas tradições gloriosas, das nossas epopéas gigantes, da virtude dos nossos maiores, insculpindo nelle, tambem, os nomes desses companheiros que se vão para a longinqua jornada do Alem, legando-nos os seus exemplos de amor á grande Patria e de estremecimento affectuoso pela gléba commum, opulenta de glorias, exuberante de tradições que nos orgulham.



Algumas notas sobre a genese dos numeros para as areas do Brasil e seus Estados

(P.^o Geraldo José Pauwels S. J.)

Quem já se viu obrigado a occupar-se com alguma insistencia com o problema da superficie do Brasil e seus Estados, decerto parou mais de uma vez perplexo deante da confusão babylonica dos numeros, os mais divergentes para o mesmo Estado, e que não obstante nos fôram impingidos explicita ou implicitamente como resultados de medições rigorosamente scientificas; nem terá ficado menos intrigado com alguns destes numeros, por serem absolutamente impossiveis, como por ex. os que figuram em todos os quadros para os Estados de Sergipe, Alagoas, Maranhão e outros.

Pois, por mais rudimentar que tenha sido a *medição*, nunca por nunca poderiam resultar della 58.491 km² para Alagoas, e mappa algum forneceria numa medição 236.553 km² para o actual Rio Grande do Sul.

Mas como então explicar a existencia destes numeros? qual teria sido a sua origem? Porque afinal de contas aquelles numeros tambem não podem ser meras invenções; pois ha entre elles alguns que bem *poderiam* ser resultado duma medição feita num mappa defeituoso, por ex. os que Thomás Pompeu traz para Matto Grosso, Minas, Espirito Santo; outros afinal se afastam bastante da realidade, mas não tão grotescamente que não pudessem ser resultado de uma medição superficial num mappa muito defeituoso.

Vejamos pois, se não é possivel dar, não digo uma solução cabal e definitiva, mas pelo menos indicar o caminho a seguir, para approximar-se della.

Depois de muito virar e revirar o problema, depois de muito medir e calcular em numerosos mappas, novos e antigos, julgo poder affirmar: *os algarismos de Thomás Pompeu, que serviram de base para o „primeiro calculo planimetrico“ do Brasil e seus Estados, feito pela Commissão da Carta Geral de 1874,*¹⁾ *não devem a sua existencia a uma medição, valendo*

1) Abreviado: C. C. G.

o mesmo de todos os outros numeros contidos no quadro que segue mais adeante: *portanto não podem ser exactos, nem merecem esta fé incondicional, por tanto tempo a elles tributada.*

* Distinguimos medir e avaliar; medir é uma operação scientificamente rigorosa, realizada, para achar o exacto tamanho duma area, ao passo que a avaliação se contenta com uma certa approximação á verdade; aquella opera-se por diferentes modos, descriptos nos autores, esta aproveita geralmente certas leis geometricas, por ex. a superficie dum rectangulo é igual ao producto dos dois lados, que se applica a um territorio *mais ou menos* rectangular, ou tambem só *imaginado* tal.

Das razões que occorrem, para provar o nosso asserto, a primeira é a *simples impossibilidade de explicar certos numeros por uma medição*, por mais superficial que fosse, e por mais defeituoso, que se admittam os mappas para ella aproveitados.

Tomemos as 2.035 leg.² attribuidas por Pompeu a Alagoas, que forneceram pelo processo denunciado por Padtberg¹⁾ os 58.491 km² da C. C. G., equivalendo, porém, realmente²⁾ a 63.024 km². Para estes poderem estar contidos na area daquelle Estado, este deveria occupar cinco dos quadrilateros formados pelos meridianos e parallellos: o que á primeira vista se prova uma perfeita impossibilidade, sendo que Alagoas quando muito poderá conter 2—3 daquelles trapezios; por outra, a area de Alagoas deveria ser igual a um quadrado, cujos lados medem mais ou menos 2° 20', isso é uns 250 km!

Traduzido para o mappa, quer isso dizer: a area de Alagoas é igual a um quadrado, cujos vertices ficam respectivamente na barra do São Francisco, na do Serinhaem (Pernambuco), na villa de Taperoá (Parahyba) e na cidade de Jatobá (Pernambuco)!

Estou certo, todos hão de convir connosco: é absolutamente impossivel que as 2.035 leg.² de Pompeu sejam resultado duma *medição*!

O mesmo vale, mutatis mutandis, das areas „officiaes“ do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Piauhy e Maranhão.

Elucidemos ainda o caso deste ultimo Estado. Conforme a estatistica de Thomás Pompeu, Maranhão conta 16.0000 leg.²,

1) P. Augusto Padtberg — Estudo critico e calculo planimetrico das areas do Brasil e seus estados — 2.^a edição na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R. G. R. do S. 1923.

2) Pois a legua² equivale a 30,970 km², e não a 28,74273 km², como arbitrariamente suppôz a C. C. G.

portanto 495.520 km², que equivalem a 40 trapezios de 1 grau de lado, ou ainda a um quadrado de 700 km approximadamente de lado. Quem toma um mappa qualquer, nem um momento pôde duvidar da impossibilidade de collocar no Estado de Maranhão 40 daquelles quadrilateros; são uns bons dez demais. O lado, porem, daquelle quadrado extender-se-ia de Tutoya a Belem!

Não, em caso algum a medição foi a fonte de enganos taes, a não ser que alguém quizesse afirmar que os autores daquelles numeros não sabiam medir regularmente um território num mappa! Isso hade valer para um ou outro compendiarario, mas seria supposição ridicula, em se tratando dum Pompeu, dum Mendes, dum Niemeyer. *Não, estes não mediram, avaliaram apenas!*

Não que os numeros para todos os Estados exhibissem a mesma impossibilidade de uma medição, certamente que não! Como já se disse acima, varios algarismos bem poderiam ser resultado duma medição bastante exacta.

Mas não se vê nenhum motivo porque a area de um Estado havia de ser medida, outra apenas avaliada. De certo não, por ser a medição mais facil num caso do que num outro; ou então porque Matto Grosso se prestaria melhor para esta operação do que Rio de Janeiro? E comtudo Thomás Pompeu naquelle erra por apenas umas centenas de leguas², neste, porem, por um bom milheiro!

E' por isso que não hesito em tirar pelo processo da inducção a consequencia de que Estado algum tenha sido medido pelos autores dos numeros contidos no quadro já publicado por Padtberg e que segue mais adeante, augmentado pelos resultados obtidos na primeira avaliação e na ultima medição da area do Brasil e seus Estados.

Outra prova é a forma arredondada de muitos daquelles numeros. Por ex. na estatistica de Pompeu: Goyaz (26.000), Matto Grosso (48.000), Amazonas (66.000), Pará (40.000), Maranhão (16.000), Rio Grande do Norte (2.000). Ora, seria curioso, se taes numeros correspondessem á realidade. Como prova a medição conscienciosa de Padtberg e a do Club de Engenharia, publicada pela Directoria de Estatistica¹), de facto se

¹) Ao reeditar o — Estudo critico — de Padtberg (Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R. Gr. do S. 1923), julgava ser esta medição obra do Sr. H. Morize; engano aliás facil de explicar pelo modo em que a medição da area do *Brasil*, realizada pelo citado autor, e as areas dos *estados*, apparecem juntas sem qualquer explicação no — Recenseamento do Brasil, Vol. I, Introducção, pag. 18—22 —. Foi o Sr. Henrique Morize mesmo que numa carta delicada chamou a minha attenção para este engano.

distanciam da verdade geographica por varios milhares de leguas², valendo cada milhar 30.970 km², ou 2—3 trapezios de um grau de lado.

Taes arredondamentos, porém, em se suppondo uma medição previa, com mais propriedade deveriam chamar-se truncamentos!

Pelo que tambem por este motivo força é suppôr que taes numeros arredondados não provém de uma medição, senão de uma avaliação, cujo fim era determinar a area das provincias apenas com alguma approximação.

A prova directa e unicamente peremptoria seria adduzir o proprio testemunho do autor de uma avaliação. Isso, porém, só raras vezes é possível. Outras vezes consegue-se pelo menos citar uma declaração implicita, e ás mais das vezes devemos contentar com descobrir o processo da avaliação, com maior ou menor probabilidade, comparando entre si o numero indicado para a area, e a configuração do Estado.

Geralmente falando, deve excitar a curiosidade uma qualidade singular de quasi todos aquelles algarismos: *são altamente divisíveis*, mesmo abstrahindo do zero nas unidades que quasi todos mostram. Isso seria um acaso?!

E' obvio que a nossa intenção não pode ser, expôr num artigo de revistas a genese de todos os numeros que já tenham sido publicados para as areas dos nossos estados; mas é forçoso restringirmo-nos a tratar só das principaes estatisticas e que maior influencia exerceram por causa da grande consideração de que gozaram seus autores.

Pesquisadores mais idoneos e que dispõem de maiores recursos em mappas e livros antigos — condições esta imprescindivel, para trabalhos destes — poderão levar a cabo estas investigações, sem duvida de bastante interesse para a nossa geographia historica.

Antes de entrarmos na questão da evolução dos numeros para as areas dos Estados, devemos inserir uma carta de Conrado Jacob Niemeyer,¹⁾ dirigida ao Visconde de São Leopoldo,

¹⁾ Conrado Jacob de Niemeyer, 1.º filho do coronel Conrado Henrique de Niemeyer e de dona Firmina Angelica de Niemeyer, nasceu em Lishôa a 28 de outubro de 1788 e falleceu no Rio de Janeiro a 5 de março de 1862. Tendo no collegio militar de sua patria estudado como praça de cadete todos os preparatorios, sahiu de Portugal por causa da invasão franceza, indo ter a Portsmouth, donde passou para o Brasil, e aqui sendo addido ao regimento de artilharia e promovido segundo tenente em 1809, fez o curso desta arma e o de mathematicas. Pelos movimentos de 1817 e 1824 serviu em Pernambuco, donde neste anno passou ao Ceará, como commandante da força expedicionaria e presidente da commissão militar, instituida para julgar os implicados nos ditos movimentos de 1824, em cuja commissão foi accusado por abusos e arbitrariedades, e foi pelo governo imperial

carta esta que contem nada menos que a *primeira avaliação da superficie do Brasil e suas provincias*. Reza assim:

— Tenho a honra de apresentar a V.^a Ex.^a os apontamentos exigidas acerca da collocação do Brasil, e n.^o de leguas quadradas comprehendidas no seu litoral; creio q não podendo ser exacto he ao menos o mais aproximado possivel.

Já falei ao E.^{mo} Ministro do Imperio p.^a me fornecer todos os esclarecim^{tos}, papeis e Mappas q houverem na Secretaria a seu cargo p.^a organização da Carta geral do Brasil, e bem assim hum Official Engen^{ro} de m'escolha p.^a me coadjuvar em meus trab^{os} o q me prometteu.

A carta geral vae ser feita na Escala 1:3:000\$000, o q dará hum comprim^{to} e largura pouco acima de 7 palmos. Escala esta q me pareceu sufficiente p.^a notar os objectos de maior interesse, e tornar menos sensiveis os erros q he natural não possamos evitar em trab.^{os} semelhantes em hum Paiz aonde em m^{tos} lugares andamos as apalpadelas.

Depois d'amanhã retiro-me p.^a a Serra donde voltarei no principio de Outubro p.^a hir a Pernambuco, devendo achar aqui de volta em principio de 9bro, mas desejo antes avistar-me com V.^a Ex.^a amanhã ou q^{do} V.^a Ex.^a determinar afim de q V.^a Ex.^a possa melhor esclarecer o Instituto Historico a meu respeito.

Digne-se V.^a Ex.^a dispor de quem se honra e preza ser...

O Brasil q occupa a parte mais Oriental, e interessante d'America Meridional, está collocado entre os 5^o de Latitude

chamado á côrte em 1828, justificando-se então de taes accusações. Em 1832, accusado ainda de ter contrariado ao governo, e concorrido para a perturbação da ordem publica, foi sujeito a processo, defendendo-se egualmente dessas imputações; mas em seguida, desgostoso, pediu e obteve em 1833 sua reforma no posto, que tinha, de coronel, exercendo dahi em deante diversas commissões como engenheiro. Era dignatario da ordem da Rosa e da do Cruzeiro etc., socio do Instituto Historico e Geographico; socio da sociedade de geographia de Berlim e da sociedade geographica de Ratisbone. —

Editou entre outras obras uma carta da provincia do Rio de Janeiro, uma outra das provincias de Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, e, em 1846, uma — carta geral do imperio do Brasil, organizada sobre os melhores trabalhos existentes, antigos e modernos, contendo egualmente os planos que se puderam obter das cidades capitães e outros lugares notaveis. — Este mappa, bem que com imperfeições e erros, foi de grande importancia pela falta, que havia de semelhante trabalho. Foi pelo autor offerecido ao Instituto Historico, que o elevou, por isso, de socio effectivo a honorario, e conferiu-lhe a medalha de ouro, em 1847. — Diccionario Bibliographico. —

Boreal na Serra da Paracaima, cabeceiras do Rio Branco, e a foz do Rio Chuy na lagoa Mirim em 32° 45' 10" de Latitude Austral, sendo em consequencia o seu maior comprim.^{to} quasi N. S. de 755 leguas de 20 ao Grao.

A sua maior largura quasi E. O. entre 36° de Longitude Occidental na Ponta de Olinda, e o Presidio de Tabatinga em 71° 30' na confluencia do Amazonas com o Javary, proximam^{te} 710 leguas de 20 ao Grao.

A sua superficie he proximam.^{te} 270\$ Leguas qq as quaes se distribuem p.^{ta} man.^a seguinte.

Pará	86\$000 leguas q q
Goiáz	25\$000
Maranhão	8\$000
Piauhý	7\$600
Matto Grosso	60\$000
Ceará	4\$600
Rio Grande do Norte	2\$000
Parahyba	3\$600
Pernambuco	7\$200
Alagoas	3\$200
Sergipe	2\$800
Bahia	14\$000
Spirito Santo	3\$200
Rio de Janeiro	6\$200
S. Paulo	12\$000
Minas	15\$000
Santa Catharina	2\$200
Rio Grande do Sul	6\$000
S	270\$000

R.º 20 de 7bro de 1843.

Conservou-nos, pois, esta carta a primeira avaliação da area do Brasil e suas provincias, feita em 1843 por Conrado Jacob de Niemeyer.¹⁾

¹⁾ Claro está que ha avaliações anteriores das capitancias e provincias: mas a primeira que se refere á totalidade dellas e ao paiz inteiro, é esta de Niemeyer; pelo menos não me consta de outra mais antiga.

Por que processo, porém, teria chegado este para o seu tempo notavel engenheiro e valente militar áquelles dados, que, passando para o — Diccionario Geographico do Imperio do Brasil — por Milliet de Saint Adolpho, haviam de exercer não pequena influencia em todas as avaliações seguintes? Por outra: são estes numeros resultado duma medição ou duma avaliação?

Distingamos. Os dados para as provincias, é impossivel que provenham duma medição; 6.000 leg.² para o Rio de Janeiro, 3.200 para Espirito Santo, outro tanto para Alagoas, e outros Algarismos da mesma especie, dispensam-nos de ultteriores provas, para peremptoriamente podermos affirmar: aquelles numeros nunca são resultado duma medição, senão apenas duma avaliação!

Nem é mesmo preciso que todos os dados sejam de Niemeyer. O numero exorbitante para o Rio de Janeiro — 6.200 leg.² em vez de 1.370 — pode excitar a suspeita de que Niemeyer tivesse adoptado em parte resultados provenientes de avaliações anteriores.

Quanto á area do Brasil inteiro, a questão não é tão *simples e translucida*. Pois o certo é que depois de Niemeyer nenhum autor *approximou-se tanto como elle do resultado das medições conscienciosas de Padtberg e da Directoria da Estatistica*¹⁾; pois *reduzindo-se o resultado do ultimo, diminuido pelo que cabe ao Acre, a leguas*², com não pequeno *assombro obtivemos sem tirar nem pôr as 270.000 leg.*² de Niemeyer, com a *diferença insignificante, ou antes nulla, de quando muito 44 leguas*²!

Facto é este tanto mais notavel que os successores de Niemeyer até o anno do nascimento dos „numeros Officiaes“ mais e mais se afastaram da realidade geographica, com variações entre 272.000 e 291.000 leg.¹.

Tomando em conta só o valor do resultado, seria, portanto, bem possivel que Niemeyer, abrindo excepção á regra geral e sendo o unico para muitos decennios, tivesse feito um calculo rigoroso da superficie do Brasil.

Restam todavia algumas duvidas. Niemeyer achou este numero para a area do Brasil, como tambem os das provin-

1) Abreviado: D. E.

cias, antes de ter organizado a sua carta geral do Brasil, como se vê claramente pelo texto da carta acima publicada; a medição, portanto, não poderia ter sido realizada sobre aquelle mappa. Sobre qual então? Qual teria sido este mappa de 1843, que pudesse rivalizar quanto á exacção com o do Centenario, de modo que as medições feitas sobre elle, fornecessem resultados identicos?

Devo confessar que estas duvidas aguaram não pouco o prazer de poder apresentar a primeira medição da superficie do Brasil e que exhibe quanto ao total uma tão notavel concordancia com a medição mais recente.

Então nem aqui teriamos uma medição, senão apenas uma avaliação? Mas como então explicar essas 270.000 leg.², com as quaes esta avaliação hypothetica se approxima tão singularmente da verdade?

Neste lances lembrou-me, não sei como, que Niemeyer falava tambem nas dimensões lineares do Brasil e ocorreu-me a ideia de multiplicar as 755 leguas de comprimento com as 710 de largura; o resultado foram 536.050 leg.², e logo vi que ahi tinha um numero, cuja metade arredondada eram nem mais nem menos que aquellas 270.000 leg.², que, no dizer de Niemeyer, representam „proximamente“ a area do Brasil!

Mais uns instantes e vi que este processo tão simples corresponde ao de achar a area dum losango: multiplicar as duas diagonaes e dividir o resultado por dois; vi tambem que com um pouco de boa vontade se pode descobrir na configuração do Brasil esta figura geometrica — e não duvidei em cantar alliviado um heureka triumphador.

Realmente sou de opinião ter sido este o caminho, pelo qual Niemeyer acertou com as 270.000 leg.²; só assim solvem-se as duvidas acima expostas; só assim explica-se cabalmente o não ter elle medido tambem as areas das provincias, uma vez que tivesse applicado este methodo ao total do Brasil.

Neste ponto, no avaliar o total do paiz, Niemeyer distingue-se alias favoravelmente dos seus successores; pois estes, parece, contentaram-se com sommar as parcellas correspondentes ás provincias.

Em summa: julgo que tambem aquellas 270.000 leg.², por mais que concordem com o numero verdadeiro, são resultado duma avaliação, que não duma medição.

Para facilitar comparações, siga um quadro synoptico das diversas avaliações instituídas antes da publicação dos dados da Comissão da Carta Geral, junto com os resultados da D. E., reduzidos a Leguas² (leguas de 20 ao grau).

	I Niemeyer 1843	II Milliet 1845	III Pompeu I 1864	IV Pompeu II 1864	V Mendes 1868	VI Pompeu III 1869	VII Pompeu IV 1873	VIII D. E. 1920
R. G. d. S.	6.000	8.230	8.230	8.230	8.204	8.230	8.230	9.210
S. Catharina	2.200	2.200	2.200	1.200	4.380	2.580	2.580	3.070
Paraná				8.000	6.200		7.700	6.450
S. Paulo	12.000	12.000	10.200	10.120	10.300	10.120	10.120	7.980
Rio de Jan.	6.200	6.200	1.440	1.440	2.400	2.400	2.400	1.370
Esp. Santo	3.200	3.000	1.500	1.820	1.561	1.560	1.560	1.440
Minas	15.000	15.000	20.000	20.000	20.000	20.000	20.000	19.170
Bahia	14.000	14.000	14.836	14.836	14.836	14.836	14.836	17.090
Sergipe	2.800	2.800	1.040	1.080	1.360	1.080	1.360	0.690
Alagoas	3.200	5.200	3.200	2.035	2.356	2.035	2.035	0.920
Pernambuco	7.200	7.200	7.200	4.467	5.287	7.200	4.467	3.200
Parahyba	3.600	3.600	3.600	2.600	3.500	2.600	2.600	1.810
R. G. d. N.	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	2.000	1.690
Ceará	4.600	4.600	4.600	3.625	3.627	3.625	3.627	4.790
Piaulhy	7.600	7.600	7.600	10.500	10.500	10.500	10.500	7.930
Maranhão	8.000	8.000	8.000	16.000	12.000	16.000	16.000	11.180
Pará			40.000	40.000	40.000	40.000	40.000	44.010
Amazonas	86.000	89.000	50.000	60.000	66.300	60.000	66.000	58.960
Matto Gr.	60.000	60.000	60.000	60.000	48.000	50.175	48.000	47.690
Distr. Fed.			0.010	0.010	0.032		0.032	0.038
Goyaz	25.000	25.000	25.000	22.000	26.000	26.000	26.000	21.320
Brasil	270.000	275.630	277.350	277.963	291.018	287.498	290.047	270.008 ¹⁾

São, como se vê, as avaliações reunidas por Padtberg no seu „Estudo Critico“, com exceção da primeira, ainda não publicada, e da ultima; do mesmo autor tiramos também as informações sobre as fontes das avaliações 2—7.

I. Conrado Jacob Niemeyer, carta autographa dirigida ao Visconde de São Leopoldo, 1843.

II. J. R. Milliet de Saint Adolphe — Dictionario Geographico etc. do Imperio do Brazil — 2 tomos, Paris, 1845.

II. Thomás Pompeu de Souza Brasil — Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil — 4.^a ed., Rio de Janeiro, 1864, *segundo o quadro das provincias*, pag. 377.

¹⁾ Assim, sommando as parcellas; reduzindo, porem, os 8.363.162 km² do Brasil (sem o Acre) a leguas², obtem-se pouco mais a saber 270.041 leg.².

IV. Idem... *conforme o subsequente texto de cada provincia.*

V. Candido Mendes de Almeida — Atlas do Imperio do Brasil — Rio de Janeiro, 1868.

VI. Thomás Pompeu etc., citado sobre a quinta edição de 1869 pelo Dr. J. E. Wappaeus no „Kaiserreich Brasilien“, Leipzig, 1871.

VII. Idem... (segundo a 6.^a edição?), conforme vem referido no livro „O Imperio do Brasil na Exposição Universal de 1873 em Vienna“, Rio de Janeiro, pag. 6, onde se diz — Segundo os calculos do senador Pompeu que dão resultado quasi igual ao obtido pela directoria geral da Estatistica. —.

VIII. Directoria da Estatistica, no „Recenseamento do Brasil“, vol. 1, pag. 18—22, estando reduzidos a leguas² (leguas de 20 ao grau) os resultados da sua medição.

Não é preciso grande perspicacia para descobrir que Milliet adoptou simplesmente os resultados de Niemeyer, com poucas excepções apenas, que são as seguintes:

Para o Rio Grande do Sul preferiu com razão algarismo publicado nos „Annaes da Provincia de São Pedro“, 2.^a ed., 1839, pag. 17. A area de Espirito Santo, exaggerada na estatistica de Niemeyer por mais de 100%, apparece um pouco reduzida, sendo as 3.200 leg.² arredondadas para 3.000. As 5.200 para Alagoas se devem evidentemente a um erro typographico ou coisa que o valha; pois é incrível que Milliet conscientemente quizesse dar a esta provincia uma area quasi igual á de Parahyba e Rio Grande do Norte juntas; com razão, porem, julgou a superficie attribuida por Niemeyer ao Pará insufficiente, dando-lhe mais 3.000 leg.².

Quanto ao mais, Milliet não deixa perceber nenhuma tentativa de corrigir os dados de Niemeyer.

De facto passaram não poucos annos depois da primeira avaliação, até que se desse um passo adiante. Pois é só no „Compendio Elementar“ de *Thomás Pompeu de Souza*, que se descobrem serios esforços tendentes a obter melhores dados que os anteriores, esforços estes coroados em muitos casos de um exito mais ou menos feliz, por ex. quanto ao Rio de Janeiro, Espirito Santo, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Pará, Amazonas, Matto Grosso e Goyaz.

As poucas alterações para peor (Ceará e Piahy) não podem minorar a gloria de Pompeu, de ter feito trabalho proprio, não se contentando com um simples e inconsciente copiar os resultados dos seus predecessores.

Tem aliás o seu quê de interesse a facilidade com que Pompeu em uma e a mesma occasião offerece dados bem dif-

ferentes entre si: Santa Catharina, São Paulo (ou seria erro typographico?), Espirito Santo, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Ceará, Piahy, Maranhão, Amazonas, Matto Grosso e Goyaz, ao todo 13 provincias entre as 20 do paiz.

Destôa singularmente este modo despreoccupado da tyrannica gravidade, com que depois quizeram impôr numeros, a que seus proprios autores evidentemente attribuiam apenas uma maior ou menor probabilidade.

Este facto de Pompeu propôr na mesma occasião duas series de valores em parte bastante differentes, é aliás mais uma prova, de não pequeno alcance, para a nossa these, a saber, não terem instituido os autores antigos uma rigorosa medição, senão apenas uma avaliação mais ou menos exacta.

Ou como no caso contrario seria possivel eruir por ex. para a provincia de Espirito Santo ora 1.500, ora 1.820 leg.²? Ninguem decerto dirá que Pompeu não teria sido capaz de executar uma medição tão exacta como era possivel com os mappas então existentes. Se, portanto, elle não dá numeros exactos, provenientes duma medição, foi porque não quiz, julgando satisfazer a exigencias razoaveis com os resultados duma avaliação rapida. E, não tendo em vista publicar verdades rigorosas, limitou-se a propôr varias possibilidades, na supposição certamente de leitores capazes de escolher o que mais provavel lhes parecesse.

O Atlas de *Candido Mendes de Almeida* sem duvida alguma representa um progresso notabilissimo para o seu tempo. Comtudo é forçoso confessar que, quanto ao conhecimento das areas do Brasil e suas provincias a sua obra tem sido menos proficua, constituindo ella antes um retrogresso.

Comparem-se por ex. os numeros indicados por elle e os de Pompeu para as provincias de Rio de Janeiro, Sergipe, Pernambuco, Parahyba, Amazonas, Matto Grosso e Goyaz: em todos estes casos o algarismo proposto por Mendes de Almeida significa um ás vezes notavel regresso. Unicamente com relação á sua provincia natal, o Maranhão, vê-se um progresso real, que é pena se abandonasse logo depois. Quanto ao mais, limitou-se elle a applicar aos dados conhecidos uns leves retoques, que nunca poderiam ser resultado duma nova avaliação: Rio Grande do Sul, São Paulo, Espirito Santo, Alagoas, Ceará e Amazonas.

Prova peremptoria da nossa these seria o testemunho claro dos autores das antigas avaliações. Com os poucos meios, porem, á nossa disposição, impossivel é prestar isso para todos os estados. Nem é preciso; pois, conseguindo provar a these para alguns estados, podemos concluir que hade valer tambem para os outros. Pois, provando pelas palavras do

autor que elle não mediu, senão apenas avaliou a area de alguns estados, é moralmente certo ter elle feito o mesmo com relação a outros estados, que de modo algum offereciam maiores difficuldades, senão talvez menores, a um calculo rigoroso.

Para muitos estados, porém, deixa-se pelo menos mostrar o modo em que a avaliação se tem realizado, ou pôde ser feita.

Não duvidamos, mais de um hade classificar as nossas tentativas como nugacidades, tanto assim que confessamos mesmo, locaram ás vezes as nossas construcções as raías de brincadeiras. Mas o espirito humano não pôde deixar de avançar por entre o lusco fusco das possibilidades, em procura da razão de ser dum phenomeno, preferindo em fim uma hypothese que tenha visos de conter uma decifração, a um simples „ignoramus et ignorabimus“.

Principiemos com o *Rio Grande do Sul*. As 8.230 leg.², que mediante a multiplicação com o mirifico factor 28,74273¹⁾ forneceram os 236.553 km² da C. C. G., appareceram pela primeira vez na 1.^a edição dos „Annaes da Provincia de São Pedro“ do Visconde de São Leopoldo, ao passo que na 2.^a edição foram alteradas para 8.320 leg.². Milliet preferiu o valor indicado na 1.^a edição, que se manteve por todos os decennios seguintes.

Fonte primordial, porem, deste algarismo no sentido rigoroso não são os „Annaes“. Pois o Visconde de São Leopoldo hauriu as informações geographicas para a sua obra dum estudo de José de Saldanha,²⁾ elaborado em 1807, nunca publicado, e cujo autographo tenho deante de mim; abstrahindo de algumas ligeiras modificações, entre voluntarias e involuntarias, o trabalho de Saldanha foi inserido nos Annaes tal qual sahiu da penna do seu autor.

O trecho que se refere ás dimensões do Rio Grande do Sul, reza assim:

— A Capitania do Rio Grd.^e de S. Pedro do Sul está situada entre as latitudes austraes d'America meridional, contadas na costa do Mar de 28° 53½' e de 33° exactos, desde a Barra do Rio Araranguá,³⁾ separa p.^a o Norte as Jurisdicções pertencentes ao Governo da Ilha de Santa Catharina, até o lugar do Marco Portuguez, erigido na m.^{ma} Costa do Mar em 1784, em consequencia da incompleta Demarcação de Limites com a nação Hespanhola, e q' serve de Baliza p.^a principio oriental, da Raya Portugueza. Comtudo a Latitude no interior

1) Padtberg, obra citada, pag. 26 e seguintes.

2) Natural de Portugal; serviu de engenheiro na Commissão de Demarcação de Limites de 1783, e foi o segundo commandante do territorio das Missões.

3) Assim tambem na 1.^a edição dos Annaes, emquanto na 2.^a o Araranguá é substituido pelo Mampituba.

do Payz, comessa mais ao Norte coiza de hum gráo, sendo de 27° 50' o Paralelo do Rio das Pelotas,¹⁾ o qual serve de diviza do Governo do Rio Grd.^e com o da Capit.^a de S. Paulo. Entre as Longitudes Orientaes de 321° 24', e 328° 44' (contadas da ponta mais occidental da Ilha de Ferro); aquella na confluencia do Rio Ibicuhy no Uruguay, e esta na Barra do d.^o Araranguá. Tem na sua maior largura de L'Este—Oeste 120 leguas em linha recta (das q' entram 20 em hum gráo de Circulo Maximo). A sua dist.^a em direitura pela d.^a Costa do Mar hé de 100 Leguas; porem no lado Occidental não excede de 65 Leguas, contadas na direcção g.^{al}, do Rio Uruguay. *De cujas dimensões, e da inspecção do Mappa g.^{al} Corographico d'este Contin.^{te}, se deduz, q' toda esta Capit.^a tem a figura de hum Trapezio mistilíneo, formado p.^r dous Lados opostos deziguaes e rectos; e p.^r outros dous curvos, todos elles com as suas irregularid.^{es}, ou sinuozid.^{es}, e por conseguinte abrangendo a superficie pouco mais, ou menos, de 8\$230 Legoas, cada huma quadrada.* —

Saldanha diz aqui com toda a clareza desejavel que, considerando o Rio Grande como trapezio, com as dimensões indicadas, avaliava a sua area em 8.230 leg.². Outro não pode ser o sentido do trecho gryphado.

Verdade é que foi possível só por um curioso acaso que a formula empregada — lado parallelo menor vezes diagonal — desse resultado notavelmente bom para o tempo, em que a avaliação foi feita,²⁾ a saber, quando a provincia ainda não comprehendia a Campanha, mas tinha por limites os rios Santa Maria e Ibicuhy. A incongruencia começou apenas, quando aquelle numero passou para a 2.^a edição dos Annaes; pois neste meio tempo a Campanha já era incorporada ao Imperio. Não obstante ha quem teime ainda em sustentar aquelle anachronismo!

1) Ser actualmente o limite formado não pelo curso inteiro do Pelotas, senão em parte por um seu tributario da margem esquerda, o Contas, deve-se a um pretexto curioso dos Paulistas fundadores de Lages; pois affirmavam ser exactamente o Contas a nascente principal do Pelotas. Eis uma affirmação um tanto forte, em vista da notavel desigualdade das dimensões dos dois rios! Pois ao passo que o Pelotas no ponto da confluencia conta 33 m de largura, 4,5 m de profundidade e 79 km de extensão, mede o Contas apenas 39 km de comprimento, 3 m de fundo e 22 m de largo (Relatorio da Secretaria dos Negocios do Interior e Exterior, 1920, pag. III).

2) O mesmo vale do valor indicado por Fernando Denis (Brasil: edição de Garnier, I pg. 281). — Autores modernos lhe dão quinze mil leguas (sic!) de superficie. — Realmente contará o Rio Grande com a Banda Oriental, pois assim o entende Denis, apenas umas 30—40 leg.² mais que as indicadas.

Volvamos, porém, um instante ao manuscrito de Saldanha, que infelizmente não é isento de obscuridades; pois discrepa da 2.^a edição dos Annaes não só quanto á area da provincia, senão também quanto á maior largura no sentido de E—O, a qual diz ser de 120 leguas, contra as 128 consignadas pelo Visconde de São Leopoldo.¹⁾

Se as dimensões indicadas na 2.^a edição dos Annaes (128×65) fornecem realmente a superficie proposta de 8.230 leg.², o mesmo já se não pode dizer dos numeros apresentados por Saldanha e na 1.^a edição da obra citada, e isso apesar de pelo contexto ficar bastante claro que, dadas aquellas dimensões, ser a area „por conseguinte“ de 8.230 leg.².

Como unica explicação plausivel afigura-se-me um „lapsus calami“ de Saldanha em ambos os numeros, notado e corrigido por São Leopoldo, quando preparava a 2.^a edição dos Annaes.

Eguaes, senão maiores difficuldades encontra a explicação das 6.000 leg.² de Niemeyer. Talvez datassem dum periodo anterior á conquista do territorio das Missões, realizada em 1801 pela arrojada façanha de José Borges do Canto. Neste caso aquelle algarismo poderia ser resultado da multiplicação da extensão costeira de 100 leguas por uma supposta largura media de 60 leguas, á qual corresponde mais ou menos a distancia que ficava entre o litoral e as guardas mais avançadas a oeste da actual cidade de Cachoeira.

Santa Catharina. Niemeyer lhe attribue 2.200 leg.². Temos aqui uma prova do facto de aquelle autor ás vezes ter adoptado o resultado de avaliações anteriores, neste caso a que se encontra nos Annaes (2.^a edição, pag. 384). Digo: que se encontra — pois esta avaliação não pode ser obra do Visconde de São Leopoldo, em vista da exaggerada largura por elle indicada entre o litoral e o rio Canoinhas; só, se fôr um „lapsus calami“: 80 leguas em vez das 30 que correspondem mais ou menos áquella distancia.

O mesmo valor de 2.200 leg.² é acceito ainda por Milliet e, no quadro synoptico, por Pompeu, pelo menos na 4.^a edição de sua Geographia.

A origem, não digo provavel, mas pelo menos possivel daquellas 2.200 leg.² talvez seja a multiplicação seguinte: 60 leguas × 36 leguas; aquellas para a extensão N—S, conforme o que se lê na 4.^a edição da obra de Pompeu — „Sua maior extensão continental é de 60 leguas“; as 36 leguas correspondem mais ou menos á distancia entre o litoral e o Canoinhas,

¹⁾ A saber na 2.^a edição, pois na 1.^a lêmos também 120 leguas.

rio este que, segundo o Visconde de São Leopoldo, formava o limite occidental desta provincia.

Na parte que trata de Santa Catharina em particular, Pompeu propõe na 4.^a edição 1.200 leg.² para a superficie desta provincia, excluindo della todo o territorio litigioso e coarctando-a entre os meridianos de 6.^o 14' e 7.^o long. O do R. d. J.; diz assim: — Sua maior extensão continental é de 60 leguas sobre uma largura que não excede de 25 leguas; superficie 1.200 leg. quadradas — Parece, pois, que a area indicada foi obtida pela multiplicação de 60 por 20, como bem observa Padtberg.

Ser esta realmente a origem daquellas 1.200 leg.², vê-se claramente na Corografia Brazilica do P. Ayres de Casal, onde lemos: — Esta provincia, que he um desmembramento da de S. Paulo, comprehende a Ilha... e um terreno de sessenta leguas N—S no continente vizinho, contadas do rio Sahy... até o Mampituba... Sua maior largura não excede de vinte leguas... —

Tambem Denis¹⁾ acha — que occupa um espaço que deve ter sessenta leguas do norte ao sul e cuja largura são vinte leguas —, sem comtudo indicar uma area.

Mendes, incluindo todo o litigioso, avaliou a area da provincia em 4.280 leg.², com um exaggero de umas 500 leg.². Que se não trata de uma medição, dil-o o proprio autor: — Santa Catharina não irá alem de 4.200 a 4.300 leguas quadradas, pouco mais ou menos. —

Quaes, porém, os factores que deram este resultado? Talvez as 60 leguas de maior extensão no sentido N—S, e as 70 e tantas leguas que medeiam entre o litoral e a linha Chopim—Chapécó? Ou seriam uma tal e qual largura media de 50 leguas (passo de S. Victoria—cidade do Rio Negro) e as 90 leguas que vão do litoral á linha Santo Antonio—Peperý Guassú?

Seja qual fôr a origem, as 4.380 leg.² exactas não tem outro merito nem razão de ser, senão o de representar, conforme as palavras do proprio autor, um valor medio entre 4.200 e 4.300. Menciono isso, porque o valor *exacto* de 2.580 leg.², a base do numero „official“, é descendente directo delle, com todas as suas excellencias e falhas.

Pois Pompeu adoptou na 6.^a edição da sua Geographia as 4.380 leg.² de Mendes, diminuindo-as, porém, pelas 1.800 leg.² do territorio litigioso, por elle attribuido ao Paraná, resultando assim as já mencionadas 2.580 leg.².

1) Obra cit. I pg. 305.

Portanto, os valores apresentados pelos diferentes autores para a superfície de Santa Catharina, inclusive o que foi adoptado pela C. C. G., não são resultados de medições, mas apenas de avaliações.

Paraná. Como esta provincia até o anno de 1853 fazia parte da de São Paulo, a sua area vem nas primeiras avaliações englobada na area desta.

Pompeu avaliou em 1864 a supreficie do Paraná em 8.000 leg.². — Pela posição astronomica e os limites indicados, Pompeu inclue o terreno litigioso, até o rio do Peixe e suas vertentes. Patenteia-se seu modo de calcular pelo seguinte excerpto: „Dimensões — Pode contar 100 leguas em sua maior extensão sobre 80 de largura: superficie 8.000 leg. quadradas.“ Formou-se pois o producto de 100 e 80. —¹⁾

Mendes, attribuindo as 1.800 leg.² do litigioso a Santa Catharina, exhibe consequentemente 6.200 leg.².

Nas edições posteriores da Geographia de Pompeu, por ex. na qué forneceu os dados á C. C. G., apparece a area do Paraná não com as 8.000 leg.² da primeira, senão diminuida para 7.700. — As 300 leg.² descontadas parecem ser aquellas que no „Mappa do Estado do Paraná“ pelos engenheiros Alberto e Candido Ferreira de Abreu etc., figuram como „Territorios invadidos pelos Catharinenses“ (i. é Campos Novos e São Bento), avaliados no mesmo mappa em 300 leg.². Deviam-se pois accrescentar ao valor de Santa Catharina, mas ninguem se lembrou disso. —²⁾

O resultado, portanto, das nossas investigações é o mesmo que no estado anterior: segundo o testemunho dos proprios autores a area do Paraná não foi medida, mas apenas avaliada.

São Paulo. Niemeyer calcula a sua superficie junto com a do Paraná em 12.000 leg.², valor este adoptado por Milliet sem alteração alguma; talvez seja resultado da multiplicação de 120 leguas (distancia media entre o litoral e o rio Paraná) pelas 100 leguas duma distancia julgada media entre o Iguassú e os limites com Minas Geraes.

Pode ser tambem que o calculo se baseie numa supposta distancia E—O de 100 leguas, sendo de 120 a de N—S Denis³⁾ pelo menos diz: A provincia — occupa um espaço de 135 leguas, d'extensão do norte ao sul (até o Uruguay); de leste a oeste, o seu comprimento medio é de pouco mais ou menos cem leguas —.

1) Padtberg, obra cit. pag. 18, nota 7.

2) Idem, pag. 31.

3) Obra cit. I pag. 316.

O desenvolvimento do litoral de São Paulo e Paraná avaliava-se igualmente em 120 leguas.¹⁾

Depois da separação do Paraná em 1853, Pompeu avaliou a superfície de São Paulo em 10. 200 (no quadro synoptico) ou 10.120 leg.² (no tratado sobre esta provincia), ficando o ultimo numero até soffrer a metamorphose gloriosa no numero „official“ pelo famoso factor 28,74273.

As 10.200 leg.² talvez resultaram da multiplicação da distancia ao Paraná (120 leguas) pelas 85 leguas do litoral e reputadas como largura media. Como, porém, á extensão do litoral de modo algum corresponde a largura media, que de facto é muito menor, não admira que o valor achado fosse exaggerado; isso, porém, não obsta a que, transformado em km², seja mantido ainda em numerosos compendios escolares.

Rio de Janeiro. Para as 6.200 leg.², que Niemeyer, e com elle Milliet, estabelecem para esta provincia, não achei explicação que tivesse visos de probabilidade; afasta-se tanto da realidade — 1.370 leg.² — que nem podem ser resultado duma avaliação a mais rudimentar. Deve, portanto, buscar-se a sua origem em periodos anteriores, em que os conhecimentos quanto ás dimensões da provincia eram muito vagas. Pode ser tambem que aquelle valor comprehenda as areas de varias capitancias.

Por isso não admira que Pompeu na 4.^a edição da sua *Geographia* ficasse muito aquem daquelle numero, seguindo com as suas 1.440 leg.² de perto o censo official de 1850, que erui a superfície do Rio de Janeiro 1.352 leg.². Seria por considerar a provincia como rectangulo com lados de 60 e 24 leguas? Ou de 72 e 20? Em favor da ultima hypothese fala que Pizarro e Denis²⁾ avaliam a largura da provincia aquelle em 20, este em 19 leguas, sendo as ultimas facilmente arredondadas para 20.

Talvez tambem aquelle numero impossivel de Niemeyer fosse um lapsus calami: 6.200 em vez de 2.600; não deixa de ser curioso que seja exactamente este o numero citado por Handelsmann na sua — *Geschichte von Brasilien*³⁾ — como indicado por Milliet!

A sua origem neste caso teria que procurar-se nas seguintes palavras de Pizarro nas suas — *Memorias*⁴⁾ — ... comprehende (a provincia do Rio d. J.) hoje o espaço de 75 leguas, contadas da bordadura do mar desde o septentrião até

1) Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil, 1880, II pag. 57.

2) Obra cit. pag. 156.

3) Pag. 611.

4) Citado na — *Chorographia do Brasil* — por Alfredo Moreira Pinto, 9.^a edição, pag. 174.

ao Meio-dia, e de 55 leguas desde o Oriente até o Occidente. Em largura para o Poente, desde o Cabo Frio, terá 20 leguas. . .—

Sommando as duas parcelas do litoral, e multiplicando o resultado pela largura, obtemos exactamente 2.600 leg.².

Alguns annos mais tarde, Mendes emendou para peor o numero de Pompeu: 2.400 leg.², quer dizer, 1000 demais. Talvez o fizesse influido pela Geographia de Moure e Malte Brun,¹⁾ que consigna 4.000 leg.². Ou tambem, egualando a area da provincia á dum rectangulo de 20 leguas de largura, numero este corrente, como vimos acima, e de 120 leguas de comprimento, sendo certo que se attribuia ao Rio de Janeiro um litoral desta extensão.²⁾

Como Pompeu em edições ultteriores acceitasse o valor de Mendes, não admira que a Commissão da Carta Geral não pudesse fornecer um resultado que se approximasse da verdade.

Minas Geraes. Eschwege avaliara em 1816 a area desta provincia em 17.252 leg.²; Niemeyer, porém, attribue-lhe apenas 15.000 leg.², talvez por lhe dar uma extensão media de 125 leguas no sentido NE—SO, e 120 no de NO—SE? Seja como fôr Pompeu com toda a razão julgou aquelle numero insufficiente e elevou-o a 20.000 leg.²; pode este valor ser resultado da multiplicação de 140 por 150 leguas, estas no rumo NE—SO, aquellas no sentido de NO—SE.

Devo, porém, declarar que os valores indicados pelos autores para largura e comprimento de Minas Geraes ficam muito aquem dos acima suppostos; Denis³⁾ por ex. dá 112 e 80 leguas, numeros estes repetidos por Pompeu e outros.

Como aquelle numero, acceito tambem por Mendes, não fosse alterado nas edições posteriores da Geographia de Pompeu, entende-se que passasse, depois de transformado em km², para a estatistica official.

Espirito Santo. As 3.200 leg.² de Niemeyer vão muito alem da realidade, sendo ellas tão difficeis de explicar como as 6.200 do Rio de Janeiro. Seriam 80 leguas de litoral vezes 40 de largura media? Verdade é, tomar 40 leguas para a largura desta provincia é exaggeral-a muito. Aquellas 80 leguas, porém, foram realmente o valor corrente para a extensão da costa.⁴⁾ Milliet contentou-se com um leve arredondamento.

¹⁾ Tratado de Geographia elemental do Imperio do Brasil — Paris, 1861; citada por Padtberg, obra cit. pag. 33.

²⁾ Revista Trim. do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil, 1880, II pag. 57. — Milliet, obra cit. II pag. 416.

³⁾ Obra cit. II pag. 226.

⁴⁾ Revista Trim. do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil, 1880, II pag. 57.

Pompeu, porém, procedeu evidentemente a uma nova avaliação, offerecendo na 4.^a edição de sua *Geographia* dois valores, 1.500 e 1.820 leg.². A origem deste julgo poder explica-la: vem da multiplicação das 73 leguas de comprimento pelas 25 de largura, dimensões estas que são mencionadas também no *Atlas de Mendes*¹⁾; seria, portanto, aquelle numero apenas a expressão duma tradição.

As 1.500 leg.², pelo contrario, resultam talvez duma medição propria daquellas dimensões, na qual teria achado 75 leguas de comprimento e 20 de largura. Sobretudo o primeiro numero corresponde com bastante exacção á realidade.

Mendes introduziu uma pequena mudança para peor, augmentando as 1.500 leg.² para 1.561, substituindo talvez as 20 leguas de largura por 22,3, que, multiplicadas por 70 de comprimento, dão 1.561 leg.². O certo é que este valor, arredondado para 1.560, foi depois adoptado também por Pompeu e transformado nos officiaes 44.839 km².

Bahia. Niemeyer, avaliando a superficie desta provincia em apenas 14.000 leg.², provavelmente refere-se aos limites vigentes antes de lhe ser annexado em 1827 parte do sertão de Pernambuco e a comarca do São Francisco; pois na mesma medida que diminue o territorio da Bahia, augmenta o de Pernambuco, que naquelle anno perdeu os territorios mencionados.

Quanto ao numero mesmo, pode ser que seja resultado da multiplicação duma distancia presumida media de 100 leguas entre o litoral e o São Francisco, e de 140 leguas de comprimento medio no sentido N—S.²⁾ O certo, porém, é que o augmento de 836 leg.², devido ás informações do Sr. Botelho,³⁾ não passa duma „blague“; prova-o a mesquinha differença, onde qualquer avaliação seria devia fornecer um augmento de alguns milhares de leg.²; prova-o também a affectada exacção até as unidades, pois numa avaliação de areas deste tamanho muito é, se os milhares estão certos.

Não obstante, este valor errado de 14.836 leg.² mereceu a honra de ser acceito por Mendes e Pompeu, e de se perpetuar como numero „official“ mediante a transformação já sobejamente conhecida.

1) A sua maior extensão de Norte a Sul he de 73 leguas da margem direita do rio Mucury, á esquerda do rio Itabapuana, e de Leste a Oeste 25 leguas das ilhas Guarapary ou Guaraparim á margem direita do correjo Jequitibá. — Citado na *Chorographia* de Moreira Pinto, 9.^a ed. pag. 163.

2) Pode ser também que um dos factores seja a supposta extensão costeira, para a qual acho indicadas exactamente 140 leguas no *Diccionario* de Milliet (I pag. 107).

3) Padtberg, obra cit. pag. 18, nota 8.

Sergipe. Não resta duvida de que o valor adoptado por Niemeyer e Milliet vae muito alem da area da provincia, comprehendida como está entre os limites actuaes do Xingó ao rio Real, como Ayres de Cazal os expôz.

Doutro lado as aspirações sergipanas em tempos se extendiam sobre um territorio muito maior;¹⁾ pelo que não se pode com absoluta certeza affirmar que Niemeyer se enganasse muito na sua avaliação; tão pouco, porém, e pela mesma razão é possível eruir de que modo elle, ou seu informante, obteve as 2.800 leg.²; pois para isso deveriamos conhecer os limites suppostos. O numero em si facilmente se decompõe em varios factores: 40×70 , e 50×56 por exemplo.

Pompeu esforçou-se tambem aqui por obter um valor que correspondesse melhor com os limites de facto estabelecidos, offerecendo na 4.^a edição dois numeros pouco differentes, 1.040 e 1.080 leg.².

Talvez o ultimo se originasse do calculo dum triangulo rectangulo de calhetas conhecidas; uma, de 40 leguas, seria o litoral, a outra, de 54 leguas, a extensão do São Francisco até a barra do Xingó.²⁾

Mendes alterou o valor indicado por Pompeu para peor, elevando-o a 1.360 leg.², numero este que, depois de alguma bem justificada reluctancia, acabou por ser acceito tambem por Pompeu e assim serviu de base ao calculo da C. C. G. As 1.360 leg.² talvez representem a area dum rectangulo, com os lados de 38 leguas — o litoral³⁾ — e 36 leguas — largura media muito exaggerada —, de cuja multiplicação resultam 1.368 leg.².

Alagoas. Para o valor apresentado por Niemeyer não occorre explicação plausivel, exaggerado como é por uns 300%; pois tendo-se esta provincia constituida duma comarca de Pernambuco,⁴⁾ nunca houve pretensões para alem dos limites della, de modo que neste caso aquelle valor exaggerado se não pode referir a outro territorio que o actual.

Quem sabe, se as 3.200 leg.² de Niemeyer não resultaram da multiplicação do litoral pela parte respectiva do São Francisco com todas as suas curvas, operação esta que realmente fornece um producto approximado áquelle numero?

¹⁾ Moreira Pinto, obra cit. pag. 138.

²⁾ Idem: pag. 137. — O litoral do oceano comprehende com as curvas 36 a 38 leguas pouco mais ou menos, e do rio São Francisco 54 leguas. —

³⁾ Conforme o mesmo autor, pag. 137, mede 38 leguas tambem a extensão entre a barra do Xingó e as cabeceiras do rio Real.

⁴⁾ Pelo decreto de 16 de setembro de 1817.

As 5.200 leg.² de Milliet são evidentemente um erro typographic; devia ser 3.200.

Pompeu adopta no quadro synoptico o valor de Niemeyer, emquanto no tratado sobre Alagoas determina a sua superficie em 2.035 leg.², numero este acceito e transformado em km² pela C. C. G.

Mas qual a origem delle? E' possivel que exhiba a area dum triangulo rectangulo de cathetas conhecidas, uma de 74 leguas, o litoral muito exaggerado,¹⁾ a outra o São Francisco com 55 leguas; o resultado seriam exactamente as 2.035 leg.² de Pompeu.

O valor indicado por Mendes ou é simples errata, ou não passa duma modificação arbitraria do de Pompeu.

Para a provincia de Alagoas temos aliás um exemplo classico duma avaliação nas seguintes palavras do engenheiro Hermilio Alves:²⁾

— Cosiderando o Estado como um triangulo rectangulo, cuja hypothenusa seja a linha que liga pelo centro ou pelo interior, a barra do rio Pirassinunga, no Oceano, com a barra do rio Moxotó, no S. Francisco, essa hypothenusa terá pouco mais de tres grãos ou cerca de 62 leguas de 20 ao grão, e a altura do triangulo cerca de 30 leguas ou 1º 30'. Acceitando como bons esses dados, a superficie do Estado será de 930 leguas de 20 ao grão ou 28.504 kils. qs.; resultado mui proximo d'aquelle a que chegaram os engenheiros Krauss e Mornay. Este processo parece-me ser no estado actual dos conhecimentos geographicos do Estado, o que pode dar um resultado menos erroneo. —

Tinha razão o illustre autor; uma medição era de facto impossivel com os mappas imperfeitos de que se dispunha naquelles tempos, ao passo que uma avaliação prudente podia fornecer resultado apreciavel, como o mostra o proprio exemplo; pois o seu resultado differe pouco, apenas por 100 leg.² do que foi obtido pela D. E. na sua medição do mesmo estado.

Pernambuco. Niemeyer lhe attribue 7.200 leg.², sensivelmente tanto demais, quanto á Bahia dava de menos. Por isso Pompeu terá razão, affirmando desta provincia: — Talvez se contasse 7.200 leg. quadradas com a antiga comarca do rio de S. Francisco.³⁾

Milliet acceita como quasi sempre o numero proposto por Niemeyer. Tambem Pompeu o apresenta no quadro synoptico das provincias, ao passo que, tratando de Pernambuco em

¹⁾ Pois avaliava-se em 50 leguas (Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil, 1880, II pag. 56.

²⁾ Moreira Pinto, obra cit. pag. 128.

³⁾ Padtberg, obra cit. pag. 48, nota 9.

particular, lhe concede apenas 4.467 leg.². Diz este autor:¹⁾ — Esta medida foi feita pelo engenheiro Vauthier sobre a carta de Conrado por elle rectificada —.

Todavia é impossivel ser aquelle numero resultado duma medição, por conter 3 quadrilateros de um grão demais; sahiu portanto duma avaliação.

Neste caso o 7 nas unidades é um tanto exquisito; pois não ha factor inteiro que o pudesse produzir. Pelo que julgo que as 4.467 leg.² se tenham originado pela multiplicação dos dois lados dum rectangulo, sendo um, de 29 leguas, largura media de Pernambuco, o outro, de 154 leguas, a distancia do litoral á serra dos Dois Irmãos. O resultado é 4.466 leg.², exaggerado como o são os valores suppostos.

Em todo o caso foi este o numero que finalmente prevaleceu, tambem no „calculo“ da C. C. G.

As 5.287 leg.² de Mendes, emenda como se vê, para peor, talvez achem sua explicação numa mudança introduzida naquelles factores, a saber para 170 leguas de comprimento e 31,1 de largura.

Parahyba. Com a feição que os mappas antigos lhe davam, não pode restar duvida de que a sua area tenha sido avaliada como a dum rectangulo; a questão é apenas descobrir as dimensões suppostas dos dois lados na respectiva avaliação.

Niemeyer, presumindo talvez a extensão N—S de 30 leguas, e a de E—O de 120, consigna 3.600 leg.²; é possivel tambem que este valor supponha outros dados, por ex. as 28 leguas de litoral que se indicam em Milliet (II pag. 220) e 130 no rumo E—O.

Milliet adopta o valor de Niemeyer, como tambem Pompeu no quadro synoptico; onde, porém, o ultimo trata da provincia de Parahyba, avalia-lhe a superficie em 2.600 leg.², cuja explicação mais obvia seria o calculo dum quadrilatero de 100 e 26 leguas de lado.

Foi a estas 2.600 leg.², que a sorte destinou a gloriosa transformação no numero official e dogmatico da C. C. G.

O valor indicado por Mendes — 3.500 leg.² — tambem neste caso significa um notavel retrogresso, combinando de mais a mais nem sequer com as dimensões da provincia, que elle mesmo precisa assim: — de E. a O. 70 leguas desde o cabo Branco até a fronteira do Ceará, nas nascentes do rio Piranhas; tendo de costa 28 a 30 leguas, da foz do rio Guajú á do Capiberibe Mirim, no pontal do Guajirú —.²⁾ Estes nu-

¹⁾ Idem.

²⁾ Moreira Pinto, obra cit. pag. 107.

meros justificariam nem 2.100 leg.², quanto mais as 3.500 que o autor de facto attribue a Parahyba.

Rio Grande do Norte. Todos os autores lhe determinam a superficie em 2.000 leg.². Talvez não fique longe da verdade, quem como lados do respectivo quadrilatero suppõe 40 leguas no sentido N—S, e 50 no rumo E—O.¹⁾ E', portanto, esta provincia a unica, em que a avaliação de Niemeyer prevaleceu até os dias da C. C. G.

Ceará. A avaliação de Niemeyer approximou-se bastante da realidade, como mostra o nosso quadro synoptico. O mesmo vale quanto á area do Piahy. Seria talvez por ter tido occasião de conhecer mais de perto estas provincias nos annos em que exerceu o commando das armas no Ceará?

Difficil dizer qual a genese daquellas 4.600 leg.²; pois não se vê claramente, que figura geometrica teria servido de base á avaliação. Talvez fosse ainda um rectangulo, sendo os dois lados representados, um pela linha que de Fortaleza vae á intersecção dos limites com o Piahy e Pernambuco, o outro por uma linha que passa por Cratheús e Pereiro, esta de 80, aquella de 58 leguas mais ou menos.

Fosse como fosse, o numero indicado por Niemeyer foi abandonado por Pompeu, que o substituiu por 3.625, diminuindo desta forma a area do seu estado natal por mais de 1.000 leg.². Se este numero fôr resultado de factores inteiros, só podem entrar em questão 145 e 25, ou 125 e 29 leguas, assim como as 3.627 leg.² de Mendes se reduzem a lados de 39 e 93 leguas; mas que linhas lhes correspondem na realidade, difficil será eruil-o.

O valor suggerido por Mendes foi tambem adoptado por Pompeu e assim finalmente transformado no numero official.

Piahy. Niemeyer com bastante exacção lhe dá a superficie de 7.600 leg.², Pompeu com um exaggero notavel 10.500 leg.², valor este que foi acceito por Mendes e a Commissão da Carta Geral. Apontar a origem destes numeros, é tarefa muito difficil; os factores inteiros do primeiro talvez sejam 190 e 40, do segundo 150 e 70 leguas, sendo de notar que a maior distancia no sentido N—S é de umas 160 leguas.

Milliet (II pag. 303) diz: — Seu maritimo, que é de 18 leguas, não offerece senão um porto... A começar da beiramar estende-se para o sul, por obra de 125 leguas... E' de forma triangular, tendo na parte que respeita ao sul, perto de 100 leguas de largo. — Mas destes dados resultaria apenas

1) Pode ter 50 leguas de leste a oeste, no seu maior comprimento.

-- (Denis, obra cit. II pag. 113).

uma area de 7.375 leg.², tomando como largura media a metade da somma de 100 e 18 leguas.

Maranhão. Niemeyer e, depois d'elle, Milliet e Pompeu no quadro synoptico, lhe attribuem apenas 8.000 leg.², com um desfalque, portanto, de 7—8 trapezios de um grão de lado, se attendermos á actual superficie do estado. Não devemos, porém, esquecer que o Maranhão desde 1843 tem augmentado consideravelmente a sua area, ganhando pelo decreto de 12 de junho de 1852 todo o territorio entre o Gurupy e o Tury Assu. Deste modo a avaliação de Niemeyer apparece numa luz mais favoravel.

Supponho que ella se baseie no calculo dum quadrilatero de 80 e 100 leguas de lado, aquellas da barra do Parnahyba á do Tury Assu, estas numa linha o Tury Assu acima até o Tocantins.

Pompeu, tomando provavelmente em consideração o novo accrescimo, elevou no tratado sobre esta provincia o numero de Niemeyer ao dobro. Talvez não erre, quem derivar estas 16.000 leg.² da multiplicação de 100 por 160 leguas, representando ambos os numeros os lados dum quadrilatero, este a distancia que vae da barra do Parnahyba á do Gurupy, aquelle uma supposta distancia media entre o litoral e a linha Tocantins—Manoel Alves Grande. Seja, porém, como fôr, é neste numero tão exaggerado, que baseia o calculo da C. C. G.

Foi apenas quanto a esta sua provincia natal, que o valor apresentado por Mendes — 12.000 leg.² — é notavelmente mais exacto que os outros. Presumo que tenha substituido ás 160 do calculo de Pompeu, 120 leguas, pois que representam com bastante exacção a distancia media entre o litoral e a linha Manoel Alves Grande. E' tanto mais curioso que precisamente neste caso o valor suggerido por Mendes fosse deixado de lado nas edições ulteriores da Geographia de Pompeu, e consequentemente tambem pela C. C. G.

Pará. Avalia Niemeyer em 86.000 leg.² a area do Pará e Amazonas juntas; pois que foram separadas só em 1.º de Janeiro de 1852. Deriva talvez aquelle numero da multiplicação de 430 leguas — a distancia do litoral ao presidio de Tabatinga em linha recta — e 200 leguas, uma supposta largura media da Amazonia. Milliet elevou aquelle numero a 89.000 leg.², por que processo, difficil será dizer.

Pompeu, tomando em conta a separação entrementes realizada, attribuiu ao Pará a superficie de 40.000 leg.², valor este não alterado por Mendes e conservado até os dias da transformação no numero official de 1.149.712 km².

Quanto á explicação deste numero, não seria elle o producto dos factores 250 e 160 leguas, estas a distancia em linha

recta entre o litoral e Parintins, aquellas uma largura media no sentido N—S? O certo é que o valor indicado por Pompeu difficilmente podia ser mais exacto, visto o Pará naquelles tempos não contar mais que umas 40.300 leg.² de superficie; foi só em 1900 pelo *Accordo Directo* com o Matto Grosso que alcançou a actual area de 44.010 leg.².

Amazonas. As 50.000 leg.², que Pompeu no quadro synoptico concede a esta provincia, podem representar o resto que as 40.000 do Pará deixaram da area arredondada das duas provincias reunidas. As 60.000 leg.², indicadas egualmente na *Geographia* de Pompeu, mas no tratado especial sobre esta provincia, talvez se tenham originado da multiplicação de 250 leguas — distancia approximada de Parintins a Tabatinga — por 240 leguas, largura media no sentido N—S.

Mendes, afastando-se bastante da realidade, elevou aquelle numero a 66.300 leg.², baseado em que calculo, difficil será dizer, mórmente com aquella preciosa exacção até as centenas de leg.². Deve ter sido a mania dos numeros colossaes, que fez com que finalmente este algarismo, arredondado para 66.000, passasse tambem para a *Geographia* de Pompeu e assim servisse de base ao calculo da C. C. G.

Matto Grosso. Desta provincia diz Denis:¹⁾ — E' um paiz que não tem menos de 48.000 leguas quadradas de superficie —, valor este notavelmente exacto. E' aliás curioso que nas duas vezes, onde o autor citado precisa a area duma provincia (Rio Gr. do Sul e Matto Gr.), o valor indicado seja duma exactidão surprehendente em comparação com tantos numeros phantasticos propalados por outros autores.

Niemeyer por ex. avalia a area de Matto Grosso em 60.000 leg.¹, sendo seguido por Milliet e no quadro synoptico por Pompeu. Foi um exaggero de umas 12.000 leg.². Resultou este valor talvez da multiplicação de 300 leguas, a extensão N—S, por outras 200, largura approximada na latitude da borda do planalto, a chamada serra dos Parecis.

No tratado sobre Matto Grosso, Pompeu acceita o valor proposto por Denis, chegando assim bem perto do verdadeiro de 47.690 leg.². Quem quizer, pode vêr nestas 48.000 leg.² o resultado da multiplicação duma extensão media N—S de 280 leguas, pela largura na latitude de Cuyabá, umas 170 leguas.

Mendes augmentou aquelle numero para 50.175 leg.² — note-se a preciosa exacção até as unidades —, exaggerando a superficie desta provincia por umas 2.000 leg.². Este valor,

¹⁾ Obra cit. II pag. 188.

porém, não logrou ser acceito nas avaliações seguintes, de modo que o algarismo indicado por Pompeu foi adoptado também pela C. C. G. Se não obstante o numero official é bastante inexacto, deve-se isso ao facto errado que a mencionada Commissão usou na redução das leg.² em km².

Goyaz. Para poder comprehender a possibilidade de também a area desta provincia ser avaliada pela formula do quadrilatero, deve-se ter deante dos olhos um mappa antigo, como por ex. o de Moreira Pinto na sua Chorographia.

Niemeyer concede ao Goyaz 25.000 leg.², producto talvez da multiplicação de 125 leguas — a supposta largura media e distancia entre o meridiano 10° a O do R. d. J. e a serra dos Pilões — pelas 200 leguas de comprimento medio no sentido N—S.¹⁾ Milliet e, no quadro synoptico, Pompeu seguem a avaliação de Niemeyer.

Onde, porém, Pompeu trata da provincia em particular, lhe attribue apenas 22.000 leg.², valor este bastante exacto, pois afasta-se da realidade nem por 1.000 leg.².

Pena é ter Mendes exaggerado a area de Goyaz por quasi 5.000 leg.², isso é, por uns 12 trapezios de um gráo de lado; pois a grande autoridade de que elle, aliás merecidamente, gozava, fez com que este como tantos outros numeros errados, fosse acceito nas edições ultteriores da Geographia de Pompeu e viesse assim a servir de base ao calculo da C. C. G.

Temos examinado, enquanto os permittiam os nossos minguados recursos, a genese dos numeros que os principaes autores publicaram para a superficie do Brasil e suas provincias. *O que provamos na primeira parte para aquellas estatisticas em geral, resultou igualmente do exame das areas indicadas em particular, comprovado por cima em muitos casos pelas proprias palavras do autor do respectivo numero, a saber que todos aquelles algarismos, inclusive os que depois foram transformados em numeros officiaes, não são resultado de medições relativamente exactas, senão apenas de avaliações mais ou menos rudimentares.*

Não se diga que esta affirmacão mostre resaibos de um impiedoso desfazer na bem merecida fama de homens como Niemeyer, Pompeu e Mendes de Almeida. Não é tal. Pois elles, a bem dizer, nem podiam arrojarse a uma empresa tão ardua como é a medição exacta da superficie do Brasil e suas provincias: para tal faltava-lhes uma condição imprescindivel — mappas idoneos.

Por isso era força cingirem-se elles a uma avaliação mais ou menos perfeita.

1) Denis, obra cit. II pag. 212.

O quanto, porém, depende uma medição da qualidade dos mappas, vê-se claramente pelo facto de existirem discordancias até entre os resultados das duas medições, que, sem medo de errar, se podem chamar as mais perfeitas até agora realizadas dos estados do Brasil — a de Padtberg de 1907, a primeira que eu saiba de todas, e a da D. E. de 1920, e isso apesar de certamente ambos quanto a technica possuirem a indispensavel competencia para taes trabalhos.

Poderia alguém estranhar que se não tenha feita referencia alguma ás avaliações de Humboldt e Balbi. Esta omisão, porém, explica-se pelo simples facto de me constar da sua existencia apenas por citações de autores e o ter sido objecto dellas só a superficie total do Brasil, que não tambem as areas de suas provincias.

Totavia não será fóra de proposito transcrever aqui o que a respeito destas avaliações diz Alves Nogueira no seu excellente Compendio de Geographia e Chorographia do Brasil (pag. 148):

— O primeiro calculo da area do Brasil foi executado por Alex. de Humboldt segundo os mappas manuscriptos que lhe foram fornecidos pelo governo do Brasil (Relation historique, T. III, ch. 26, N. B.). O processo foi o seguinte: dividiu o Brasil em duas partes por uma linha traçada da foz do Tocantins e pelo curso do Araguaya, 74 km a oeste de Villa Boa de Goyaz, até o ponto em que o Paraná corta o tropico de Capricornio. A parte occidental ($=3.315.744 \text{ km}^2$) comprehendia as capitancias do Grão Pará, do Rio Negro e de Matto Grosso; a oriental ($=2.851.920 \text{ km}^2$) abrangia Minas Geraes, Goyaz e as capitancias maritimas. Era portanto a superficie total de $6.167.664 \text{ km}^2$. A linha de calculo atravessava o centro do territorio brasileiro, achando-se Villa Boa ($16^\circ 20' \text{ L. S.}$) na distancia de cerca de 2.055 km das cidades de Belem e Porto Alegre e de cerca de 1.333 km da fronteira boliviana e do Atlantico. Este calculo diz Humboldt, não differe muito do resultado obtido pelo geographo italiano Adriano Balbi (Essai statistique sur le royaume du Portugal, T. II, p. 229), isto é 2.250 milhas quadradas italianas. —

Quanto ao total indicado por Humboldt deve ter occorrido ao illustre autor citado um pequeno engano. Pois segundo Denis¹⁾ aquelle sabio avaliou a area do Brasil em 250.000 leguas² (de 20 ao grau), as quaes, convertidas em medidas modernas, fornecem $7.742.500 \text{ km}^2$, sendo que a legua² equivale a $30,97 \text{ km}^2$.

1) Fernando Denis — Brasil — I pg. 93.

Se ainda alguém quizer saber qual o fim deste desprezível trabalho, respondemos que a nossa meta não foi tão sómente em geral o desejo de contribuir com o nosso quinhão, por mais parco que seja, para o progresso da chorographia do Brasil, da qual certamente a parte historica não é a ultima, senão foi também e principalmente um fim particular — coadjuvar, para que se introduzam nos compendios escolares valores mais exactos para as areas dos nossos estados.

Pois, se é certo, serem os que se encontram em compendios dos mais modernos, apenas resultado de avaliações imperfeitas e por isso mesmo imperfeitos, deficientes e em grande parte consideravelmente erroneos, se isso, como se provou, é certo, qual então o motivo que poderia justificar ainda a permanencia de taes valores?!

Não, impõe-se como medida imprescindivel introduzirem-se também nas aulas os resultados das medições de Padtberg e da D. E., resultados estes que, podemos dizer, são bastante approximados, para não soffrerem modificações demasiadas por futuras medições.

— Já por demais dominaram os tristissimos resultados da Commissão da Carta Geral. E' tempo que desapareçam de vez dos nossos atlas, livros, publicações quaesquer; urge sejam banidos de nossas escolas, repartições publicas e, quanto possivel fôr, até de nossa memoria. E' este um appello que dirigimos a todos os competentes, em nome da verdade por tanto tempo desvirtuada e da sciencia estatistica illudida, em nome também da honra do Brasil que poderia vir a soffrer desdoiro, si continuássemos num erro reconhecido como tal —.¹⁾

¹⁾ Padtberg, obra cit. pag. 33.

P. Geraldo José Pauwels S. J.

TEMBETÁS

(Dr. F. R. Simch)

Meus Confrades:

Continuando o exame dos artefactos indigenas recolhidos ao Museo Julio de Castlihos, e na ausencia de profissional que se quizesse com elles occupar, venho novamente tomar vossa attenção por alguns momentos; e, aqui vol-o declaro, sómente o compromisso assumido para com nosso digno presidente venceu meus escrúpulos, pois ao pôr sériamente mãos á obra me apercebi de quão delicada é a tarefa e que somma de conhecimento ella exige; apezar de tudo, porém, não abandonei a pesquisa, mas convencido, rigorosamente convencido, de apenas poder afflorar o assumpto. Penetrar-lhe no intimo, resolvel-o de modo cabal é obra excedente a minhas forças: ahi fica apenas o material colligido para os competentes.

Materia é esta — a dos tembetás — escassamente tratada na litteratura respectiva, sendo de todos os trabalhos accessiveis, talvez o mais notavel a monographia de nosso eminente Ladislau Netto, do Musêo Nacional; tudo mais são notas soltas, esparsas, difficeis de enfeixar em uma seriação logica. Apezar, porém, da castiça belleza de linguagem do extinto sabio brasileiro e apezar da cópia de argumentos por elle expendidos, não me pude submeter integralmente ás suas conclusões e os motivos os exporei aqui.

O tembetá é um adorno labial de pedra usado pelos indigenas brasileiros — e com esta definição está propriamente exgottado o conceito do objecto em questão. Certo é que já a Ladislau Netto não escapou tratar-se de uma peça da *indumentaria*, mas não foi examinado este genero — a.

indumentaria — com a precisão devida, para depois se lhe subordinarem as diversas especies, ou classes ou peças ou como se as queiram chamar.

Com effeito: que é indumentaria no sentido technico-ethnologico? o conjuncto de elementos de que se *vestem* os individuos nos differentes paizes e epochas a que pertencem. Cumpre agora, perquirir da sua razão de ser: porque tem um feitiço n'um povo, porque é de outro em um segundo e assim por diante. Parece prudente dividir a materia em secções conforme as *causas determinantes*.

Temos, em primeiro logar, como causa mais geral de todas, a necessidade de abrigar-se o homem contra as intemperies — este termo tomado no sentido amplo, isto é, podendo significar tanto os frios hyperboreos, como os calores senegalescos, as calmarias podres e os vendavaes desfeitos; em relação ao corpo nú do homem — o macaco giabro de certos scientistas espirituosos ou profundos — qualquer phenomeno meteorico nocivo entra na categoria das intemperies. Isto nos explica porque o habitante das zonas tropicaes anda nú, preferindo a sombra dos bosques ás ardentias nas campinas; explica porque o esquimao e o fuegiano se vestem de pelles ainda hoje; e porque, em dias de minuano, nós outros enfiámos o sobretudo e no verão nos trajamos de roupas leves: é tudo uma questão de oppôr ao ambiente hostil ou desagradavel uma defeza adequada.

Ora, nas sociedades primitivas, naquellas em que a industria é embryonaria ou apenas rudimentarmente desenvolvida, comprehende-se dever existir, pela falta de recursos, uma grande uniformidade ou, antes, uma verdadeira identidade no modo de se vestirem os individuos. A' medida, porém, do desdobramento das industrias — para o que se podem, ás vezes, requerer seculos — tambem a indumentaria vae perdendo a monotonia: vão apparecendo — sem perda de seus traços geraes — modificações ligeiras aqui, ali, acolá; e somente em periodos de franca prosperidade, quando as relações commerciaes se firmam, as distincções se accentuam com nitidez.

Digno de nota é ir esta uniformidade tão longe, a ponto de serem caracterisados povos inteiros apenas pelos indumentos o que, aliás, não deve admirar pois, ainda hoje, certas classes das sociedades modernas só por essa forma se distinguem de todos os mais grupos sociaes. Haja vista a classe

militar: como sabemos, ou não, si certa e determinada pessoa é desse officio? Na grande generalidade pela indumentaria; e como se destacam nesta classe as diversas funcções? por signaes que á primeira vista nos podem passar despercebidos: divisas, galões, bordados, estrellas discreta ou ostensivamente dispostos sobre um fundo commum.

Todos estes phenomenos estão intimamente ligados entre si: tem o homem necessidade de abrigar-se da intemperie — recorre a indumentos mais ou menos semelhantes para cada paiz e epoca, de accordo com a capacidade industrial coeva. Dentro de cada grupo é indispensavel distinguir differentes funcções sociaes — modifica-se-lhes ligeiramente a veste commum para se destacar das outras.

Ainda ha mais: de todas as differenças existentes entre os individuos a mais profunda, a insuperavel — apezar de Miss Pankhurst — é a resultante da diversidade sexual; o resultado: a indumentaria masculina é differente da feminina mesmo nos povos desnudos para nossa accepção desse termo. Dentro de cada uma destas duas classes se poderão fazer gradações tão efficazes como aquellas.

Bem visto será que, nos paizes onde sobrem industrias, a variedade poderá ser maior; onde escasseiem será mais ou menos apagada.

Mas na propria vestimenta — si me permitem este termo tratando-se ás vezes dos povos desnudos — ha que distinguir os elementos *essenciaes* ou indispensaveis, dos *accessorios* ou secundarios. Assim uma pelle de carneiro ou pellego como manto contra o frio será um elemento essencial; a presilha, botão, pregador, fivela, fibula, atilho, etc., com que se mantém ou prende ao corpo é elemento secundario. A distincção tem sua importancia pois os elementos essenciaes são os menos variaveis, ao passo que os accessorios podem se modificar muito e por isso mesmo, os distinctivos, dentro de cada classe, se fazem nesses accessorios e não nos elementos indispensaveis.

Fique aqui desde já consignada uma observação: a indumentaria, fundamentalmente, visa abrigar o corpo humano das intemperies mas não decorre da chamada noção do pudor; entre os povos cultos, ou que se têm por taes, serve a um e outro desses dois fins, entre os selvagens não. Não podemos e nem devemos taxar os selvícolas de desavergonhados por andarem nus; entre elles *naturalia non sunt turpia* e os oleiros de Marajó fabricando para as mulheres aquellas pequenas

chapas triangulares com tres furos — as chamadas tangas, — satisfaziam no genero — confecções — ao mais exigente moralista de seu tempo, bem como os caryrys do Alto Xingú atilhando o prepucio por sobre a glans penis se collocavam em condições da mais rigida austeridade e compostura social.

Nós, os chamados civilisados (chamados por nós mesmos), não devemos applicar de modo algum aos povos primitivos e aos selvagens de qualquer epoca um estalão todo nosso; havemos de aquilatal-os pelos padrões delles proprios sob pena de nos enrodilharmos em difficuldades por vezes inextricaveis.

Retornando ao assumpto. Aquelles elementos eminentemente variaveis em que as posses, a habilidade e a phantasia de cada um se podiam manifestar com certa largueza vieram a constituir — fundamentalmente — os adornos e adereços. Levemos ainda em conta a vaidade e teremos o factor *moda* que tanto dá que fazer com o seu pleomorphismo apparentemente desprendido e desligado de qualquer circumstancia causal. Digo apparentemente por isso que a causa real é clara, pertencendo, porém, a outra ordem de considerações de que aqui me não posso occupar.

Fica egualmente comprehendida fazerem parte dos elementos de ordem secundaria as côres das peças de indumento e até as qualidades da materia prima; e da mesma maneira se prendem, o que convém accentuar, a este grupo todos os typos de insignias e distinctivos de qualquer especie ou categoria.

Outro fim da indumentaria apresenta-se-nos — sempre com o mesmo caracteristico fundamental — na defeza contra as aggressões exteriores quaesquer que sejam; assim ninguem se lembrará de pôr em duvida ser o calçado uma defeza contra as asperezas dos caminhos, isto é, um meio de abrigar os pés contra as aggressões de quaesquer substancias capazes de os ferir ou magoar. As cotas de malha usadas na Europa e na America em outras epocas, os escudos, capacetes, etc., pertencem tambem a esta categoria. Abro, quanto ao calçado como meio de defeza, uma excepção em favor dos *civilisados* que, como o pretexto ou objectivo de apparentarem um pé pequeno ou como lá dizem *elegante*, o mettem em botas que lhes não servem; abro a excepção, pois os que assim procedem em vez de apparelho protector munem-se de um instrumento portatil de martyrio que nada fica a dever aos que são attribuidos ao Santo Officio! Os meus Confrades certamente já ouviram

falar — ainda que vagamente — em callos e unhas encravadas? Pois são os resultados da elegancia!

Vae, porém, mais longe a applicação: o indumento podia servir de *meio de apavorar* o inimigo em geral; são muito communs, sobretudo entre povos rudimentarés as *maskas* de animaes armigeros para infundir o terror, exactamente como a physionomia das pessoas por via de regra se descompõe em visagens por occasião das coleras e dos arrebatamentos.

Mas... e os tembetás? perguntarão os Confrades. Lá chegaremos. Volvemos a nos approximar da materia que, de facto, pode parecer relegada para segundo plano

Como procederiam os povos habitantes de paizes de ambiente brando ou pouco hostile?! Certamente nelles a indumentaria, de accordo exactamente com o meio, é muito reduzida e podemos dizel-a nulla quasi em alguns casos; de facto a nudez dos selvagens das regiões tropicaes e subtropicaes é constantemente affirmada e accentuada por todos os pesquisadores de todas as epochas; mas entendamo-nos: *nudez* no sentido dos observadores, dos adventicios e não no sentido dos povos por nós chamados *nús*. Estes de seu proprio ponto de vista estão *vestidos*, extranhando egualmente os motivos de *tanta roupa* nos desconhecidos visitantes. Em geral aqui, isto é, entre estes povos só se encontram uns poucos de elementos secundarios: collares, diademas ou cocares, tangas, simples cintos, braceletes, argolas, atilhos, etc. Todos os distinctivos que se podem fazer, e se fazem n'uma indumentaria complicada, se hão de realisar com aquelles poucos elementos. E quando elles não bastem recorre-se a outros meios: a pintura do corpo, a tatuagem, ás cicatrizes systematicas, ás vezes mesmo ás mutilações.

A pintura era largamente usada pelos nossos primitivos indigenas ora limitada ou em parte reduzida do corpo, ora extendendo-se a elle todo; ás vezes uniforme em fundo, outras caracterisando-se em desenhos mais ou menos caprichosos; certas tribus só usavam a pintura em suas solennidades, outras as tinham permanentes.

O mesmo se dirá da tatuagem, lembrando apenas este traço essencial: a tatuagem é indelevel e a pintura não; a tatuagem entre nossos incolas primitivos era pouco praticada ou pelo menos não attingiu, em hypothese alguma, á extensão que tomou entre certos povos da Polynesia e alguns da Africa.

O mais curioso typo desta substituição da indumentaria é por certo a abertura de cicatrizes systematicamente dispostas, por via de regra, nas faces, nos braços, no peito e nas côxas. Muitos de meus Confrades, certo, ainda se lembram dos velhos africanos de *cara lanhada* como eram chamados; pois aquelles *lanhos* ou cicatrizes eram uma forma extranha de caracterisação de tribus, classes, grupos; na falta de indumento sobre que se podessem imprimir as diversas differenças, elles as traçavam indelevelmente nas proprias carnes.

Mais longe vão ou, ao menos, iam alguns povos em materia de supportar estes verdadeiros sacrificios: na Africa algumas tribus se distinguem, e fazem disso garbo, por partirem os dentes, extirpando-os; a maioria dos nossos indigenas quebrava lateralmente os dentes incisivos dando-lhes a forma ponteaguda dos caninos.

Outros avançam ainda além: furam os labios, as faces, o septo nasal e os lobulos das orelhas para ali enfiarem adornos, insignias ou o que quer que seja, de modo a deformarem aquellas partes do corpo no correr do tempo. Ainda quando se trata de conseguir, com estas deformações, meio de se destacar, quando disso decorre uma porção maior de *exestimatio*, transit; mas — segundo me consta — e por certo meus Confrades tambem já o ouviram dizer — nos tempos que correm certas senhoras furam, taes quaes os selvagens, as orelhas para lhes enfiarem aros de metal com ou sem pedrinhas; como disse o facto me consta, com certeza ainda não o pude averiguar; mas a ser verdadeiro, não haverá differença entre enfiar no furo da orelha um pedaço de madeira, um de nephrito ou um de ouro com brilhantes — o facto é o mesmo — sómente não se poderá allegar entre nós a falta de indumento que é caracteristica nos indigenas em questão.

— Eis-nos chegados finalmente ao ponto de que devemos partir: os tembetás são pedras ou outras quaesquer substancias talhadas para serem usadas nos furos feitos nos labios restando saber si tudo o que até agora se tem reunido debaixo desta designação entra, de facto, nesta categoria.

O uso deste adorno é mais ou menos generalisado pelos continentes todos, mais intenso em uns logares, menos intenso em outros. Das tribus brasileiras a que mais notavel se tornou neste sentido foi a dos Aymorés ou *botocudos* propriamente ditos (a não confundirem com os botocudos de S. Catharina). Usavam elles o *Guimun*, um grande disco de substancia lenhosa da madeira — da *Bombax Ventricosa*, a barriguda — muito leve como podem os Confrades se certificar pela amostra aqui exposta; este disco era enfiado no labio inferior. A perfuração se fazia

nos individuos muito novos mettendo-se na ferida um pequeno disco provido de uma canelura ou entalhe circular em que se prendiam as bordas do labio; gradualmente este disco ia sendo substituido por outros maiores attingindo, por vezes, até diametros taes que o labio se rompia na parte superior. Não era, porém, isso motivo para o botocudo desistir do botoque: amarrava as extremidades rotas com embira e eil-o novamente mui ancho com seu ornamento. Cousa semelhante se praticava no lobulo da orelha; si, o que era commum, se perdia o botoque d'ahi, o *chic* era apanhar a laçada e passal-a por cima do pavilhão: devia ser realmente interessante o aspecto destes *almofadinhas*.

Em outras tribus não se usavam botoques tamanhos, mas as perfurações se destinavam a receber um fio de contas, ou de cannulas de pennas coloridas vivamente, ou uma simples trança de filamentos. Algumas vezes, porém, embutia-se no labio uma pedra cujo feitio — pelo peso do material — era tal que permittisse uma boa fixação nas carnes tão flexiveis da região labial e auricular: a forma era a de um cylindro em cuja base havia um rebordo saliente, largo e ligeiramente concavo para acompanhar a curvatura da maxilla. O objecto que mais se lhe assemelha é o chapeo de luxo a que chamamos *claque*. (Veja figura em L. Netto).

Comprehende-se, porém, que nesta especie de botoque o cylindro não poderia exceder de certas dimensões e isso por dois motivos: primeiramente porque o peso do adorno rasgaria bem depressa o labio e, o que é peor — ou devia ao menos sel-o — o botoque não pararia no lugar perdendo-se com facilidade; em segundo lugar a confecção deste tembetá era difficil, pela natural rigeza do material e pela demora em levar-a a termo.

Chego assim a equiparar *causalmente* os botoques e os tembetás não havendo nisso novidade alguma por já o terem feito todos os autores que delles se occuparam; minha divergencia — *sit venia verbo* — está nas causas fundamentaes que eu induzo ou tiro da indumentaria emquanto a generalidade dos pesquisadores a filia á phantasia pura, a aberrações, etc.; e no eu não acceitar como tembetás todos os adornos collectivamente reunidos sob esta denominação.

Seja dito de passagem ter querido o eminente Ladislau Netto tirar dos tembetás conclusões acerca da vida sexual dos indigenas, chegando a mandar proceder a pesquisas neste sentido. E' o caso de partir elle do principio de que nos contactos sexuaes os labios desempenham — no beijo — um delicadissimo papel, operando uma verdadeira transfusão psychologica

dos individuos conjugados e, pois, accrescenta elle, todos aquelles povos de labios tão brutalmente deformados a ponto de não servirem para o beijo, não poderão *amar* no sentido verdadeiro do termo. Convém distinguir no assumpto que, apesar de escabroso, tem de ser, como já o tem sido, abordado; as relações sexuaes podem ser grupadas em tres series: 1. a simples conjugação para a reproducção da especie com os excitamentos nervosos de que o proprio apparelho physiologico dispõe de modo directo e de maneira reflexa; 2. a serie constituida da luxuria ou super-excitação á conjugação, independentemente do fim philogenetico de manutenção da especie; 3. o ultimo grupo formado da lascivia, isto é, daquelle aspecto em que a conjugação é explorada pelos individuos em todas as suas formas, ainda as mais repugnantes para o fim de saciar-se de prazer. Os animaes, em regra, operam na primeira serie; os homens debaixo do aguilhão de circumstancias especiaes explorarão a segunda; mas somente os degenerados se entregam á terceira.

Ora bem; L. Netto não levou em conta estes tres aspectos, collocando-se no ponto de vista de um amor todo ideal, esquecendo-se ser este um producto da cultura e civilisação — o que equivale a dizer não se poder aferir as relações sexuaes entre selvagens pela nossa craveira commun.

A conjugação *a tergo*, *ad instar animalium*, que lhe parece ser a conclusão logica da existencia do botoque, é praticada como regra geral na Polynesia e em um sem numero de tribus de labios perfeitamente intactos. Na India, onde tambem se não deformam os labios o *Vatsyayama* indica mais de 300 formas de coito, perfeitamente descriptas até os minimos detalhes e a forma *a tergo* é uma das mais minuciosamente expostas para certos casos especiaes. Certo, todas as formas repugnantes de lascivia como o coitus in ore conficiendus, não se poderão realisar onde haja botoque; mas a reciproca não é verdadeira.

Posto de lado este incidente relativo ao uso dos tembetás, passemos outra vez a nosso assumpto especial. Estes artefactos que aqui vedes são todos elles do Rio Grande do Sul; em outros pontos do Brasil são mais raros, tendo sido achados esparsos, isolados — um aqui, outra lá. Nossos exemplares — entre os quaes os temos desde a pedra bruta mal começada em seu lavor até o adorno terminado com a maxima perfeição — procedem de uma zona restricta e foram retirados de camadas relativamente profundas do solo: são de Venancio Ayres, isto é, de uma faixa limitadissima de territorio comprehendida entre o Rio Taquary e o Rio Pardo.

O material vulgarmente empregado, salvo para este exemplar, é o quartzo hyalino como aqui vedes; o processo de fabricação, também perceptível em muitos exemplares ainda não acabados é o do picote, mas de um picote delicadíssimo, muito meticuloso e caprichado. O arremate deve ter sido feito com areia e agua e á custa de immensa paciencia e habilidade.

Reparem os Confrades que as peças rectas são rectas de verdade; as curvas o são uniformes, sem falhas nem defeitos; si este exemplar comporta um lavor mais energico em compensação est' outro exige tantas cautellas como uma montagem de chronometro.

Parece que esta região era uma verdadeira officina de taes objectos, pois em nenhuma outra parte se os encontram nestas condições e si indagarmos quaes os indigenas brasileiros que os usavam ou traziam não acharemos uma só indicação positiva; afóra os Aymorés, os conhecidos incolas do botoque de madeira, de nenhum outro povo se sabe que empregasse estes objectos. Não basta dizer terem os indios furado os labios ou as orelhas ou o nariz — é indispensavel saber quaes as tribus de labios, orelhas e narizes furados que delles se utilisavam. As melhores relações e informações sobre a vida e costumes dos selvagens são as fornecidas pelos missionarios e sobretudo pelos Jesuitas — mas mesmo nas obras destes nada de seguro se encontra com relação a este particular.

E ainda quando tivessemos estas indicações com respeito aos indios do resto do paiz, o certo é que com relação aos do Rio Grande do Sul nos faltam positivamente indicações do uso destes artefactos: tudo o que era delles foi achado, relacionado e descripto pelos missionarios — nenhum, porém, os viu com tembetás e este adorno seria tão notavel e sobretudo tão apparente a não deixar de chamar immediatamente a attenção. Os proprios bandeirantes — apezar de terem sido, ao menos com relação ao nosso Estado, mais damnosos que uteis, nada mencionaram destes objectos.

Não se teriam usado mais ha duzentos ou trezentos annos? Ou teria sido esquecimento de annotal-os e isto por parte de todos quantos perlustraram nossos campos e mattas em tão afastadas epocas? Não é possivel: é por demais saliente e notavel o adorno para ter escapado a tanta gente junta. Outro aspecto interessante é o decorrente da circumstancia de nem nos remanescentes dos indigenas se encontrarem vestigios, nem tradições destes tembetás. Parece se impor a necessidade de admittir ter existido antes de Guarany e Tapes outro povo, de outros costumes, de outra civilisação — talvez os fabricantes dos machados circulares e dos tembetás.

Em auxilio desta hypothese, aliás já aventada ha mais tempo, vem outra circumstancia; dentre os artefactos aqui expostos se perceberá facilmente poderem servir bem estes para adornar os labios; estes aqui, os menores, curvos, sem um *processus* saliente qualquer, de modo algum se poderiam usar nos labios e nem mesmo nos lobulos das orelhas por se não prenderem; só poderiam se empregar no septo nasal, pois a lunula encontra ali triplice ponto de apoio: o do centro no septo e as extremas se prenderiam por pressão sobre as alas ou narinas de modo bastante firme. Mas e quanto a estes? seriam empregados no labio, nas orelhas ou no nariz? Penso tratar-se de uma simples questão de bom senso: Seria possivel trazer preso ao labio um objecto como este? haveria fixação capaz de mantel-o in loco? ou vê-se desde logo não condizer este objecto com tal função? Supponho os meus Confrades com a precisa isenção de animo para se collocarem no meu ponto de vista negando semelhante applicação. Finalmente estes outros objectos, tambem equiparados aos tembetás são typica e caracteristicamente, phalliformes, identicos aos usados na Polynesia em uma serie de operações rituaes muito curiosas de que em tempo aqui me pretendo occupar.

Termino, pois, minha comunicação com as seguintes conclusões:

- 1) Os tembetás são adornos derivados dos elementos accessorios da indumentaria.
- 2) Entre os objectos classificados como tembetás ha que distinguir tembetás propriamente ditos, adornos nasaes e auriculares.
- 3) As peças em forma de T não são tembetás.
- 4) Tanto umas como outras destas variedades levam a crer na existencia de um povo desaparecido do Brasil anteriormente ao apparecimento dos Tupis-Guarany.

Novembro de 1923.

Physiographia do Rio Grande do Sul

(Dr. Francisco Rodolfo Simch)

Meus Consocios:

A *geographia* em sentido amplo, é o ramo dos conhecimentos humanos que se occupa com a descripção da terra considerada como um todo; em sentido mais restricto descreve apenas os elementos periphericos de nosso globo, examinando-os em conjuncto ou em secções mais ou menos extensas e assim é geralmente ensinada, relegando-se as questões de origem, formação e modificações, bem como muitas outras, para grupos mais ou menos especializados de sciencias.

Como *stand* ou *habitat* de animaes e plantas, os conhecimentos desta parte peripherica têm para nós importancia maxima, pois dizem respeito aos elementos de que o homem carece para sua existencia; depende esta dos factores ambientes — solidos, liquidos, gazes e energias — constitutivos, precisamente, do que chamamos *terra*. A distribuição das partes solidas e liquidas — terras e aguas —, a tunica aerea — *atmosphera* — com suas modalidades, tudo concorre para a vida do homem e dos povos, de maneira a precisarmos conhecêr com exactidão estes factores afim de — *technica* e economicamente — tirarmos delles a maior *somma* de vantagens, com o afastamento possivel de quantos elementos nos possam prejudicar.

A complexidade da *geographia*, mesmo no sentido restricto, mencionado ha pouco, é enorme, exigindo uma exposição grandemente *systematisada* para se poderem apprehender, de golpe, os pontos mais salientes do assumpto. Por infelicidade o que aprendemos nas escolas sob a denominação de *geographia* está longe, mesmo muito longe, de nos offerecer aquellas vantagens, pois no geral seus compendios são meros *catalogos* — mais ou menos engenhosos, mais ou menos extensos — de nomes de accidentes da superficie do globo.

Apezar da importancia destes, como, aliás, de todos os catalogos, não são elles de molde a satisfazer a curiosidade dos estudiosos; com effeito, que nos adeanta, por ex., uma lista em que se mencionem todos os cursos d'agua de um país com a indicação dos seus comprimentos em kilometros? Muito pouco. Bem mais interessante seria a correlação entre taes cursos d'agua e os grupos de montanhas, a descripção dos typos de irrigação offerecida pelas correntes, sua navegabilidade, etc.

Surgiu desta insufficiencia da *geographia communis* a necessidade das descripções synteticas das varias partes do globo em que se examinam — em cónjuncto e em correlação — as terras, as aguas e os ares ou climas de cada região; a estas descripções deu-se o nome de *physiographia* que alguns tambem, mas imprpropriamente, chamam *geographia physica*.

Isto posto e de accordo com os fins de nosso Instituto me proponho a fazer aqui um ligeiro esboço ou apanhado da Physiographia do Rio Grande do Sul.

Situação

Fica o Estado comprehendido entre os 27° 17' de latitude S. e os 49° 50' e 57° 55' de longitude W. de Greenwich.

A figura desta circumscripção do territorio brasileiro tem sensivelmente a forma de um losango em que as diagonaes tomam quasi as direcções NS e EW. A linha divisoria, ou de delimitação, é sufficientemente conhecida para eu poder dispensar-me de repetil-a aqui. Ha um trecho unico — a NE, na região limitrophe com S. Catharina, ainda não definitivamente fixado.

Nesta linha de contorno é notavel a actual faixa oceanica — inteiriça, sem entrancias, sem saliencias notaveis, com uma unica e precaria communicação com o interior e uma ligeira inflexão na parte mais septentrional — em Torres. Outr'ora a linha oceanica deve ter apresentado numero grande de enseadas e promontorios, talvez protegidos ainda por formidaveis bancos ou coraas de areia; ao menos é de suppor, paleogeographicamente, fosse toda a região das actuaes lagoas e lagunas coberta pelo mar.

O feitiço actual da linha littoral é o peor que nos poderia tocar, pois a navegação transatlantica, toda ella, se ha de fazer por aquelle unico e precario porto do Rio Grande — verdadeiro bico de funil, como já o chamaram ha tempo, obrigando-nos a alongar immensamente dentro do proprio Estado o percurso das mercadorias e passageiros destinados a entrar ou sahir do territorio.

Relevo

Porém não só a configuração projectiva horizontal tem importancia; tem-n'a, tambem, e enorme, o *relevo*, isto é, o character das *elevações* e *depressões* do sólo em toda sua extensão. Como se poderia conseguir sua representação? Vamos por partes; para determinar n'um plano um ponto qualquer basta-nos a intersecção de duas linhas. Em geral adoptam-se para isso duas linhas de situação determinada, fixas, perpendiculares entre si e que se chamam *eixos*; um ponto qualquer fica determinado com toda a precisão baixando delle perpendiculares aos dois eixos e medindo as distancias que dos pés respectivamente de cada perpendicular baixada, vão ao ponto de intersecção dos dois eixos. Estas perpendiculares chamam-se as *coordenadas* do ponto a determinar — sendo que a horizontal chama-se *abscissa* e a vertical *ordenada*. Reciprocamente conhecidas as coordenadas de um ponto marcar-se-á este com exactidão sobre uma superficie.

Si em lugar de uma superficie qualquer, se tiver de localisar um ponto n'uma superficie determinada, limitante de um certo corpo, podem se empregar para o mesmo fim *planos* perpendiculares: os *traços* delles, isto é, as linhas de intersecção com o plano sobre o qual se opera serão os eixos mencionados. As duas coordenadas — *abscissa* e a *ordenada* — tambem se chamam, neste ultimo caso, *latitude* e *longitude*.

Quando a superficie de referencia é curva, como acontece com a do espheróide terrestre, empregam-se como planos de referencia dois planos especiaes: um perpendicular ao meio do eixo de rotação — é o *équador*; outro perpendicular ao primeiro mas passando pelos pólos ou extremos do eixo referido. Sobre o primeiro, ou sobre planos *parallellos* e a contar de um meridiano de referencia, se contarão as longitudes; sobre o segundo, o meridiano, se contam as latitudes com origem sempre no equador.

São os traços destes planos que formam os reticulados dos mappas, determinantes das chamadas latitudes e longitudes geographicas.

Como, porém, a superficie do globo é irregular, cheia de altos e baixos, é indispensavel dispor-se de um meio para marcar-os convenientemente; consegue-se-o utilizando a linha de *intersecção* dos dois planos *coordenados*, marcando, a contar da superficie horizontal adoptada como referencia, sobre aquella intersecção, acima ou abaixo, as *elevações* ou *depressões* de que se trata. Este terceiro elemento usado para fixar a *posição de um ponto no espaço* é a *altitude* que, como qual-

quer das outras coordenadas, pode ser positiva ou negativa, isto é, contada para cima ou para baixo do plano de referencia, ou do *nível do mar*, em materia geographica.

Comprehende-se, do summariamente exposto, que sobre uma superficie sempre é possível marcar a posição exacta de um ponto, dando idéa perfeita de sua collocação ou, antes, de sua correlação com todos os outros, mas a altitude já não se representará com tanta nitidez em uma projecção horizontal.

Contorna-se a difficuldade de varias maneiras e entre ellas cito apenas as segintes: 1) inscrevem-se as cótas ou numeros indicativos da altitude, junto a cada ponto, o que traz o inconveniente de cobrir o mappa de algarismos cuja significação relativa é difficil de perceber por quem não tenha treno especial do assumpto; 2) empregam-se convenções de desenho topographico, o que exige conhecimento exacto destas convenções e só os profissionaes podem, com rapidez, interpretar o mappa. Uma terceira forma, pouco usada ainda, é a de representar effectivamente as irregularidades da superficie por outras que lhe correspondam no mappa: é o *systema oroplastico*.

Convém, porém, observar aqui isto de particular: como o mappa é muito menor que a região representada, para se não destruir a harmonia e correlação das partes é indispensavel adoptar uma *relação* certa e determinada entre os comprimentos do terreno e os da figura — esta relação é a *escala*. Com a altitude occorre, emtanto, uma difficuldade — as *alturas*, as Montanhas, são insignificantes, em geral, quanto ás dimensões, em confronto com a latitude e longitude e adoptando para as tres coordenadas uma mesma escala, succederia que as altitudes seriam imperceptiveis; por isso emprega-se uma *escala vertical* ou de *altitudes* tal, que estas se possam figurar bem. Dahi o encontrarem-se nos mappas oroplasticos sempre duas indicações: a escala horizontal para latitude e longitude e a outra vertical, exclusivamente para as altitudes.

Não cabe aqui entrar na technica da confecção dos mappas oroplasticos; sem embargo indicarei como se poderá conseguir a representação em relevo de um objecto muito conhecido. Suponhamos se trate de um pão commum; colloquemol-o sobre uma folha de papel e tomemos-lhe o contorno seguindo-lhe as bordas com um lapis e imaginemol-o, ao pão, dividido em vinte fatias da mesma largura, tendo a cautella de marcar ordenadamente sobre o traço do Papel o lugar de cada uma dellas. Si copiarmos, pelo mesmo processo, do lapis, o feitio de cada fatia, ou secção, em papelão, obteremos, collocando estes pedaços de papelão, depois de recortados e pela ordem, no lugar das fatias, a reprodução do pão inteiro.

Como o papelão é mais fino que as fatias vae medeiar entre nossas copias um espaço vazio que podemos encher com outros discos tendo o cuidado de emparelhar as alturas. Ora, é evidente, que não podemos partir, practicamente, o Rio Grande do Sul em fatias, mas podemos dividil-o theoricamente, em secções tão numerosas quando quizermos, servindo-nos para isso de um mappa qualquer do Estado: a direcção destas secções ficará a nosso arbitrio mas é de uso escolher as direcções dos meridianos e parallelos. A difficuldade agora está em conhecer a *altura* da fatia ou da secção; no caso do pão foi facil conseguil-o pois deitamol-as sobre o papelão e tiramos seu contorno; mas . . . a que corresponde este traço? a marcar a linha horizontal ou base e traçar o contorno pelas alturas effectivamente dadas; si, pois, dispuzermos sobre a base ou traço da secção, as perpendiculares com as alturas das localidades que ali se acham, e si unirmos os topos destas linhas obteremos o contorno e o resultado será o mesmo achado com a fatia de pão.

Applicando o processo pelos meridianos, marquemos as localidades cujas altitudes são conhecidas:

<i>no de 7º:</i>		<i>no de 10º:</i>	
Tramandahy	0 metros	Oceano	0 metros
Tres Forquilhas	40 "	Arroio Grande	400 "
Serra do Oratorio	900 "	Piratiny	345 "
		S. Anninha	140 "
<i>no de 8º:</i>		Jacuhy	120 "
Oceano	0 "	Pinheiro Mercado	550 "
Porto Alegre	10 "	Nonohay	280 "
S. Leopoldo	30 "	<i>no de 11º:</i>	
Caxias	840 "	Bagé	220 "
Vaccaria	955 "	S. Sebastião	386 "
Passo Victoria	180 "	S. Gabriel	130 "
		S. Angelo	220 "
<i>no de 9º:</i>		Alto Uruguay	80 "
Rio Grande	0 "	<i>no de 12º:</i>	
S. Lourenço	40 "	Ponche Verde	280 "
Rio Pardo	53 "	S. Rita	240 "
Venancio Ayres	80 "	S. Franc. de Assis	350 "
Soledade	720 "	S. Xavier	75 "
Passo Fundo	305 "	<i>no de 13º:</i>	
Erechim	260 "	Pontas de Quarahy	100 "
Marellino Ramos	175 "	Guassú Boi	45 "
		S. Borja	35 "
		<i>no de 14º:</i>	
		Uruguayana	40 "

E façamos a mesma operação pelos parallelos:

<i>no de 28°:</i>		<i>no de 30°:</i>	
Bom Jesus	850 metros	Tramandahy	0 metros
Vaccaria	955 "	Porto Alegre	10 "
Lagoa Vermelha	834 "	S. Jeronymo	45 "
Passo Fundo	615 "	Rio Pardo	53 "
S. Angelo	365 "	Cachoeira	102 "
S. Luiz	300 "	Pau Fincado	199 "
Uruguay	80 "	Umbú	124 "
		Uruguay	65 "
<i>no de 29°:</i>		<i>no de 30° 30':</i>	
Atlantico	0 "	Oceano	0 "
Rio Sertão	50 "	Dôres	40 "
S. Marcos	600 "	Encruzilhada	420 "
Alfredo Chaves	930 "	Caçapava	450 "
Guaporé	450 "	S. Gabriel	130 "
Soledade	720 "	Quarahy	130 "
Tupaceretan	536 "		
Itaquy	75 "	<i>no de 31°:</i>	
		Passo do Camaquam	15 "
		S. Anninha	140 "
		S. Sebastião	386 "
		D. Pedrito	140 "
		Livramento	210 "
<i>no de 29° 30':</i>		<i>no de 31° 30':</i>	
Lagoa Itapeva	10 "	S. Lourenço	41 "
S. Franc. de Paula	922 "	Cangussú	350 "
Lageado	450 "	Piratiny	350 "
S. Martinho	750 "	Bagé	220 "
Santiago	439 "		
Uruguay	70 "	<i>no de 32°:</i>	
		Rio Grande	0 "
		Herval	200 "

Colloquemos agora estas secções — perfis lhes chamamos em linguagem technica — sobre os meridianos e parallelos a que correspondem. Juntando tudo em um unico quadro e preenchendo as quadriculas com mais secções ficará cada vez melhor ou mais exacta a representação e por fim, tudo cheio, traçando-se os rios, lagos, campos teremos o quadro seguinte em que o Rio Grande do Sul se nos apresenta *plasticamente*, isto é, com seu verdadeiro aspecto.

Sem demora se reconhece que differe de muito do que dizem os compedios no paragrapho intitulado *aspecto physico*.

Ha, do lado oriental uma grande planura, arenosa, cheia de lagoas e lagunas, arida, esteril em grande parte; o restante consta de duas partes: uma septentrional, relativamente mui

alta ao oriente e pendendo gradativamente para W e para S — é a *Serra*; a outra muito baixa que forma o resto do Estado — é a *Campanha*. A serra é o resto do planalto brasileiro, com grandes campos ondulados e com muitas mattas nas escarpas, nas cabeceiras e bordas de seus numerosos rios; a Campanha, bastante montuosa a E, mas muito mais baixa que a Serra, especialmente constituída de campinas.

Entre ambas, como a ligal-as, ha uma vasta depressão que tem seu ponto mais baixo em Porto Alegre e que, gradualmente vae subindo até desaparecer por completo lá pelos confins do municipio de S. Gabriel.

Eis, pois, a forma verdadeira do Estado, tal como nós todos o conhecemos, mas radicalmente diversa do que mencionam os compendios e do que nos ensinaram na escola quando aprendemos os primeiros rudimentos de geographia.

Como se vê sem difficuldade alguma, a superficie do Estado é grandemente irregular, cheia de elevações, de depressões as mais variadas; estas irregularidades, conforme o sentido que apresentam, são objecto de estudos differentes, como quanto correlatos: o das elevações constitúe a *orographia* e o das depressões, pelas aguas nellas em geral existentes, é a *Hydrographia* a que alguns, restrictamente denominam *potamographia*.

Para fixar a significação dos termos a empregar fique estabelecido que as elevações isoladas de terreno, conforme sua altitude, se denominarão collinas, montes, morros e serros; si as elevações se estenderem no sentido do comprimento atravez de porções maiores ou menores de territorio falaremos em *cadeas de montanhas ou serras*; quando se trate de um conjuncto de elevações apresentando, atravez de grande extensão territorial, sensivelmente as mesmas dimensões horizontaes teremos um *massiço*; si duas cadeias de montanhas se cruzarem ou cortarem proseguindo cada ramo sua direcção primitiva ou não teremos um *nó orographico*; os esgalhamentos importantes para um e outro lado de uma cadeia são os *contrafortes* que poderão ser, por sua vez, esgalhados ou não; quando um contraforte for muito curto chamal-o-emos de *espigão*.

As depressões contidas entre duas elevações isoladas ou seriadas chamam-se *valles*.

Com estes elementos lancemos uma vista d'olhos sobre o Rio Grande do Sul: verificaremos que no planalto, á excepção das divisas d'agua, ou irregularidades communs do sólo, não ha serras ou cadeias de montanhas, pois si existissem os perfis as accusariam: temos apenas uma vasta serie de

collinas formando a separação d'aguas, series estas que vulgarmente se chamam *cochilhas*.

A escarpa do planalto, com acclives violentos, sobretudo no extremo NE até o centro do Estado, não é uma cadeia de montanhas, mas a transição do plano baixo para o planalto.

Os perfis mostram uma unica serra no sentido proprio e esta vem se erguendo no municipio de Conceição do Arroio, passa por Viamão com aspecto de massiço, extendendo-se á Porto Alegre, deixa passar o Guahyba e em direcção a WSW passa pelos municipios de S. Jeronymo e Encruzilhada, expande-se em massiço em Caçapava, volta-se para S e depois para SE, para S. Gabriel, Lavras, Bagé, D. Pedrito e entra na Republica do Uruguay. Localmente são muito variadas suas denominações não nos interessando isso aqui. Como se vê em qualquer destes trechos, sóbe-se de um lado e desce-se do outro o que se não dá no planalto: a este sobe-se pelo lado S ou, melhor, pelo lado voltado para os quadrantes de S, mas delle não se desce para o N.

Esta serra que acabo de indicar tem um grande numero de esgalhamentos ou contrafortes e como a direcção do eixo da serra vae mudando continuamente, mudam tambem do mesmo modo as direcções desses contrafortes.

E em materia de serras propriamente assim chamadas, nada mais encontramos

Subsidiariamente e para fixar a identidade destes dois grupos orographicos — o planalto e a serra mencionada — procuremos verificar sua constituição geologica, isto é, vamos applicar o criterio geologico que é decisivo para a interpretação dos factos dessa especie.

O planalto é formado de terrenos modernos em que os arenitos são atravessados em todos os sentidos pelas rochas eruptivas modernas, collectivamente chamadas rochas trappeanas, determinantes, precisamente, do soerguimento de toda a região; podemos começar aqui a NE, nos limites do Estado e percorrer toda a escarpa seguindo-lhe os caprichosos contornos: a formação geologica é uniformemente a mesma. Si fizermos a pesquisa no chapadão, ainda o resultado é identico: trata-se em conjuncto de uma só especie de formação. Aqui estão exemplares das rochas a que me refiro.

A serra por seu turno é uma secção — a mais meridional — da do Mar, que acompanha o littoral brasileiro em grandissima extensão. A serra do Mar entra a baixar de Florianopolis para o S., sendo recoberta na altura de Torres pelos derrames trappeano-diabasicos provenientes do levantamento do planalto. No municipio de Conceição apresentam-se outra vez os primeiros traços de erguimento da Serra soterrada; no

município de Viamão — principalmente nas Lombas — é já nitida a cadeia e dahi em diante — no percurso indicado — seu character petrographico é sempre uniforme, parelho, inconfundivel — é formada de rochas primitivas granito-gneissicas. Aqui estão as amostras typicas destas rochas.

Interessante de notar é esta circumstancia: aqui a NE o derrame terciario recobriu a Serra do Mar, de modo que o contacto entre as duas formações tão differentes de constituição e de idade, se deu por superposição da mais nova á mais antiga; depois a serra primitiva abre-se em um grande seio cuja cavidade está voltada para o N e a escarpa do planalto apresenta outro seio mas de cavidade voltada para o S. Mais ou menos no meio ou centro do Estado, em Santa Maria, — quando a Serra do Mar muda de direcção — a escarpa muito esbatida, tange os contrafortes daquella e o contacto se mantém dahi por diante pela Republica do Uruguay a dentro sendo o acclive do planalto — assim esbatido — ora mais, ora menos nitido.

O espaço comprehendido por aquelles dois seios mencionados constitue a grande *depressão central* do Rio Grande do Sul, a que impropriamente se tem denominado a *fossa*; acho improprio este termo por ser elle de preferencia empregado para designar as depressões do fundo dos oceanos.

Outra depressão menor se nos apresenta: é a formada ou determinada pelo encurvamento da Serra do Mar de SW para SE; a interessante differença destas duas depressões está nisto: a grande consta de duas formações — a parte septentrional é parte do planalto terciario e a meridional deriva e se prende á Serra do Mar, granito gneissica; a pequena é em ambos os lados constituida de terrenos granito-gneissicos.

Examinando mais detidamente o planalto, como tal, nota-se que — por sua mesma origem — é ericado de irregularidades especialmente na região NE, a mais alta, aquella em que seus factores geneticos tiverem o maximo de violencia; á medida, porém, que se passa para W e para S a superficie vae ficando mais regular, as elevações menos notaveis, os rasgos ou fendas menos profundos; em conjuncto o chapadão pende suavemente de E para W e para SW

Já na Serra do Mar e nos terrenos que della derivam ou a ella se prendem se observa uma notavel constancia de accidentes: o terreno sempre é irregular, aspero, rugoso, de modo que a secção SE do Estado é de facto mais accidentada que o resto.

Outra cousa finalmente sobre a qual chamo a attenção de meus Consocios é esta: não ha no Estado um planalto meridional como de algum tempo para cá se tem querido fazer

acreditar; esta designação só pode provir de um conhecimento incompleto do Rio Grande do Sul, ou de uma falsa interpretação de factos, não sendo bastante para conhecer destas cousas, metter-se na estrada de ferro e percorrer os respectivos trajectos com estadas mais ou menos demoradas em algumas cidades e informações tomadas nas Intendencias municipaes.

Hydrographia

As irregularidades do sólo dão margem á formação dos valles e nestes, de ordinario, correm as aguas, tanto as precipitadas com regularidade maior ou menor da atmosphaera, como tambem ás profundas que por circumstancias especiaes pódem vir emergir á superficie.

Assim as aguas obedecendo á gravidade procurarão o mais commodo caminho para a superficie geral de nivel que é representada pelos mares. Neste percurso confluem aguas de quasi todas as direcções, tomando vultos de importancia variavel. Regatos, ribeiros, arroios, rios são designações tão claras que excusado será querer caracterisal-as ainda mais.

Compreende-se que as aguas, qualquer que seja sua origem, cavarão um *alveo* ou leito representativo do caminho mais commodo á sua corrente e neste aspecto todas as correntes d'agua se terão de adaptar aos valles, isto é, aos systemas de valles que a orographia local lhes apresenta. Orographia e potamographia são, pois, cousas correlatas e ninguem se lembrará de as separar ou considerar como independentes uma da outra.

Não é, entanto, a potamographia o unico aspecto apresentado pelas aguas de uma região; acontecerá seguidamente existirem depressões do sólo fechadas de todas as partes, de maneira a não poderem escapar as aguas: teremos os lagos. Outras vezes estes se communicam por meio de canaes formando-se systemas lacustres mais ou menos extensos. Si os lagos são muito razos ou de pouca profundidade fala-se em lagunas.

Pode tambem succeder que, tanto á orla dos lagos como á margem dos rios, se encontrem terrenos empapados d'agua de modo permanente ou não; são os charcos, pantanos, banhados.

Como se pode facilmente ver, a faixa littoranea riograndense apresenta um immenso cordão de lagoas e lagunas especialmente na zona NE; occupando o resto da faixa, em sua quasi totalidade, existem os dois mares internos: a Lagoa dos Patos e a Mirim e, apertada entre esta e o Oceano, a Lagoa da Mangueira. E' de suppor sejam estas aguas os resquícios

do proprio oceano em epochas remotissimas, pois parece que o mar banhou a cordilheira granitica no Rio Grande do Sul de outras éras, como ainda banha as regiões que ficam ao N. de nosso Estado: toda a conformação nos induz á essa hypothese, não importando si recuou o oceano ou si baixou a serra do Mar em alguma epocha para erguer-se mais ao depois, ou si o mesmo movimento que levantou o planalto não levantou contemporaneamente o littoral actual.

Todos os rios do Estado vertem para o Atlantico, mas em face do relevo haverá que subdividir estas aguas correntes em differentes grupos: o primeiro representado pelo rio Uruguay como eixo com seus affluentes da margem esquerda; o segundo constituido pelo systema hydrographico da depressão central; o terceiro, o menor, constituido das aguas da pequena depressão oriental; o quarto formado pelas correntes que fluem das diversas articulações do massico meridional.

Examinando mais pormenorissadamente nossos cursos d'agua devemos scindil-os em dois grandes sub-grupos, no tocante á sua natureza intrinseca: alguns delles são rios que correm por leitos muito irregulares, de grande desnivel, em forma de torrentes mais ou menos impetuosas; outros deslisam mansamente pelo alveo, como que preguiçosos e sem pressa alguma. Esta distincção tem uma dupla importancia: os torrentosos são magnificos auxiliares das industrias, por permittirem o aproveitamento de sua energia, mas são funestos á agricultura por serem rios trabalhadores e como taes produzem immensas erosões ou desnudamentos de sólo, além de serem inaproveitaveis para navegação. Os preguiçosos podem — tal seja seu volume d'aguas — prestar-se optimamente á navegação, mas em geral o aproveitamento de sua energia é nullo e correm ainda o risco de serem atulhados, ao menos no correr dos seculos, pelos detricitos trazidos por seus affluentes trabalhadores.

Lancemos uma vista a cada uma destas bacias começando pela do Uruguay. O eixo ou collector nas suas nascentes, no primeiro quarto de sua extensão, é grandemente accidentado, correndo por entre penedias e rochedos, em um leito tortuoso e muito desnivelado; ao depois — já maior seu volume — o leito é mais amplo, sempre pedregoso mas com declives muito menos notaveis e por ultimo — e apesar de algumas corredeiras e outros estorvos — é já sereno e bastante navegavel.

Os affluentes da margem esquerda como que compartilham da natureza desta arteria, pois os da região accidentada do planalto são torrentosos e muito velozes; á medida que descemos ao longo do curso os affluentes se tornam mais

longos e menos violentos quanto á caudal para, no Ibicuhy, termos o affluente maximo e ao mesmo tempo o menos violento.

O leito de todos estes cursos d'agua emergentes do planalto é cortado nas fendas ou rasgões que os agentes geologicos internos deixaram como resultado de seu esforço, quando convulsionaram a região.

Passando para o segundo systema, o da depressão central, convém chamar a attenção para esta circumstancia: o eixo da depressão é uma curva reversa de grande extensão, começando pelas extremas do valle do Gravatahy, seguindo pelo do Jacuhy e terminando pelo Vaccacahy e, precisamente, é este collector d'aguas cujo ponto mais baixo ou mais deprimido está no Guahyba, em frente a Porto Alegre. Por isso é facilissimo verificar que, de todas as partes da concha, as aguas affluem áquelle eixo. O regimen destes tributarios, porém, é differente: os que vem do N., do chapadão, com os respectivos cursos ora longos, ora curtos, são torrentosos e violentos, sulcando fendas ou rasgões das rochas eruptivas, cortando bancos sedimentares de grês já deslocados pelas trappas e amygdaloides, ou rompendo os detricitos alluviaes de ambos — os *red-beds* — dos geologos; todos elles correm normaes ao eixo.

Do lado opposto, e por isso que a serra é menos alta e menos abrupta, os affluentes ainda correm normaes ao eixo, mas muito menos extensos quasi todos, e muito menos caudalosos.

O eixo, comquanto desnivelado, não tem differenças tão grandes que deem nascimento ao regimen fluvial torrentoso, mas as cheias dos diversos affluentes septentrionaes lhe communicam, ao eixo, este caracter temporariamente.

A terceira bacia ou concha fluvial consta de um eixo relativamente longo e muito desnivelado em seu terço superior por começar no alto da serra granitica; os dois terços inferiores são muito mais tranquilllos a ponto de ser o ultimo até navegavel.

Os cursos d'agua da quarta bacia tem suas nascentes no massiço granitico meridional e, de accordo com a natureza e feitio deste, são mais ou menos violentos, tanto que sua navegabilidade é nulla ou ao menos limitadissima.

Irrigação

O modo pelo qual se distribuem as aguas sobre a superficie de um territorio tem uma capital importancia, pois não é bastante existirem grandes arterias fluviaes para se poder declarar a região bem servida deste precioso liquido; a

forma pela qual estas aguas podem ser aproveitadas pelos homens pelos animaes e pelas plantas é de maximo interesse. O estudo deste aspecto denomina-se o do *regadio* ou da irrigação.

No Rio Grande do Sul é facil perceber como se faz o regadio: Nas regiões montanhosas e accidentadas as aguas, pela mesma natureza das cousas, são abundantes e em geral doces; nas regiões mais planas a distribuição é muito menos boa sendo até commum haver forte escassez de liquido sobretudo em epocas de seccas um pouco prolongadas; a causa deve ser procurada na circumstancia destas aguas serem, quasi todas ellas, oriundas dos collectores imbriferos, de maneira que si por qualquer eventualidade as chuvas se fazem demorar na renovação dos depositos, as fontes seccam. Já se não dá o mesmo nos logares accidentados em que as fontes por via de regra independem das zonas imbriferas, por terem sua origem directamente nos lençoes mais profundos e permanentes.

Outra particularidade notavel no Estado é que as aguas da depressão central, as da superficie ao menos, são de ordinario salobras em consequencia da especie dos terrenos permocarboniferos e seus derivados sobre que correm e que preliminarmente atravessam. As aguas das regiões graníticas são doces e bem assim as da região trappeana. No momento em que em um logar destes se topa a agua salobra pode-se estar certo de que mudou a formação.

Finalmente e como para arremate destes apontamentos relativamente ás aguas devo ainda apontar uma ultima particularidade: as lagunas e lagoas do Estado, qualquer que seja seu volume tem uma marcada tendencia ao desseccamento. As causas deste phenomeno, aliás conhecido, devem ser procuradas nos seguintes factores: 1) as lagunas quasi sem excepção não recebem rios ou arroios de grande volume, de modo que entre o quantum evaporado e o recolhido pelas chuvas ha um deficit no tocante a estas; 2) a região occupada pelas lagunas é, sem excepção, arenosa de modo que grande parte das aguas tambem se perde na infiltração; 3) as areias são de uma prodigiosa tenuidade de tal modo que os ventos, quando ellas estão seccas, arrebatem-n'as para pontos differentes; mas succede que os ventos predominantes no verão e na primavera são os dos quadrantes de E, isto é, sopram as areias, atiradas pelo mar nas praias, para dentro das lagunas e como dahi ellas não mais sahem vae se dando o entulhamento gradual, lento mas muito seguro. Uma vista d'olhos lançada ao nosso littoral e a seus comoros de areia movediça, sobretudo um exame ainda que perfunctorio das margens das lagoas, nos mostra a constante diminuição em volume.

Nas que recebem grandes volumes d'agua parece não se dever dar este phenomeno, mas comtudo elle se realisa egualmente; com effeito os rios que desaguam nas lagoas trazem sempre grandes quantidades de materia em suspensão notadamente argillas; no momento de desaguarem, isto é, de augmentarem a secção e, por isso mesmo, perdem a velocidade de que se achavam ainimadas suas massas e a diminuição de velocidade, a seu turno, torna possivel o deposito dos detrictos de toda a especie. Si a lagoa, como succede com a dos Patos, por seu turno, se escoa para o mar o entulhamentho se dará mas ficando reservado um canal em que a propria agua se encarrega de um trabalho de erosão, ao menos emquanto houver correnteza e quando as aguas oceanicas, por quaesquer motivos não façam o papel de reprezas naturaes.

Agrologia

A superficie da terra, onde quer que seja, está sujeita a acção mais ou menos intensa de factores que a atacam, transformando os materiaes expostos e carregando-os para diversos pontos. No correr dos seculos e dos millennios apresenta-se a referida superficie coberta dos detrictos ou residuos desta acção e como é ahí que as plantas vão haurir seus alimentos e ahí que o homem assesta sua actividade para fazer medrar aquelles vegetaes que mais uteis se lhe podem tornar, denomina-se esta crosta a *crosta aravel*; a sciencia que se occupa detalhadamente com o assumpto é a agrologia.

Vejamos em geral quaes os traços agrologicos do Rio Grande do Sul.

Toda a região da Serra do Mar, isto é, aquella parte granito-gneissica que fica ao S. do Gravatahy, do Jacuhy e do Vaccacahy e do Ibicuhy, tem nas suas cumiadas os granitos e porphyros desnudados por uma forte erosão. A parte da serra voltada para o Atlantico, consequentemente a parte oriental deste massiço granítico, está desnudado por uma erosão que deve ter sido extremamente violenta, pois nenhum complexo uniforme de schistos cristallinos mais se encontram; um ou outro *pacquet*, n'alguma curva mais accentuada, ainda attesta, porém, sua anterior existencia. Do lado opposto ao contrario, não só se encontram os phyllitos em questão, como restos de formações bem mais novas, quaes sejam os terrenos permo-carboniferos que infallivelmente se estendem desde as pontas do Gravatahy, pelo Jacuhy e Vaccacahy acima, até o Rio Negro e pontas do Jaguarão, sem solução de continuidade. A porção de territorio, com esta formação primitiva, é relativamente limitada, pois nos valles as alluviões a

recobrem e, do mesmo modo, em quaesquer depressões que por toda parte se observam.

A decomposição dos granitos, porphyros e do gneiss dá margem a um terreno argilloso muito duro, entremeiado de um sem numero de grãos de quartzo, verdadeiro areião, sem vestigios de ter sido rolado, provido, pois, de arestas muito vivas.

A composição dos nossos granitos pouco ou nada se afasta da média achada para esse typo de rochas de outras regiões, mas é particularmente digno de nota a circumstancia de se encontrarem em quasi todos os granitos que tive ensejo de examinar, grandes porções de apatito ou phosphato de calcio perceptíveis em forma de longas agulhas dentro do quartzo das laminas delgadas. Nos porphyros o teor em apatito é menor.

Os terrenos derivados desta ultima especie de rocha são em geral impermeaveis e de uma *liga* extraordinaria, motivo pelo qual são pouco aptos para a agricultura. Onde, porém, se misturam alluvialmente com a areia em seus diversos graos de finura, tornam-se melhores como se verifica em depressões, ao longo dos rios, nas varzeas, etc.

Os terrenos derivados dos syenitos são pouco mais ferreis mas não teem grande importancia practica sem correções profundas.

As rochas do planalto, isto é, da maior parte do Estado são trappeanas destacando-se os trachytos, phonolitos, diabases, melaphyros, basaltos e doleritos. Na sua compleição geral apresentam-se ou francamente massiças ou teem caracter cavernoso, ou são amygdaloides ou então variolíticas; algumas vezes se topam grandes derrames ou lençoes com facies bem nitido de lavas. Grande é o numero de inclusões macroscopicas neste grupo convindo mencionar o estilbito, a desmina, o phacolito, o laumontito, o mesotipo, o mesolito, o calcito e as agatas; os primeiros são todos atacaveis pelos agentes atmosfericos mas o ultimo não o é.

O facies destas rochas trappeanas, sua estrutura e composição, facilitam grandemente a aggresão dos agentes atmosfericos ou geo-dynamicos exernos, particularmente o da agua e do ar, de modo que os massiços, por si mesmos, estão de todos os lados atacados, já pela acção mecanica, já pela acção chimica daquelles elementos. Além disso entre grandes massas rochosas encontram-se formidaveis porções de *cineritos* complexos de natureza friavel, textura terrosa até certo ponto semelhantes, sinão identicos, aos toffos vulcanicos, apenas conglomerados pela agua e pelo repouso nos abrigos em que se acham.

Os productos da decomposição apresentam dois typos extremados, faceis de distinguir: onde predominam os basal-tos e melaphyros a terra tem coloração vermelha mais ou menos escura; onde dominam os trachytos e phonolitos e cineritos o sólo tem coloração cinzenta mais ou menos carregada.

A fertilidade dos sólos derivados das rochas eruptivas modernas é universalmente conhecida, de modo a dispensar maiores detalhes; mas em corroboração da these convém lembrar que a zona colonial, aliás velhissima em alguns pontos do Estado, acha-se precisamente assestada em terrenos desta especie e si a agricultura até hoje ainda não teve necessidade de recorrer á adubação intensa é porque de certo as terras em amanho a dispensam ou, o que dá no mesmo, é porque taes terras encerram sobejos elementos para nutrir os vegetaes cujas sementes a seu seio se confiam todos os annos. Emtanto a fertilidade immensa desse territorio trappeano não se limita propriamente aos traços geogeneticos para elles fixados; as grandes declividades, as fendas e rupturas de toda especie sempre foram causa de, por ellas, se despenharem as aguas, quer pluviales quer fluviales. Com a corrente impetuosissima de que se acham animadas estas aguas *trabalham* ou corroem, de modo intenso, o proprio leito em que rolam e o respectivo encaixe, de forma a serem arrebatadas grandes massas de terra para as planicies, para as depressões onde vão formar, na sua millenaria idade, camadas de uma estupenda fertilidade, augmentada de um lado pelos detricτος vegetaes que consigo trazem e d'outra parte pelo seu renovamento quasi constante.

Assim temos em synthese, para a formação da crosta agrológica do Rio Grande do Sul, as seguintes condições fundamentais em seus traços característicos:

Primeiro — o massiço primitivo granito-gneissico em uma porção a SE;

Segundo — as alluviões de origem granitica de um e de outro lado do eixo orogenico respectivo, alliado a E ás areias marinhas;

Terceiro — as alluviões de origem granitica de um e de outro lado do eixo orogenico respectivo, alliado a E ás areias marinhas;

Quarto — as alluviões trappeanas formadas em consequencia do transporte violento e continuo de terras do plan-alto para as depressões, extendendo-se a ponto de recobrirem o terceiro grupo e mesmo uma parte do primeiro.

Taes são, per summa capita, os traços das terras e aguas do Estado. Examinemos-lhe agora e com a mesma brevidade os ares ou clima ou meteorologia.

Meteorologia

O estudo dos phenomenos meteorologicos é, de si, extremamente complexo e longe ainda está de se conhecer de maneira exacta a importancia de cada um dos factores de que consta, mas grandes progressos tem se feito tambem sentir neste particular e, comquanto de pouco tempo datem as redes systematicas de observações, alguns dados já se aproveitam com grande vantagem.

Aqui sómente de 1912 em diante a Escola de Engenharia começou a regularisar suas observações publicando os respectivos resultados; aproveitou-os neste meu apanhado juntamente com dados meus.

Clima chama-se, em geral a formula meteorologica de uma região, ou o conjuncto de condições meteorologicos a que ella está sujeita dentro de um determinado periodo, normalmente um anno. Os phenomenos meteorologicos mais salientes para nosso caso são entre outros: a temperatura, a pressão, os ventos, a humidade, as chuvas.

Temperatura. Destes factores o mais notavel por suas variações amplas e rapidas é a temperatura; della depende a vida de animaes e plantas em alto grao. E'-nos fornecida directamente pelos raios solares e a receberiamos integralmente si, em vez de camadas atmosfericas absorventes, atravessassem taes raios o vacuo. Este facto é de observação facillima: todo mundo sabe que o sol é o mesmo ao nascer, ao pôr-se e ao meio-dia, mas tambem ninguem ignora ser esta ultima epoca ou periodo mais quente por atravessarem os raios calorificos menos obliquamente a atmospherica.

A physica demonstra, experimentalmente, depender a temperatura menos do calor incidente que do reflectido na crosta terrestre e tanto é assim que á medida que se sobem as montanhas, isto é, que diminuem as superficies de reflexão, diminúe o calor.

Mas a irradiação e a reflexão á sua vez, dependem da compleição da superficie; os corpos opacos absorvem mais calor que os diaphanos e os transparentes, com poucas excepções, são facilmente atravessados por elles.

As massas transparentes d'agua aquecem-se e resfriam-se com grande lentidão.

As massas opacas dos continentes aquecem-se e resfriam-se mais depressa, dependendo, porém, o phenomeno do estado da superficie e da côr do sólo. Nas regiões alagadiças, nos charcos e banhados, em que uma parte do calor é empregada na evaporação da agua, o terreno aquece-se mais difficilmente, succedendo o mesmo nas mattas.

As terras negras absorvem muito calor; as areias brilhantes e claras exercem acção differente: pelo reflectirem parte consideravel do calor que fêre o solo, atiram para o ar, para as camadas inferiores da atmosphera este mesmo calor, devendo attribuir-se isto, a esta reverberação, o excessivo mormaço que faz nos areiaes extensos. As grandes superficies de vegetação espessa absorvem parte do calor que se transforma em diversas outras especies de energia empregadas no processo vital.

O sabio Duchartere tratando da importancia da temperatura assim se externa:

Toda planta para entrar em vegetação tem necessidade de certa porção de graos de calor, abaixo da qual fica paralyzado seu desenvolvimento.

Assim é que si a temperatura excede este minimo exigido, desperta o organismo vegetal, começa o desenvolvimento mais e mais accelerado, á medida que o calor augmenta, mas isto até certo ponto; attingido este, um maximo a vegetação enlanguece, estaciona, para, com novo augmento de temperatura, paralyzar-se de todo e morrer.

Ha, pois, um certo numero de graos entre os quaes a vegetação segue uma marcha ascendente, para depois diminuir e aquem ou além das quaes dá-se o estacionamento seguido de morte."

A insufficiencia de temperatura, bem como seu excesso actuam, pois, de modo semelhante e isto explica porque tanto o frio como o excessivo calor matam as plantas crestando-as queimando-as. Daqui se infere — 1) haver temperaturas uteis para os vegetaes — entre o maximo e o minimo; 2) serem inuteis as temperaturas proximas excedentes desses dois termos para se transformarem em elementos perniciosos ou nocivos quando se exacerbem em qualquer dos seus sentidos.

Do facto de precisar cada planta, para vingar, de determinada quantidade de calor, não supportando certas baixas nem certas altas, conclúe-se haver uma relação directa e necessaria entre ella e a mesma temperatura.

Afim de dar a esta relação uma expressão ou forma graphica imaginou v. Humboldt ligar, num mappa, por uma linha todos os pontos da mesma temperatura media annual, obtida da semisomma da maxima no verão e da minima do inverno; chamou a estas linhas *isothermicas*. Infelizmente em consequencia dos multiplos accidentes do solo, as isothermicas são uma expressão imperfeita do valor da temperatura: a proximidade dos mares, de grandes massas d'agua, pela sua pouca conductibilidade regularisa as temperaturas, em-

quanto o interior dos continentes, com sua variada compleição, tem temperaturas variadas também. Isto explica porque logares diversos em condições climatericas teem a mesma isothermica. A media 19, por exemplo, é obtida de 38 dividido por 2; mas 38 é quantidade que se pode obter pela somma de um numero infinito de grupos de duas parcellas; assim $36 + 2$; $24 + 14$; $40 + (-2)$; etc.

As condições da vegetação em cada um dos casos que tivessem as temperaturas indicadas agora no exemplo — máximo no verão e mínima no inverno — seriam absoluta e completamente differentes. Comtudo, e aqui reside uma das vantagens da pouca accidentação relativa do relevo do territorio do Rio Grande do Sul, si estes accidentes perturbam a determinação das isothermicas a sua falta deve facilital-as. A determinação das medias presuppõe o conhecimento das maximas e minimas de temperatura, isto é, dos extremos com os quaes podemos e devemos contar para vegetação; o conhecimento destes factores só se podia conseguir com o auxilio de longas systematicas observações, feitas numa boa rede de estações meteorologicas em periodo minimo de 50 annos. Tal serviço existe de pouco entre nós e são poucas as estações. Ha, porém uma formula empirica da autoria do eminente E. Liais, permittindo calcular aquella isothermica sem auxilio de observações, utilizando apenas a latitude dos logares e sua altitude, isto é, dois dados faceis de conseguir. O dr. Carlos Nunes Rabello, da Polytechnica de S. Paulo alvitrou uma ligeira modificação e com este novo feitio calculei em 1906, muito antes da Escola de Engenharia, as isothermicas de 103 localidades do Estado, organisando com taes dados um mappa de regiões isothermicas que se encontra na these de doutoramento do Dr. Julio Hecker, publicada em 1907.

Em 1911 publiquei a lista daquellas isothermicas distribuindo largamente o mappa; receio, porém, que se o tenha esquecido por completo.

Para os presentes apontamentos modifiquei a formula de Liais tornando-a mais manejavel, sem lhe tirar em nada o rigor e extendi-a ao calculo das maximas e minimas, cousa que supponho se tenha feita pela primeira vez, ao menos entre nós.

Neste quadro que vos apresento estão collocadas as localidades do Estado em que ha observatorios da Escola de Engenharia, pela ordem decorrente do meu modo de encarar o relevo do Estado, e é interessante de notar que entre os meus dados calculados e os observados proficientemente, dia por dia pelas estações meteorologicas, não ha discrepancias de maior monta. Para se poder bem julgar da importancia deste

facto accrescente igualmente as oscilações ou as amplitudes dentro das quaes as maximas, medias e minimas observadas se moveram e verão meus Consocios que os dados da formula de Liais, sempre cabem dentro daquella amplitude.

As regiões de temperatura media mais baixa são as de NE no planalto, em seguida vem a zona representada pela Serra do Herval. Um phenomeno notavel se aprecia atravessando o Estado de E para W e vem a ser que as temperaturas vão em augmento, phenomeno explicavel pelo facto de serem aquelles trechos occidentaes, os do valle do Uruguay, mais profundamente situados no interior, isto é, mais afastados da acção amenisadora do Atlantico.

As nevadas no planalto não são raras e este anno foram até muito abundantes; a temperatura minima de facto registrada até agora foi de -8° ; a mais alta de 42° C. Mais minuciosamente que duzias de paginas são as poucas tabellas que aqui se acham. Para facilitar a determinação dos dados thermicos de qualquer uma localidade do Rio Grande do Sul, desde que se conheça a respectiva latitude e altitude organizei uma tabella, calculando as maximas, medias e minimas de 2 em 2 minutos.

E ainda organizei um quadro graphico em que, com os mesmos dados, se obtém simultaneamente os tres elementos em questão; este quadro é acompanhado da instrucção singela que mostra como se opera.

Pressão atmospherica

Inestimavel valor tem, em meteorologia, o conhecimento da pressão atmospherica por nos fornecer os elementos para o calculo de determinação dos ventos. Mas não basta conhecer a altura da columna mercurial no Estado, sendo indispensavel uma rede de observações abrangendo o continente sul americano inteiro, afim de se poderem localisar o centro das depressões e os anti-cyclones — factores maximos das mudanças dos ventos.

Examinando o que neste sentido já fez a Escola de Engenharia bem como o existente na Republica do Uruguay e da Argentina verifica-se estar em media a região a E do rio Uruguay (Rio Grande do Sul e Cisplatina) envolvida pela isobarica annual media de 762 m/m; junto aos Andes ha outra identica com a concavidade voltada para W; no paralelo 25 a N existe uma de 761 m/m; e entre os de 35° e 40° outra de 761 m/m; estas quatro curvas teem as convexidades voltadas umas para as outras, deixando uma grande zona depressiva a WnW do Rio Grande do Sul.

Mas quando não se dispuzesse destes elementos era possível, com o auxilio da carta dos ventos aliseos e com applicação habil da lei de Buys Ballot, achar o centro depressivo geral. Com effeito a observação mostra predominarem em nosso Estado os ventos do quadrante de E com tendencias para o S no verão; no inverno os ventos sopram de preferencia dos quadrantes de W tambem com ronda para o S: para estes casos a lei referida dá para centros depressivos barometricos o Nw e ás vezes o W.

Ventos

Os ventos, o ar em movimento, teem como causa predominante a rotação da terra e o desequilibrio da pressão, sendo que a origem desta pertence na maior parte dos casos á acção do calor. As correntes assim estabelecidas podem ser regulares ou não; as primeiras apresentam-se nas regiões tropicaes, as outras existem por toda parte. Os ventos atravessando por sobre os oceanos carregam-se de vapor d'agua que é arrebatado ou transportado: taes ventos são humidos; os que passam por sobre os continentes accidentados são em geral seccos.

Como de ordinario os continentes se aquecem mais durante o dia que as aguas, o ar que lhes fica por cima aquece-se mais tambem, dando logar ao phenomeno conhecido em physica sob o nome de convexão, isto é, dando logar á ascensão rapida do ar aquecido sobre o ponto do aquecimento. Este é immediatamente substituido por outro menos quente — o que está sobre a agua. Nos pontos ou zonas de convecção forma-se uma verdadeira aspiração ou sucção de ar frio e esta sucção produz os ventos.

Em vista disso é facil comprehender que no estio aquecendo-se mais as terras que as aguas, os ventos soprem do Atlantico para o Estado, isto é, os ventos serão dos quadrantes de E por ficar a E aquelle oceano; no inverno o resfriamento das terras sendo maior que o das aguas os ventos devem ter a tendencia de soprar para o mar, isto é de W ou seus quadrantes.

Quando se examinam os ventos geraes do Estado chega-se as absrvações seguintes:

Os ventos de NE, de E e de Se e em parte os de S são humidos; os de SW, os de W os de NW e N são seccos.

O vento N é quente e abafadiço; os de NE, NW e E são temperados; os de W (os andinos) os de SW, os de S e de SE são frios.

Chuvas

O vapor d'agua elevando-se na athmosphera e sob acções diversas entra a condensar-se e torna-se visivel em forma de nuvens; quando a condensação vae além do que permite a resistencia mechanica do ar, sobrevém o phenomeno da precipitação de gottas d'agua chamado chuva: esta é de maxima importancia sob qualquer ponto de vista debaixo do qual se a encare. A espessura da camada de chuva recebida em um anno na superficie do sólo varia muito segundo as localidades; dois pontos proximos accusam neste particular, ás vezes, differenças notabilissimas attribuveis á situação topographica. Poucos elementos meteorologicos são tão irregularmente distribuidos, ainda assim, porém, é possível estabelecer com certeza o seguinte: 1) as regiões tropicaes recebem mais chuva que as polares, sendo as zonas temperadas de receptividade média; 2) a camada pluviometrica é mais forte nas bordas dos continentes accidentados voltadas para os oceanos do que no interior delles; 3) os flancos das montanhas voltados para os oceanos, isto é, normaes á direcção dos ventos desta procedencia, obrigam as nuvens á descarga d'agua.

Uma idéa erronea apresentada em todos os tons e a todos os momentos quando se trata de chuvas é a de que as florestas determinam as precipitações ou ao menos, a regularidade dellas. Note-se, porém, isso: a agua das chuvas é proveniente das evaporações na superficie do planeta, sendo desta mais de tres quartas partes constituídas pelos mares; d'outra parte as florestas são apenas *fracções* das superficies de terra firme ou fracções do quarto restante; qual deverá ter mais importancia para a formação das nuvens? E' uma questão de bom senso e ninguem em boa fé responderá ser a matta mais importante, a menos de confundir lamentavelmente a acção retentora e regularisadora das aguas pelas florestas, com a propria quédá pluvial

D'outro lado a agua, precisamente por ser mau conductor thermico, representa papel de grande regulador de temperatura, sempre desequilibrada pela convecção causada em terra. Qualquer que seja a temperatura de um vento oceanico, conterà certa porção d'agua; em seu percurso com rumo sobre a terra poderá encontrar obstaculos á passagem, como sejam as montanhas; o vento para vencer o empecilho carecerá de subir as mais das vezes — especialmente si for de direcção normal ao obstaculo — isto é, será obrigado a entrar, subindo, em zona mais fria, deixando condensar o vapor d'agua em forma de nevoeiro, chuva ou outro feitio de humidade atmospherica.

Examinem-se quaesquer cartas pluviographicas e especialmente as organisadas pela Commissão de Obras contra as

Seccas do Nordeste Brasileiro e ter-se-á a prova immediata de nosso asserto. A propria carta pluviographica do Rio Grande do Sul Organizada pela Escola de Engenharia o demonstra, quando cotejada como o mappa oroplastico: as regiões de mais chuvas são as de mais altos montes e os massiços que se oppõe aos ventos oceanicos.

Ainda neste particular chamo a attenção dos meus Confrades para a uniformidade ou antes homogeneidade das regiões em que oroplasticamente dividi o Rio Grande do Sul.

Applicando os principios expostos teremos:

No verão, isto é, na epoca dos calores estivaes os ventos de NE determinam um augmento de evaporação por serem mais quentes do grupo temperado; como normalmente á direcção NE—SW não existem montanhas que obriguem as correntes a subir segue-se que em reinando taes ventos (no estio) as chuvas serão excepcionaes.

Ao contrario no inverno ou quando os ventos de SE e S estes, saturados de agua, encontram o degrao de nosso planalto e a Serra do Herval, sóbem abandonando a agua em forma de chuva; e quando os de W e SW encontrem alguma corrente quente, o phenomeno tem o mesmo resultado.

Os ventos de SW os de W e os de NW soprando dois ou tres dias terão precipitado toda a humidade ambiente e o tempo *limpa* como se diz em linguagem vulgar.

Os ventos de N, quentes e seccos augmentam de muito a evaporação d'agua e em cessando de soprar deixam a atmosphera saturada: qualquer vento dos quadrantes de sul determina a precipitação e dahi o dizer-se que o vento norte traz chuva forte.

Esta circumstancia de serem entre nós hibernaes as chuvas e estivaes em todos os mais Estados do Brasil, serve para mais nitidamente distinguir o Rio Grande do Sul como região climaterica especial, mixta de zona subtropical e zona temperada, apresentando muitas vantagens de ambas e muitos defeitos de cada uma.

TEMPERATURA

Localidades	Médias			Maximas			Minimas		
	Calcula.	Observa.	Oscillação	Calcula.	Observa.	Oscillação	Calcula.	Observa.	Oscillação
Littoral									
Torres	19.72	18.10	16.5 19.4	38.52	33.36	38.0 30.5	—0.28	2.00	1.0 4.1
Conceição	19.69			38.49			—0.31		
So. Ant. da Patrulha .	19.50			38.38			—0.50		
Porto Alegre	19.54	19.05	18.1 20.2	38.34	38.09	39.6 36.1	—0.46	—0.49	—4.0 2.2
Camaquã	19.00	17.95	16.7 18.8	37.80	37.00	38.0 35.6	—1.00	—1.75	—4.0 0.7
S. Lourenço	18.70			37.50			—1.30		
Pelotas	18.80	17.61	16.3 18.4	37.60	36.56	39.0 35.0	—1.20	—1.24	—4.0 —1.6
Rio Grande	18.63	18.16	17.1 19.1	37.43	34.65	36.4 33.0	—1.37	2.05	—2.4 3.5
S. José do Norte . . .	18.68	17.81	17.2 18.4	37.48	34.20	36.1 33.1	—1.32	3.15	1.6 4.5
Jaguarão	18.65	17.11	16.2 18.3	37.15	37.12	39.0 35.6	—1.65	—1.37	—4.8 2.2
S. Vict. da Palmar . .	17.84	16.66	15.8 17.1	36.64	36.36	38.3 34.8	—2.16	—0.74	—5.2 3.6
Depressão Central									
Gravatahy	19.69			38.49			—0.31		
S. Leopoldo	19.77			38.57			—0.23		
Montenegro	19.70	19.30		38.10	38.37	39.4 38.0	—0.70	0.35	—2.5 2.0
S. Jeronymo	19.65			38.45			—0.35		
Triunpho	19.72			38.52			—0.28		
Taquary	19.35	18.67	17.2 19.6	38.15	38.43	39.6 37.3	—0.65	—0.92	—2.5 1.3
Rio Pardo	19.68			38.48			—0.32		
Cachoeira	19.39	18.97	17.7 20.0	38.19	38.50	40.1 36.4	—0.61	—1.18	—5.0 1.0
S. Maria	19.80	19.07	18.3 20.1	38.60	39.17	41.2 36.0	—0.20	—0.52	—2.4 3.4
S. Gabriel	18.92	18.40	17.5 19.1	37.72	37.76	41.1 36.0	—1.08	—1.46	—4.2 1.2
S. Cruz	19.33	18.88	17.8 19.9	38.13	38.46	39.2 37.2	—0.67	—1.78	—3.3 0.0

Campanha											
Alegrete	19.30	19.01	17.6 19.8	38.10	38.91	42.6 37.2	—0.70	—2.64	—5.0	2.1	
Livramento	18.24	17.52	16.6 18.5	37.04	37.23	40.5 35.0	—1.71	—2.11	—5.0	1.2	
D. Pedrito	18.44	17.83	17.1 18.6	37.24	38.27	41.3 35.8	—1.56	—2.52	—4.2	1.5	
Bagé	18.02	17.05	17.0 18.5	36.82	36.98	39.1 35.2	—1.98	—1.61	—4.9	2.2	
Caçapava	17.06	16.47	15.9 17.5	35.96	34.96	36.5 33.4	—2.88	—2.07	3.9	1.5	
Encruzilhada	16.32	16.32	15.6 17.1	35.12	34.57	37.6 31.5	—3.62	—1.55	—4.0	1.0	
Uruguayana	19.53	19.55	18.7 20.9	38.33	38.44	42.0 36.9	—0.43	0.11	—2.4	3.2	
Piratinhy	17.24	16.46	15.3 17.2	36.04	36.38	39.4 33.6	—2.76	2.70	—4.0	—1.1	
Planalto											
Itaqui	19.80	19.45	18.8 20.4	38.60	38.66	41.6 33.4	—0.20	—0.27	—3.0	3.5	
S. Borja	19.81	20.03	18.9 20.9	38.60	38.45	41.2 36.8	—0.20	—0.47	—2.0	3.2	
S. Luiz	19.67	19.80	19.1 20.7	38.47	37.71	39.5 36.4	—0.33	—1.07	—4.2	3.5	
Marcellino Ramos . .	18.96	18.03	17.8 18.4	37.76	35.83	36.2 35.3	—1.04	—0.36	0.0	1.0	
Palmeira	18.44	17.87	17.2 18.8	37.24	34.98	36.0 33.9	—1.56	—1.83	—4.5	0.4	
Passo Fundo	17.20	17.10	16.6 18.4	36.00	34.87	38.6 33.0	—2.80	—1.12	—6.0	3.1	
S. Angelo	18.95	18.65	18.0 19.6	37.75	36.98	39.0 35.1	—1.05	—2.42	—5.0	0.1	
Lagoa Vermelha . . .	16.42	16.25	15.4 17.0	35.22	33.46	35.5 31.6	—3.58	—5.85	—6.8	—3.5	
Vaccaria	15.61	15.17	13.8 15.8	34.41	32.57	35.0 31.0	—4.39	—5.53	—8.5	0.4	
Soledade	16.54	16.55	15.5 18.1	35.34	34.82	36.2 33.0	—3.46	—1.80	—6.0	2.0	
Cruz Alta	18.03	18.00	17.4 19.2	36.83	35.87	38.0 36.3	—1.97	—1.61	—3.5	1.0	
Bento Gonçalves . . .	16.18	16.30	16.0 16.6	34.98	33.35	34.4 32.3	—3.82	—3.33	—4.0	—2.0	
Guaporé	17.85	17.09	16.1 17.8	36.65	36.02	37.1 34.7	—2.15	—4.28	—8.4	—1.0	
Julio de Castilhos . .	17.28	16.67	16.0 17.3	36.08	34.52	36.2 33.5	—2.72	—2.72	—3.0	—2.5	
Caxias	16.53	15.92	14.8 17.1	35.13	32.83	33.8 31.4	—3.67	—2.90	—6.8	1.5	
S. Francisco de Paula	14.97	14.07	13.4 15.1	33.77	31.38	33.0 29.6	—5.03	—4.75	—7.0	—1.8	
Alfredo Chaves	17.55	17.55	17.4 17.7	36.35	33.57	35.7 32.4	—2.45	—1.20	4.0	0.0	
Santig. do Bouqueirão	17.85	18.00	17.7 18.7	36.65	35.45	35.9 34.9	—2.15	—1.07	—2.7	0.0	

Dados pluviometricos em m/m recolhidos

Localidades	Médias	Oscillação	
Littoral			
Torres.....	1063.8	1969.9	794.2
Conceição.....			
S. Antonio.....			
Porto Alegre.....	1297.2	1773.0	735.5
Camaquã.....	1137.2	1329.7	851.0
S. Lourenço.....			
Pelotas.....	1315.4	2267.4	782.1
Rio Grande.....	1180.8	2174.9	651.7
S. José do Norte.....	1288.9	2192.6	1049.0
Jaguarão.....	1330.5	2080.1	721.8
S. Victoria do Palmar.....	1228.4	2461.7	720.0
Depressão Central			
Gravatáhy.....			
S. Leopoldo.....			
Montenegro.....	1713.3	2094.4	1199.5
S. Jeronymo.....			
Triumpho.....			
Taquary.....	1587.0	2007.6	1013.3
Rio Pardo.....			
Cachoeira.....	1572.7	2317.3	839.3
S. Maria.....	1673.6	2026.4	722.2
S. Gabriel.....	1662.2	2286.8	961.3
S. Cruz.....	1560.6	1900.4	1374.3
Campanha			
Alegrete.....	1554.7	2171.7	716.2
Livramento.....	1385.6	2020.9	772.2
D. Pedrito.....	1536.6	1978.6	670.0
Bagé.....	1380.0	2368.1	518.2
Caçapava.....	1472.7	1949.1	1020.1
Encruzilhada.....	1489.5	2484.6	897.3
Uruguayana.....	1356.7	1724.5	598.0
Piratiny.....	1266.7	1532.0	756.1

Localidades	Médias	Oscillação
Planalto		
Itaquy.....	1546.6	2024.7 668.4
S. Borja.....	1906.4	2629.5 831.5
S. Luiz.....	1631.4	2126.3 822.6
Marcellino Ramos.....	1343.0	1500.1 1165.4
Palmeira.....	1885.9	2333.4 1161.9
Passo Fundo.....	1645.6	2207.7 901.7
S. Angelo.....	1586.5	2219.5 802.3
Lagoa Vermelha.....	1749.1	2062.7 1325.7
Vaccaria.....	1749.1	2131.5 1319.4
Soledade.....	1726.1	2222.4 996.5
Cruz Alta.....	1815.2	2551.5 806.5
Bento Gonçalves.....	1680.1	1904.2 1487.4
Guaporé.....	1899.7	2756.1 1120.0
Julio do Castilhos.....	1617.8	2061.9 991.0
Caxias.....	1857.5	2923.7 1053.6
S. Francisco de Paula.....	2497.3	3177.0 1761.6
Alfredo Chaves.....	2020.8	2745.2 1650.2
Santiago do Bouqueirão.....	1598.4	2521.2 517.1

Amplitude das precipitações por zonas:

Littoral	1063.8 — 1288.9	ampl. = 225.1 — 1176.85
Campanha	1266.7 — 1534.7	„ = 268.0 — 1400.70
Depressão	1560.6 — 1713.3	„ = 152.7 — 1636.95
Planalto	1546.0 — 2497.3	„ = 951.3 — 2021.65

TABELLA I

Lat.	Max.	Méd.	Min.	Lat.	Max.	Méd.	Min.
27 00	39.93	21.11	1.18	28 00	39.47	20.66	0.72
02	39.91	21.09	1.16	02	39.46	20.64	0.71
04	39.90	21.08	1.15	04	39.44	20.63	0.69
06	39.88	21.07	1.13	06	39.43	20.61	0.68
08	39.87	21.05	1.12	08	39.41	20.60	0.66
10	39.85	21.04	1.10	10	39.40	20.58	0.65
12	39.83	21.02	1.08	12	39.38	20.57	0.63
14	39.82	21.01	1.07	14	39.37	20.55	0.62
16	39.81	20.99	1.05	16	39.35	20.54	0.58
18	39.79	20.98	1.04	18	39.34	20.52	0.57
20	39.77	20.96	1.02	20	39.32	20.50	0.55
22	39.76	20.95	1.01	22	39.30	20.49	0.54
24	39.75	20.93	0.99	24	39.29	20.47	0.52
26	39.73	20.92	0.98	26	39.27	20.46	0.50
28	39.72	20.90	0.96	28	39.26	20.44	0.49
30	39.71	20.88	0.95	30	39.25	20.43	0.47
32	39.70	20.87	0.93	32	39.24	20.41	0.46
34	39.68	20.85	0.92	34	39.23	20.40	0.44
36	39.66	20.84	0.90	36	39.21	20.38	0.43
38	39.65	20.82	0.89	38	39.19	20.36	0.41
40	39.64	20.81	0.87	40	39.18	20.35	0.39
42	39.62	20.79	0.86	42	39.16	20.33	0.38
44	39.60	20.78	0.84	44	39.15	20.32	0.36
46	39.59	20.76	0.83	46	39.13	20.30	0.35
48	39.57	20.75	0.81	48	39.12	20.28	0.33
50	39.56	20.73	0.80	50	39.10	20.27	0.32
52	39.54	20.72	0.78	52	39.08	20.25	0.30
54	39.53	20.70	0.77	54	39.07	20.24	0.29
56	39.51	20.69	0.75	56	39.05	20.22	0.27
58	39.50	20.67	0.74	58	39.04	20.20	0.26

TABELLA I

Lat.	Max.	Méd.	Min.	Lat.	Max.	Méd.	Min.
29 00	39.01	20.19	0.25	30 00	38.53	19.71	—0.22
02	38.99	20.18	0.24	02	38.51	19.69	—0.24
04	38.97	20.16	0.22	04	38.50	19.68	—0.25
06	38.96	20.15	0.21	06	38.48	19.66	—0.27
08	38.94	20.13	0.19	08	38.46	19.65	—0.29
10	38.93	20.11	0.18	10	38.45	19.63	—0.30
12	38.91	20.10	0.16	12	38.43	19.61	—0.32
14	38.90	20.08	0.15	14	38.41	19.60	—0.34
16	38.88	20.07	0.13	16	38.40	19.58	—0.35
18	38.87	20.05	0.11	18	38.38	19.56	—0.37
20	38.85	20.04	0.10	20	38.36	19.55	—0.39
22	38.84	20.02	0.08	22	38.35	19.53	—0.40
24	38.82	20.00	0.07	24	38.33	19.51	—0.42
26	38.80	19.98	0.05	26	38.31	19.50	—0.44
28	38.79	19.97	0.04	28	38.30	19.48	—0.45
30	38.77	19.96	0.02	30	38.28	19.46	—0.47
32	38.76	19.94	0.00	32	38.26	19.45	—0.49
34	38.74	19.92	—0.01	34	38.25	19.43	—0.50
36	38.72	19.91	—0.03	36	38.23	19.41	—0.52
38	38.71	19.89	—0.04	38	38.21	19.40	—0.54
40	38.70	19.87	—0.06	40	38.20	19.38	—0.55
42	38.67	19.86	—0.08	42	38.18	19.37	—0.57
44	38.66	19.84	—0.09	44	38.17	19.35	—0.58
46	38.64	19.83	—0.11	46	38.15	19.33	—0.60
48	38.62	19.81	—0.13	48	38.13	19.31	—0.62
50	38.61	19.79	—0.14	50	38.12	19.30	—0.63
52	38.59	19.77	—0.16	52	38.10	19.28	—0.65
54	38.58	19.76	—0.17	54	38.08	19.26	—0.67
56	38.56	19.74	—0.19	56	38.07	19.25	—0.68
58	38.54	19.73	—0.20	58	38.05	19.23	—0.70

TABELLA I

Lat.	Max.	Méd.	Min.	Lat.	Max.	Méd.	Min.
31 00	38.03	19.22	—0.72	32 00	37.52	18.70	—1.23
02	38.01	19.20	—0.73	02	37.50	18.69	—1.25
04	37.99	19.18	—0.75	04	37.49	18.67	—1.26
06	37.97	19.16	—0.77	06	37.47	18.65	—1.28
08	37.95	19.14	—0.78	08	37.45	18.63	—1.30
10	37.94	19.13	—0.80	10	37.44	18.62	—1.32
12	37.92	19.11	—0.82	12	37.42	18.60	—1.33
14	37.90	19.10	—0.83	14	37.40	18.58	—1.35
16	37.89	19.08	—0.85	16	37.38	18.56	—1.37
18	37.87	19.06	—0.87	18	37.37	18.54	—1.38
20	37.85	19.04	—0.89	20	37.35	18.53	—1.40
22	37.83	19.03	—0.90	22	37.33	18.51	—1.42
24	37.82	19.01	—0.92	24	37.31	18.49	—1.44
26	37.80	18.99	—0.94	26	37.30	18.47	—1.45
28	37.78	18.97	—0.96	28	37.28	18.45	—1.47
30	37.77	18.96	—0.97	30	37.26	18.44	—1.49
32	37.75	18.94	—0.99	32	37.24	18.42	—1.50
34	37.73	18.92	—1.00	34	37.23	18.40	—1.52
36	37.71	18.90	—0.02	36	37.21	18.38	—1.54
38	37.69	18.89	—1.04	38	37.19	18.37	—1.56
40	37.68	18.87	—1.06	40	37.17	18.35	—1.58
42	37.66	18.85	—1.08	42	37.16	18.33	—1.59
44	37.64	18.83	—1.09	44	37.14	18.31	—1.61
46	37.63	18.82	—1.11	46	37.12	18.29	—1.63
48	37.61	18.80	—1.13	48	37.11	18.27	—1.64
50	37.60	18.78	—1.15	50	37.09	18.26	—1.66
52	37.57	18.76	—1.16	52	37.07	18.24	—1.68
54	37.56	18.75	—1.18	54	37.05	18.22	—1.70
56	37.54	18.73	—1.20	56	37.04	18.20	—1.71
58	37.52	18.71	—1.22	58	37.02	18.19	—1.73

TABELLA I

Lat.	Max.	Méd.	Min.
33 00	36.99	18.18	—1.75
02	36.98	18.16	—1.77
04	36.96	18.14	—1.79
06	36.94	18.13	—1.81
08	36.92	18.11	—1.83
10	36.90	18.09	—1.84
12	36.89	18.07	—1.86
14	36.87	18.06	—1.88
16	36.85	18.04	—1.90
18	36.84	18.02	—1.91
20	36.82	18.00	—1.93
22	36.80	17.98	—1.95
24	36.78	17.97	—1.97
26	36.76	17.95	—1.99
28	36.75	17.93	—2.00
30	36.73	17.91	—2.02
32	36.71	17.89	—2.04
34	36.69	17.88	—2.06
36	36.67	17.86	—2.08
38	36.66	17.84	—2.09
40	36.64	17.82	—2.11
42	36.62	17.80	—2.13
44	36.60	17.79	—2.14
46	36.58	17.77	—2.17
48	36.57	17.75	—2.18
50	36.55	17.73	—2.20
52	36.53	17.72	—2.22
54	36.51	17.70	—2.24
56	36.49	17.68	—2.26
58	36.48	17.66	—2.27
34 00	36.46	17.64	—2.29

TABELLA
DE CORRECÇÕES ALTIMETRICAS

Altit.	Correcção	Altit.	Correcção
0	0.00	620	3.10
20	0.10	640	3.20
40	0.20	660	3.30
60	0.30	680	3.40
80	0.40	700	3.50
100	0.50	720	3.60
120	0.60	740	3.70
140	0.70	760	3.80
160	0.80	780	3.90
180	0.90	800	4.00
200	1.00	820	4.10
220	1.10	840	4.20
240	1.20	860	4.30
260	1.30	880	4.40
280	1.40	900	4.50
300	1.50	920	4.60
320	1.60	940	4.70
340	1.70	960	4.80
360	1.80	980	4.90
380	1.90	1.000	5.00
400	2.00	1.020	5.10
420	2.10	1.040	5.20
440	2.20	1.060	5.30
460	2.30	1.080	5.40
480	2.40	1.100	5.50
500	2.50	1.120	5.60
520	2.60	1.140	5.70
540	2.70	1.160	5.80
560	2.80	1.180	5.90
580	2.90	1.200	6.00
600	3.00	1.220	6.10

40
39
38
37
36
35
34
33
32
31

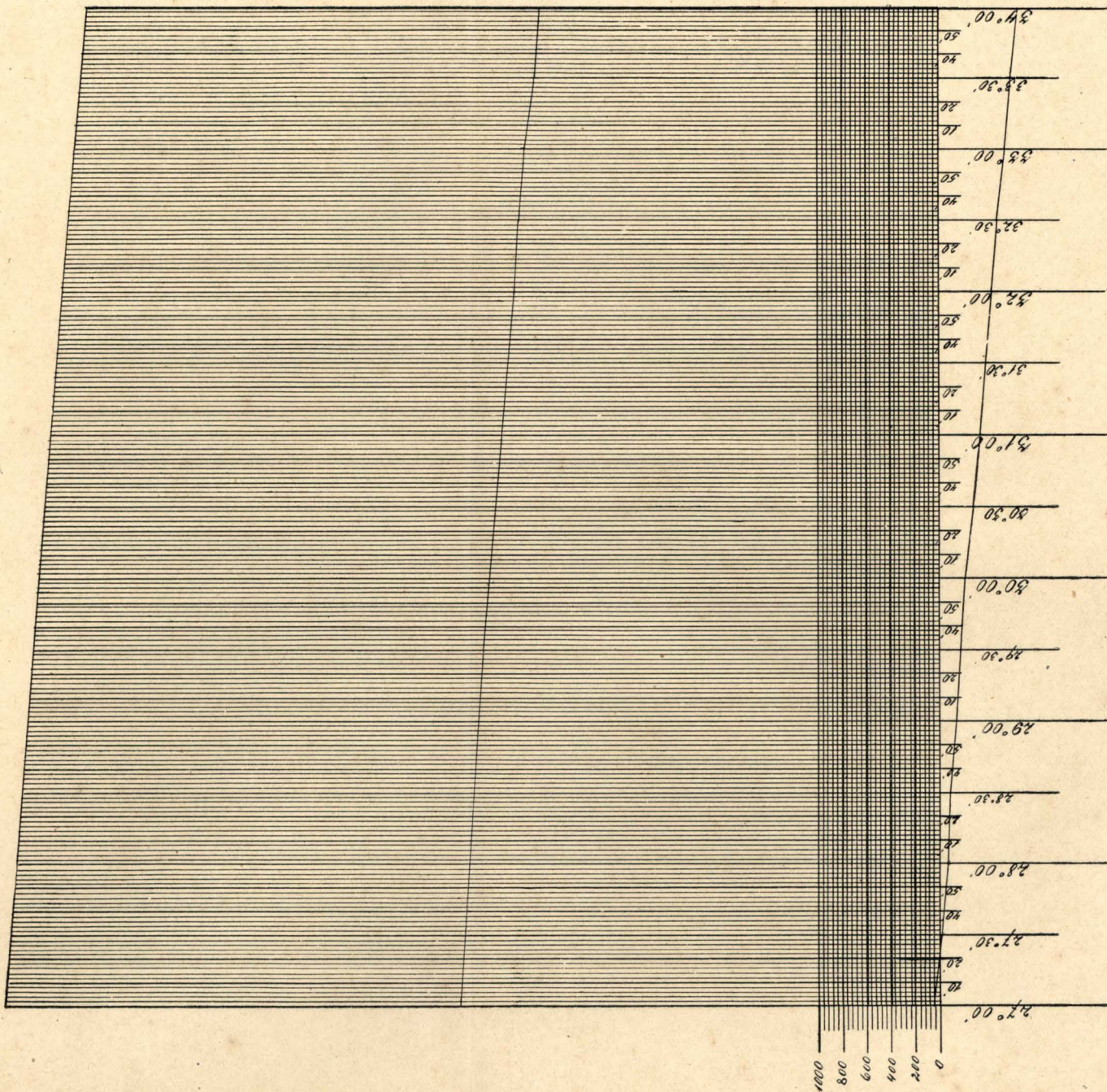
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12

1
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

Maxima

Media

Minima



O CENTENARIO DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Conferencia pelo dr. Alberto Juvenal do Rego Lins, na sessão
commemorativa de 2 de julho de 1924

Meus caros consocios e meus senhores:

Um seculo passa hoje sobre os acontecimentos inesqueciveis que vimos aqui juntamente commemorar.

Um seculo apenas... Não parece que seja um termo tão espaçado, uma distancia tão larga a ponto de não poder ninguém transportar-se, em pensamento e recordação, ao dia em que o tradicional heroismo pernambucano se manifestou de novo em obra de ousado federalismo no scenario de uma nação, que só lograria fixar suas immensas fronteiras geographicas e articular os nucleos dispersos de sua população reduzida dentro da unidade magnifica que o Imperio soube assegurar pela espada e fortuna de seus grandes generaes e pela sabedoria e prudencia dos seus insuperaveis estadistas.

Era no início do primeiro reinado.

O paiz experimentava de norte a sul, o grande abalo, occasionado pela dissolução da Constituinte, cuja acção estivera muito abaixo das esperanças populares, que a acompanhavam nos seus primeiros dias de reunião.

Em Pernambuco, principalmente, onde o sentimento de liberdade havia madrugado na tentativa da Republica aristocratica, que Bernardo Vieira de Mello proclamara no Senado de Olinda, em 1710, a agitação assumia um character pouco tranquilizador para o prestigio da ordem institucional que se vinha de estabelecer pela separação da Metropole, por onde passava tambem o sopro irresistivel das idéas que a revolução de 1789 disseminava e que a Santa Alliança procurava suffocar

para melhor garantia da politica da força, da soberania e prerrogativa das realezas sobre a renuncia dos povos, em ancias de liberdade.

A formidavel epopéa da restauração do dominio portuguez no Brasil integrava justificadamente a insubjugavel capitania de Duarte Coelho no sentimento de sua força.

Pernambuco salvara os destinos da America portugueza; dera lineamento, vigor e unidade a uma patria; recollocara na sua corrente historica, restabelecida nos planos de sua autonomia, a raça nova que surgia e que se irá formando seculos a dentro como vergonhea em crescimento que se destacara do velho tronco lusitano.

A intelligencia completava a ousadia.

Era, na aurora do seculo 19, a mais florescente das capitanias.

Aos designios da sua politica associava como que a zona nordestina, desde Alagôas ao Ceará, a primeira desmembrada do seu corpo como castigo não declarado da rebeldia de 1817 e medida de precaução contra provaveis insubordinações, e a ultima influenciada talvez pelas razões de analogia ethnica e de antiguidade territorial em pleno sertão, onde cearenses e pernambucanos se sentem iguaes e irmãos, fragmentos de uma mesma rocha ao contacto de uma natureza, ao mesmo tempo, aspera, agreste, dura, amavel e doce.

O movimento liberal que sacudia a peninsula Iberica, que parecia despertar de uma hibernação de despotismo e de inercia de idealismo, depois dos dias gloriosos, dos descobrimentos maritimos e das conquistas longinquas, encontrava éco no Brasil, sobretudo em Pernambuco, aberto ao commercio das idéas que agitavam a Europa ás vespervas das transformações que se iam operar nas suas instituições politicas.

Mas, essa agitação assumia proporções fóra de commum em Pernambuco devido, em grande parte, ás condições especiaes daquella Provincia, dividida fundamente pelas rivalidades partidarias da sua élite dominadora e pelo antagonismo existente entre portuguezes e brasileiros.

O nativismo, que degenerava em odio explosivo ao portuguez que monopolisava o commercio e que detinha o melhor quinhão na partilha da riqueza publica, queria apagar, naquella terra, os ultimos vestigios de um poder adventicio e antipatico, que se prolongara de facto nos exageros das paixões reacesas pelos excessos da repressão sangrenta da revolução de 1817 e a tyrannia intoleravel de Luiz do Rego, expulsa

victoriosamente da provincia em consequencia da Convenção de Bebiribe, de 9 de outubro de 1821.

Effectivamente, a xenophobia pernambucana, a que nem o temor da força punha termo, devia estrugir nos varios successos que se vão desenrolando daquella data em deante, até culminar na revolta praieira de 1848, como programma de partido, como se vê do requerimento atrevido á assembléa provincial no sentido, da prohibição ao estrangeiro do commercio a retalho, da expulsão de todos os portuguezes solteiros e da convocação de uma assembléa constituinte para tratar de uma reforma social.

Porque, na verdade, a lucta que se trava então entre praieiros e saquaremas, luzias e chimangos, nomes com que se baptisam os membros dos partidos rivaes, encontra a sua força motora ou fonte de impulsões no exclusivismo nativista que irrompe, violento e tumultuario, em cada movimento de character particularista ou de tendencia social.

A revolução de 1824, a Confederação do Equador, diz Levi Carneiro, promanou da de 1817. Esta é uma nova explosão do sentimento nativista, mas é tambem francamente republicana e separatista.

A fagulha que ateia é um pequeno episodio da antiga rivalidade, tão acirrada em Pernambuco, entre portuguezes e brasileiros, como bem mostrou o sr. Oliveira Lima, pelas predilecções de D. João VI pelo Brasil e particularmente pela elevação da colonia a reino (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo especial, pag. 212).

Esse odio entre portuguezes e brasileiros borbulha á superficie dos acontecimentos que formam o entrecho do drama historico de 1824. O „Typhis Pernambucano“ sob a direcção de frei Joaquim do Amor Divino Caneca e João Soares Lisbôa, explora essa animadversão irreparavel em proveito de um ideal republicano, regado talvez com o sangue dos martyres numerosos de 1817, e com o qual deveria Pernambuco celebrar as suas novas nupcias de dor e lagrimas em 1824.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade concita o paiz á rebeldia contra a autoridade do primeiro Imperador, denunciando os portuguezes como inimigos do Brasil e os perigos imaginarios de uma esquadra invasora que para este hemispherio já velejava. Mas, na determinação desse evento de apreciaveis projecções historicas, não podia ser o odio o elemento unico. Uma potencia ideal, se não sobrelevou, correu ao menos para a precipitação dos successos que conduziam á morte homens illustres e que demonstravam á evi-

dencia que o particularismo das provincias, secundado pelo interesse equivoco da politica, encontrava resistencia decisiva no bom senso e na indole historica da Nação.

O federalismo que se queria implantar, sob a guarda de uma constituição tomada de empréstimo á Colombia, seria a desassociação das provincias.

As duas forças, sustentei alhures, que deviam reger a nossa nascente sociedade politica, constituindo ao mesmo tempo, os inabalaveis fundamentos do seu desenvolvimento „eram a tradição e a organização ou gerarchia“. E assim entenderam os patronos da independencia, quando, renunciando toda a tradição republicana da nossa tumultuosa vida historica, se inclinaram para a monarchia constitucional, dentro de cujas praticas fizemos a nossa aprendizagem politica.

Sob a egide de uma monarchia forte e centralisada, o paiz se constituiu ao abrigo da turbulencia dos caudilhos e dos pronunciamentos armados. Não conhecemos a anarchia militar; não supportamos o flagicio das dictaduras dos regeneradores formados „nas escolas funestas das ambições perturbadoras“; não sentimos o peso esmagador dessas monarchias hediondas que enchem quasi todo o seculo 19 nas republicas de origem hespanhola. O scenario da nossa vida politica não comportava um dr. Francia, egoista, cruel e taciturno, que subtrae inteiramente a sua nação ao convívio do mundo; um Rosas, a barbarie dos desertos, consorciada com a demagogia pampeana.. „allucinada e fanatica, que assassina vinte e dois mil e quinhentos argentinos, que decapita as liberdades publicas com as facas ensanguentadas dos bandidos da „mazorca“; que serve numa tertulia as orelhas salgadas do seu inimigo, o coronel Fausto Borda, e que faz „um apostolado das hecatombes convertendo afinal o seu paiz num esgastulo de horrores berberiscas“; um Lopes que vae dos massacres em massa até á condemnação á morte de sua propria mãe; um Melgarejo, um Andueza Palacio e outros que passarão á historia através de um relato tristissimo das suas extravagancias e abjecta crueldade de histriões e scelerados.

Ao arbitrio do coronelismo aldeão contrapunha-se, entre nós, a acção vigilante e efficaz de uma magistratura integra e unificada, com a sua independencia assentada na lei e com a sua selecção rigorosamente assegurada pelo criterio pessoal do imperador, um homem probó e bom, que preferia, numa democracia coroada, aos esplendores e galas da realza a honra singela do mestre-escola e aos entretenimentos perniciosos da intrujice e da felonía dos corrilhos as inspirações de seus eminentes conselheiros, a palavra dos sabios e a perscrutação

silenciosa do segredo de todas as constellações, que projectam sobre a terra ondas de luz da immensidade dos céos em que se acham derramadas.

Data justamente o confisco das liberdades publicas do advento, entre nós, desse federalismo que Paes de Andrade enaltecia, a 2 de julho de 1824, como o melhor dos systemas politicos para os bravos habitantes da zona torrida.

Assim falava elle: „um centro em logar escolhido pelos votos dos seus representantes dará vitabilidade e movimento a todo o nosso grande corpo social. Cada Estado terá o seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um annel da grande cadeia, nos tornará invencíveis.“

O modelo norte-americano servia, então, a Pernambuco como serviu mais tarde ao Brasil inteiro, ainda não de todo inclinado hoje ao melhoramento e modificação daquillo que tomou de emprestimo, contrariando fundamentalmente os principios e as tradições politicas sob cujas inspirações evoluiu e prosperou em quasi dois terços do seu primeiro seculo de independencia.

Não é só isso o emperramento lamentavel numa noção erronea do Estado Federal, sem incompatibilidade alguma com um forte governo central, com o poder coordenador por excellencia, como se proclama até na propria terra de Washington; é o predominio de uma illusão que já se desfaz de que a obra que a constituinte offereceu, a 24 de fevereiro de 1821, á familia brasileira não é uma bussola insubstituivel na sua direcção e guia „pelo oceano infinito do tempo que se lhe abre“ aos destinos.

Não quer isso absolutamente dizer que a revolução de 1824, antecipando-se muito na pleiteação de uma fôrma de governo perigosa á unidade nacional, tenha perdido o encanto e a força de sua expressão espirital e da sua alta significação na vida e aspiração collectiva. Pernambuco, que se deixava abraçar pela chamma do pronunciamento liberal de 1820 na propria metropole, não podia conservar-se silencioso ante a dissolução violenta da constituinte, mal recebida, aliás, pelas provincias do norte, onde sobravam fermentos de desordem explorados pelos partidos no interesse de seus pontos de vistas, exclusivista e extremos.

A carta constitucional outorgada por D. Pedro á nação não desarmara a desconfiança, nem fizera cessar a exaltação dos pernambucanos, que viam naquelle principe o inimigo

occulto do paiz e o protector interessado do advena parasitario, que pesava sobre os hombros do povo, para quem não era tudo a ficção calumniada da méra independencia politica. Aggravavam ainda esse estado de coisas os preparativos bellicos de Portugal contra o novo Imperio e a suspeita injustificavel de um entendimento de D. Pedro com seu pae para reconduzir o Brasil á sua misera condição de colonia.

„Nunca a ninguem, dizia Paes de Andrade, podia passar pela idéa talvez nem como possibilidade, que o imperador havia de trair-nos e abandonar-nos ao capricho de nossos sangrentos e implacaveis inimigos lusitanos, no momento em que teve noticia de estar-se fazendo á vela a expedição invasora.“

Estava, pois, a provincia a dois passos da guerra civil, que tem como antecedentes proximos, no encadeamento dos factos, os successos concomitantes á declaração da independencia da Junta de Goyana, nos fins de 1823, de igual corporação instituida na cidade de Recife, onde a anarchia assumira taes proporções a ponto do presidente da ultima, o morgado do Cabo, abandonar as suas funções e recolher-se a uma de suas propriedades ruraes.

A substituição de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque foi de curta duração. Considerando a Junta governativa sem força moral para enfrentar a tempestade que já se precipitava, renuncia juntamente com os seus companheiros, tão pesada investidura e pede a „nomeação de outro governo que o substituisse“.

Da nova Junta que se elegeu promptamente faziam parte Manoel de Carvalho Paes de Andrade como presidente; o dr. José da Natividade Saldanha, como secretario e os drs. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, Francisco Xavier Pereira de Brito e Manoel Ignacio de Carvalho, padre Luiz José Cavalcanti Lins e os cidadãos Felix José Tavares de Lyra e Bento Joaquim Miranda Henriques, como conselheiros.

Com essa eleição, acclamou-se igualmente governador das armas o coronel José de Barros Falcão de Lacerda.

Uma assembléa de eleitores, reunida em Olinda, a 8 de janeiro de 1824, emprestou ao novo governo o cunho de legalidade que reclamava Paes de Andrade, substituindo apenas tres vogaes da junta eleita.

A assembléa de Olinda partilhava tambem do sentimento dominante na provincia em relação ao supposto antibrasilei-

rismo e aos processos violentos de D. Pedro. Tornava-se essa corporação decididamente facciosa; resistia ao imperador, de cujos intuitos duvidava; contrapunha-se ao decreto imperial da dissolução da Constituinte, recusando-se a eleger outros deputados para a nova Constituinte, cuja convocação promettia o príncipe.

Era uma declaração francamente revolucionaria.

„Tendo a provincia já escolhido aquelle a quem incumbira de firmar o pacto social, declarava a assembléa, e não tendo elles concluido essa soberana commissão, e nem substituido o seu character, era contrario á dignidade e decoro da mesma provincia nomear novos, e mesmo contrario a direito, porque os procuradores, depois de se fazerem senhores do negocio não podiam ser expulsos senão por prevaricação, ou suspeição, o que não existia nos dignos deputados da provincia; e porque tambem o facto da dissolução do congresso não era dissolutivo dos direitos dos povos em conservarem os seus mesmos representantes, tendo antes em sustentação de sua dignidade o testemunho respeitavel de Sua Magestade Imperial no decreto de 13 de novembro de 1823, em que, a excepção de alguns deputados, em todos os mais brilhavam as qualidades de verdadeiros representantes do grande Imperio Brasileiro.“

Esse collegio de eleitores, communicando as resoluções adoptadas ao governo imperial, não dissimulava o proposito da provincia de resistir ao sempre detestado despotismo, cujo restabelecimento se temia.

Em meados de fevereiro, participa Francisco Paes Barreto á Camara de Olinda a sua nomeação de presidente da provincia pelo governo imperial. Esta respondeu-lhe que „tendo os eleitores da parochia dirigido uma representação a S. M. I., pedindo a conservação de Paes de Andrade á testa da administração provincial, nada se devia renovar sem a decisão do imperador.“

O morgado do Cabo, accrescentava essa resposta, devia aguardar a solução do conselho convocado pelo governo da provincia para tratar do caso.

O conselho resolve unanimemente negar posse a Paes Barreto, mantendo na presidencia Paes de Andrade. Os partidarios do morgado do Cabo moveram-se então, encontrando apoio no elemento portuguez e em dois batalhões de infantaria. O presidente Paes de Andrade é preso e recolhido á fortaleza do Brum.

A Camara de Olinda, exige energicamente a liberdade do presidente deposto. Já estava o commandante das armas disposto a marchar como o resto das forças contra a fortaleza, quando a guarnição desta, insurgindo-se contra a violencia reclamada, liberta o presidente ali recolhido.

Paes Barreto retira-se, com a tropa que se lhe conserva fiel, para a Barra Grande, em Alagôas, onde acampou.

Pouco tardou que aportasse ao Recife a esquadra, sob o commando de Taylor, para apoiar o presidente nomeado. A Camara de Olinda que se mostrava conciliadora, naquellas conjuncturas, propõe que seja resolvido o conflicto por deliberação „do grande conselho já convocado“, representando-se neste o proprio Taylor.

Opinou esse conselho, composto de amigos dedicados de Paes de Carvalho, pela conservação deste na presidencia, emquanto se mandava uma commissão ao Rio pedir a revogação da nomeação de Paes Barreto, a quem se dava a responsabilidade da guerra civil na provincia.

E' nomeado José Carlos Mayrink da Silva presidente de Pernambuco por decreto de 24 de abril.

O presidente nomeado receia assumir o governo. Sentindo-se fraco para restabelecer a ordem publica, pede a Paes de Andrade que permaneça na direcção da provincia. Este, que reluctava calculadamente a principio, aceita o governo e finge obediencia á autoridade imperial, para melhor e mais opportunamente desferir o golpe que projectava.

O sedicioso de 1817 devia encabeçar o movimento republicano de 1824, á frente do governo da propria provincia, tendo a seu dispor larga copia de petrechos bellicos, fortalezas e arsenaes. Prepara de antemão e concentra na cidade do Recife tropas numerosas, sob o commando de Falcão de Lacerda, e arma e apparelha dois bergantins.

A dois de julho de 1824 lança aos brasileiros uma inflamada proclamação convidando-os a seguirem o exemplo das provincias que se rebellam contra o poder imperial „para que se organisem a nação, segundo as luzes do seculo“...

Instituiu a bandeira da confederação, que tinha de ser regida pela constituição da Colombia, „prende e deportou varios cidadãos e privou dos officios publicos a quantos não prestavam juramento de fidelidade e obediencia.“ (P. Galante, Historia do Brasil, tomo V, pag. 206.).

Para submeter a provincia de Pernambuco, bem como o Ceará que a acompanhava na rebeldia, enviou o governo

imperial incontinente uma expedição sob o commando de Lima e Silva e nomeou duas commissões militares para precossarem e julgarem summariamente os chefes da revolta.

Lord Cockrane bloqueou o porto de Recife. Suspenso o bloqueio em virtude dos ventos reinantes, restabeleceu-o novamente David Jewet, que substituiu Cockrane e que chegara com a sua esquadra ao Lamarão no momento decisivo para as armas imperiaes na luta empenhada contra as tropas dessa republica ephemera, que, separa os destinos da grande Patria podia ter sido uma aventura arriscada em face da impossibilidade manifesta em que se encontrava a Confederação nascente de polarisar para o seu ideal de governo, e dentro dos mesmos laços, as provincias irmãs, foi para aquella mesma provincia mais uma pagina de nobre sacrificio, de accendrado amor ás tradições de liberdade, que Pernambuco não esqueceu, nem esquecerá, hontem no calor de suas luctas intestinas e hoje no seu enthusiasmo pelo progresso, pela unidade e pela regeneração do Brasil, tão caro ao coração e ao patriotismo de sua gente.

E a esta hora, a sombra daquelle inimitavel frade recollecto, daquelle idealista militante, que não sabe a historia se foi maior na sublimidade do seu apostolado civico ou se na constancia com que servia á fé, aquelle espirito ardente que encarnava o liberalismo na America, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, sacrificado ao odio partidario dos homens pelo automatismo da disciplina militar, porque em todo o Pernambuco, sob o terror do espancamento e a attracção do suborno, não se encontrou para elle um verdugo, talvez desça para abençoar, como fazia em vida aos humildes que aos seus pés se curvavam, vencedores e vencidos, que ora se confundem no seio da morte, como se confundiam, ha um seculo, na grandeza do sacrificio pela terra que tanto amaram.

Discurso do dr. Rubens de Barcellos

proferido ao ser recebido no Instituto, em sessão
extraordinaria de 7 de setembro de 1924.

Sagrou a praxe o uso reiterado de quasi todos os cenaculos litterarios e scientificos, que os vindigos nelles recebidos, ao penetrarem seus humbraes, apresentem-se revestidos de convencional modestia, balbuciando palavras de gratidão e de respeito. Não me parece mal semelhante costume, que é amavel e cortez. Desejaria, entretanto, que nesta cerimonia, quando pela vez primeira vos entretenho com minha fala, alçado a vosso seio pela força persuasiva de mãos generosas, outro fosse o sentido de minha attitude. E' que bem medido tenho, segundo entendo, a significação restricta e o espeçial alcance da escolha que fazeis, chamando-me para vossa companhia. Não premiaes um merecimento; não recompensaes um esforço; não galardoaes uma obra. Nenhum destes titulos me é dado apresentar com que me desvaneça. Em vão appellaria para os meus escassos e pobres escriptos. Nascidos de circumstancias especiaes, e logo atirados ao publico, nunca lhes dei cuidado maior do que comporta a divulgação de um artigo para um publicista. Talvez nem a tanta conta possam ser levados. Não passaram nunca de peccados dum curioso, que de quando em quando escorrega, e deixa resvalar pelos prelos alguma ruim pagina. Destas incursões litterarias a que me tenho aventurado, recolho-me sempre com muita presteza e algum rémorso, receioso de bulha e de atroada. E elegendo-me pois, para o vosso gremio, estou certissimo dos motivos que vos guiaram em tal passo, e outros não podem ser senão estimular um estudioso, e convocar não direi um collaborador para a tarefa commum, mas um aprendiz de vossa bella disciplina. Descobristes, talvez certa conformidade de pendores do meu espirito sem brilho com as vossas mais caras cogitações, o culto

do passado, o gosto pelas coisas desta terra, o amor da sua historia, da sua gente, das suas lendas, dos seus mythos, das suas glórias e tristezas, das suas derrotas e victorias. São tudo razões que vos desculpam da fragilidade da escolha, e me permitem a mim aceitar, sem humilhação maior, o lugar que me offereceis. Não o faria, porém, se vos considerasse uma academia de letrados, uma tertulia ociosa reunida para o cultivo ameno de galas intellectuaes, á moda do seculo dezoito, ou mesmo ao gosto de nosso tempo. Sois muito mais que isto: desempenhaes uma função seria e proveitosa. Recolher, guardar, ordenar as tradições do povo, na linguagem e nas acções; investigar os factos do passado, no movimento das massas e no gesto de suas individualidades salientes; velar por este patrimonio; e não só preservá-lo do olvido, senão diffundil-o e propagal-o; eis a empreitada que vos impuzestes. E' grande a significação deste vosso trabalho, que se nos entremostra, desvenda e manifesta pela simples resposta ás duas interrogações: Que seria de um homem sem memoria? Que succederia a uma sociedade deslembada do passado? Ha sem duvida uma equivalencia entre as duas perguntas, cuja differença se mede também pelas distancias dum mesmo raio que atravessasse os circulos da psychologia individual e collectiva. O significado da vossa função, bem superior, portanto, ao proprio conceito da utilidade equaciona-se, assim, em relação á comunidade com o sentido vital que tem a memoria para todo ser vivo. Só pelo estudo do passado, com effeito, se alcança o conhecimento pleno da existencia collectiva: é a reconstrucção das origens que nos revela os factores do nosso temperamento, do nosso character, das nossas tendencias e aspirações. Empreza immensa essa a que o Instituto se vota, abrangendo na vastidão de seus propositos pelos problemas varios e multiplos, que suscita e desperta, o concurso de quasi todas as fórmulas de actividade intellectual. Pelas proporções de sua mesma grandeza, pela variedade do material que entra no seu levantamento, a elaboração da historia exige, a cooperação das mais dispares e encontradas aptidões, conjugadas no tempo. Geographos e archivistas, economistas e etnographos, linguistas e archeologos, sociologos, estatisticistas, historiographos de todos os generos, a historia narrativa, a historia religiosa, a historia didactica, a biographia historica, manipuladas por engenhos grandes e até pequenos como o do orador, aqui podem se sentir a vontade e dar-se as mãos porque repousam na segurança de que toda contribuição, por modesta que seja é sempre bem recebida e efficaç desde que traga um esclarecimento, um facto esquecido, o proveitoso resultado da pesquisa e da investigação que presumpem tamanho zelo e tão laboriosa pa-

ciencia. Outra satisfação, e não pequena, colhe, quem, voltado para o estudo da historia, penetra no vosso gazalhoso convívio: é a duma formosa lição de solidariedade que elle nos faz sentir. Tudo concorre para este effeito: o interesse palpitante e vivo dos factos, que se busca interpretar, e onde se entrecruzam, misturam e debatem as mais vivas paixões, talqualmente em nós tumultuam: a idéa de continuidade, que delles se desprende e nos empolga o animo, assoberbando-nos pela impo-nencia dessa cadeia de successos a recuar pelo mais fundo do tempo; e principalmente porque se não avança pelos caminhos deste ramo do conhecimento sem a informação dos escriptores, que nos precedem, e em vão por elles haveríamos de bater sem o apoio e o soccorro das noticias colhidas nas fontes, nos annalistas, nos rebuscadores, de cuja assistencia não ha como prescindir. O historiador, falando de si, bem poderia dizer „nós“, tamanha é a parte alheia na propria obra. Eis porque não vejo no soberbo empreendimento em que vos empenhais, entregues quasi todos á labuta pertinaz, á silenciosa faina de vasculhar archivos, esquadrinhar textos, desencavar documentos para a resurreição das éras mortas, tamsómente um esforço intellectual de vasto alcance, mas tambem um sentido moral, inseparavel das instituições como esta por vós fundada, em que os homens se congregam, solidarizando-se uns com os outros, e todos com o passado por amor da terra nativa. Aspiro, pois, a carrear alguma pedra, embóra desvaliosa, para o soberbo edificio, que estaes a erigir. A tanto monta minha ambição. Isto almejo certo de que não será rica mas pobre a minha contribuição para o fim commum. Muito já tendes realisado, valiosos escriptos têm apparecido, depois da organização do Instituto, referentes todos á nossa historiographia. Quem mergulha a attenção no estudo de nosso passado, e foi salteado pelas duvidas que obscuridades não esclarecidas e juizos discutiveis provocam, bem avalia o merecimento dos vossos trabalhos, e quanto resta ainda por fazer-se. A cada passo andado nessa vereda outras tantas questões surgem, e novas perspectivas se dilatam aos nossos olhos. Estaes, aos poucos, a dilucidar os pontos duvidosos, propiciando na revelação das velhas chronicas e relatos esquecidos preciosos elementos de esclarecimento. E' um dos aspectos de vossa missão, que, embora se não circumscreva, especialisa-se, comtudo, á existencia do Rio Grande. Para elle vae a predominancia do vosso carinho, numa preferencia amplamente justificada. Só as historias locais comportam a pormenorisação cuidada e exacta; sómente ellas despertam aquelle sentimento de amor, de entranhado affecto domestico, que é o movel superior de nossas acções. Porque se é certo que vive-

mos numa grande patria, neste immenso paiz — uma das tres ou quatro maiores casas da terra — no formoso dizer de Joaquim Nabuco, nos limites do Rio Grande se enquadra o aposento querido de nosso coração. Na reconstituição de nosso curto passado dois aspectos ha que parecem desafiar os espiritos. Vem a ser um o processo de nossa formação social, ainda não estabelecido com relativa segurança. E' o outro a revisão da nossa taboa de valores historicos. São dois pontos de vista, dois methodos a applicar, dois objectos a investigar. Para pôr em obra o primeiro se haveria mister examinar os factos sem nenhuma preocupação doutrinaria, nem principios preestabelecidos, mas com o animo sereno do chimico quando no laboratorio estuda as propriedades dos corpos e suas combinações. Talvez se conseguisse, dest'arte, conhecer os factos sociaes do nosso meio nas suas componentes, estabelecer a sua uniformidade, verificar as suas relações de interdependencia, de maneira a construir, por inducção, uma sociologia concreta tanto quanto possivel approximada da realidade. Objectar-se-ia não ser tal criterio proprio da historia, escapando de seu ambito um estudo vasado em semelhante molde, que pertence propriamente ao dominio da sociologia. Mas o argumento teria que ceder á replica de que não é possivel desligar duas disciplinas tão intimamente associadas pelo mesmo objecto de estudo. Pois acaso occupar-se-á a historia de outra coisa que não acções humanas? E não serão tambem estas mesmas acções que nos manifestam o movimento das sociedades? E não serão ellas porventura factos como quaesquer outros susceptiveis de exame? A differença está na maneira de investigar, no methodo de conduzir a observação. O historiador escolhe a seu talante os factos que lhe parecem dignos de serem conservados na memoria. Retalha no urdume dos acontecimentos os pontos de maior relevo, aquelles que mais o impressionam, desprezando o sobejo. Narra-os, então, evoca-os, pinta-os, e ao compor e relatar, opina, julga, pesa e aquilata valores e meritos: sentenciam e condemna; admira e applaude. Um criterio scientifico, no sentido em que se usa esta expressão nas sciencias naturaes, não poderia admittir taes processos. Deante delle todos os phenomenos têm igual importancia. Não ha que escolher, nem como joeirar na trama viva dos factos. Singular attestado daria de si um geologo que só levasse em conta para explicar a constituição do sólo aquelles phenomenos que pelo insolito vulto de suas manifestações mais ferem os sentidos, cataclismas, terremotos, maremotos, desdenhando a acção constante dos agentes naturaes que continuamente se exercem no nosso ambiente. Entretanto não causa pasmo, não desperta estranheza que um historiador, querendo mostrar-

nos a evolução de uma sociedade, só se preocupe com guerras e revoluções. E' que a historia visa reter na lembrança e conservar como ensinamento aquelles eventos dos quaes se póde tirar normas de conducta e exemplos moraes, emquanto a sociologia se propõe conhecer os factos sem outra preocupação que não seja a conformidade delles com uma possível verificação da experiencia. Uma nos dá opiniões; noções, a outra. E' aqui onde se evidencia a importancia da historia: elaborando juizos, que se espalham e refractam nos espiritos, crêa estados de animo mais ou menos generalizados na communhão, disseminando nella idéas, forças bastante energicas para polarisarem sentimentos e propellirem á acção. As tendências de época por sua vez tingem a historia de colorido muito a seu sabôr. Eis porque ella tem que ser renovada sempre com o andar do tempo na parte movediça e fluctuante dos seus juizos. Não é que os historiographos sejam parciaes. Julgam elles como o bom juiz de accôrdo com o codigo. Mas o codigo é que varia, porque consiste na atmosphera de idéas e sentimentos em que vivem, na moral dominante em dada época. Na collisão de 1835, citando um exemplo domestico, surgem para a historia narrativa e didactica, que não podem dispensar o julgamento ethico, outros tantos problemas na apreciação dos intuitos, do character, da capacidade de mando, da competencia militar de suas principaes figuras. Assim a personalidade de Bento Gonçalves, que só interessa ao sociologo pelo que significa como expressão de um estado de animo de parte da população naquella época e pelos effeitos derivantes de sua acção, representa-se, contrariamente, ao historicista como um paradigma a ser incluído no codigo dos exemplos ideaes, heroe a ser imitado, ou delle ser repellido, como caudilho. Claro é que a enunciação, ou rectificação de juizos acerca do mérito de qualquer figura historica dependem sempre da documentação, cabal para corrigir datas, precisar a exactidão de factos, e invalidar as opiniões que não encontram apoio na authenticidade das provas. Mas naquella mesmo passo historico, verdadeiro instante de annunciação para a nossa existencia de povo. — onde á luz vermelha da commoção sangrenta se revela em vago escorço o perfil de um formoso typo humano — vemos a confirmação destes conceitos. Quasi todos os escriptores rio-grandenses que evocaram os dramaticos successos da guerra civil param a narrativa e suspendem a penna quando a causa dos rebeldes entra em declínio, e Caxias começa de movimentar as suas hostes victoriosas. A sympathia, ou melhor a identificação com o sentimento democratico de que o sonho republicano dos revolucionarios foi uma expressão prematura, parece que lhes impõe o silencio

deante do cabo de guerra, tão grande na sua pessoa e acção como o proprio papel que desempenha, sustentando a integridade da patria. E' que o movimento de 35 começou de ser estudado precisamente na occasião em que a propaganda republicana golpeava o throno bragantino. Esta circumstancia não deve ser de todo alheia ás opiniões e conceitos, que em torno dos lances e agentes daquelle memoravel episodio dominam os espiritos. Não são proposições novas estas, que acabo de expender, e andam por muitos livros. Póde ser que sejam ociosas, e certamente incorrem na censura do velho William Hamilton, quando escrevia: „E' inutil mostrar a differença entre a opinião e o conhecimento.“ Mas se não são novas as minhas proposições, e ainda por cima são inúteis, por que, perguntareis com justa razão, estou a repetil-as? E' que me podem valer como uma profissão de fé, o que supponho não vos ser de todo indifferente desde que deliberastes receber-me como discipulo do vosso officio. Já agora só me resta dar-vos os meus agradecimentos pela vossa benevolencia. Quero fazel-o com um voto muito ardente e sincero. Conta João de Lèry que os rudes tomoyos, no alvorecer da colonisação de nossa patria, ouvindo ao cahir do Sol, o canto de certo passaro, cuja voz accreditavam ser de seus antepassados, quedavam-se reverentes em attitudo de religioso extase. Não escutavam de modo muito diverso os povos antigos a narrativa dos rhapsodos, ao celebrarem as façanhas dos heróes fabulosos e as origens da raça, repetidas no rithmo da tradição oral, artravés das gerações. Passou o tempo das superstições: não acreditamos em aves sobrenaturaes; os aedos não andam a tanger a lyra, decantando os guereiros e os semi-deuses. A historia, com a sua severidade, occupa o lugar vago pela desaparição daquellas formas de perpetuar na memoria a imagem do passado. Mas é meu desejo que os coevos dêem aos trabalhos desta casa a attenção que elles merecem, se não com aquelle mystico fervor dos barbaros patricios da terra brasilica e aquelle ingenuo enlevo dos povos primitivos, com o interesse e o amor que devem inspirar os soffrimentos, os esforços, os feitos de nossos ancestraes.

(Disse).

Discurso do consocio Roque Callage saudando o dr. Rubens de Barcellos,

na sessão extraordinária de 7 de Setembro de 1924

Snr. Rubens de Barcellos — Este Instituto, por meu intermedio, deseja vos dar as boas vindas, abrindo hoje de par em par as suas portas para vos receber.

Graças rendo a mim mesmo por me ter insinuado para ser o interprete desta pequena saudação affectuosa. Se egoismo houve de minha parte neste gesto, privando-vos de outra palavra mais autorisada, que mais dissesse da obra que ora iniciamos, e que melhor falasse das excellencias da aquisição, do vosso valôr e do vosso espirito, — se egoismo houve, elle não fica aquem de um outro ainda maior: o do prazer incon-tido que de prompto me empolgou para este ajustado encontro de duas mocidades que em caminhos diversos, uma, radiosa e forte, outra, apagada e fraca, vêm exaltando o Rio Grande.

Duas mocidades, disse eu!... *Vanitas, vanitatum*. E' infima a parte que me toca no confronto, porque a minha descamba além

Nel mezzo del camin di nostra vita,

ao passo que a vossa já é uma affirmação victoriosa de intelligencia e saber, toda entregue ao culto da arte, ao culto da historia, na investigação dos phenomenos sociaes do passado que explicam a nossa existencia no presente. Mais do que vaidade, — egoismo; egoismo, por certo, puro egoismo, porque até mesmo aqui neste encontro official de pragmatica, quiz receber a mesma luz que de continuo recebo lá fóra, na intimidade das nossas palestras. Este egoismo, em verdade vos digo, não é só meu, mas de todo o Instituto. No trabalho que já vae para quatro annos inciamos através do barbaro indifferentismo do meio, não po-

diamos continuar por mais tempo desviados da vossa mentalidade. Por sabel-a tão brilhante lá fóra, por conhecel-a toda entregue ás mais elevadas cogitações, quizemol-a tambem ao nosso lado, emprestando-nos o seu vigor e a sua assistencia na mesma obra modesta mas edificante em que hoje aqui estamos todos empenhados: estimular e exaltar a energia moral e mental da nossa raça. Tudo temos feito, tudo faremos para levar a cabo essa iniciativa. Ha aqui dentro uma acção conjuncta, um grande esforço anonymo, sem distincção, leal e dedicado, para que vinguem os nossos intuitos.

Como membro deste gremio de estudiosos, embóra delle participando com a mais insignificante, a mais desvaliosa, a mais apagada contribuição, não me perturbo, porém, em proclamar essa solidadriedade collectiva, como verdadeira divisa de combate: — nobre e elevado esforço, tanto mais nobre, tanto mais elevado, si se tiver em linha de conta os sacrificios e as barreiras a dominar. A parte mais expressiva do vosso discurso é exactamente essa, em que analysaes com tanta clareza, os fins em mira do Instituto, as suas intenções, o seu programma, a preocupação constante dos seus aggremiados pelo objectivo que nos attrae. Bem haja, portanto, o novo confrade que chega trazendo-nos o seu incitamento. Contando, d'ora avante, comvosco, teremos vencido longo trecho da estrada insegura e incerta. Ao lado da extrema dedicação do nosso querido Presidente, ao lado de uma mentalidade superior como a de Rodolpho Simch, ao lado de um pesquisador da nossa historia guerreira, incansavel e arguto, como Souza Docca, — para só me referir a trez dos tantos que encontro na defeza dos mesmos ideaes de pensamento e de trabalho, — se fazia mistér que apparecesse tambem um espirito como o vosso, cheio de promessas, mais do que isso, já realisando uma bella obra como a que se liga ao penetrante estudo das origens e formação social do nosso povo. Tenho em carta do nosso grande Oliveira Vianna um expressivo documento que vale como justo e caloroso applauso ao vosso trabalho. Assim é que com o vosso ponto de vista tão elevado, com a vossa não menos elevada visão esthetica do homem e do meio em que viveis, com essa superioridade com que estudaes em pleno alvo-recer da juventude, a tradição e a historia da nossa terra, ligando uma e outra á sociologia, constituis, uma linda excepção á esterilidade sobresaltante do meio. Porque poucos são os que se preocupam com a nossa vida e o nosso destino: menor é ainda o numero dos que procuram desentranhar do passado o magnifico acervo que possuímos, analysando, adduzindo e commentando factos, esclarecendo e rectificando conceitos, abrindo afinal, caminho mais seguro para estudos directamente

relacionados com a nossa formação. O que existe é pouco, é quasi nada. E' uma parcella diminuta em relação ao que devia ser, tantos são os motivos e os aspectos multiplos que ainda estão para serem estudados. O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul vae realizando aos poucos o esboço dessa grande obra, colhendo, reunindo, catalogando o material necessario para que se torne mais facil a tarefa aos estudiosos. Por outro lado, o indifferentismo chocante por tudo que diz respeito aos surtos do espirito e da actividade mental, tem matado, ou pelo menos anniquilado as melhores iniciativas. Essa falta de estimulo, essa falta de amparo, essas difficuldades todas têm assim destruido as mais bellas esperanças que hoje já podiam ser indiscutivelmente grandes affirmações victoriosas do nosso pensamento. Não quer isso dizer que sejamos falhos de capacidade e de intelligencia. Pelo contrario, uma e outra ahí andam, em prodigos esbanjamentos, mas desamparadas, desviadas de rumo, sem acção efficiente.

Dest'arte, quando apparece uma intelligencia como a vossa, tão cheia de fé ardente, preparada e iniciada em todos as lucubrações, tenaz e percuciente na pesquisa da verdade, é com jubilo que aceitamos a sua collaboração, o seu concurso, o seu auxilio decisivo no mesmo labor commum que todos nós, pequenos e grandes, fracos e fortes, aqui realizamos.

Se individualmente nos desvanecemos com a vossa presença, mais ainda se desvanecerá o gremio que neste momento vos acolhe. Podeis entrar sem o menor receio. Eu bem sei da sinceridade com que vos referistes ao trabalho que nos reúne, ao ideal que nos congrega. Podeis entrar, portanto. O ambiente é modesto, mas propicio, por certo, ao remigio espirital das idéas. Estas, sejam quaes forem, serão sempre respeitadas. O modo de ser do vosso espirito que eu conheço, expressivo devéras, que faz da vossa personalidade um arredio, um esquivo, um verdadeiro arisco ás evidencias do ambiente, estará bem neste logar. Não ha aqui cotejo de valores; não ha aqui imposição de *dogmas*; não ha aqui o perigo das *escolas*. Não somos *passadistas* nem *futuristas*. Cultuamos, apenas, o passado com o devido interesse que o passado nos disperta através das suas épocas, dos seus pequenos e grandes cyclos, e se falámos com *sympathia* e amor do futuro, outro intuito não temos sinão o de lobrigar nos longes do horizonte, melhores dias para a terra e para o homem.

Velhos e moços, deste pequeno grupo, todos tem aqui a juventude do espirito, mas juventude equilibrada e serena, sem os estouvamentos dessa mocidade por vezes taxada de revél e desenvolta. Trabalhamos á altura das nossas forças, modesta-

mente, serenamente, sem reclamo e sem alarde, convencidos de que se não estamos fazendo uma grande obra, despertamos, entre nós, pelo menos, o estímulo para que outros a realizem. Todo o nosso merito está no culto e no amor que votamos a historia da Patria, em geral, e deste pedaço da Patria, em particular.

Eis tudo.

Não vos offerecemos a official immortalidade academica dos grandes cenaculos de cultura e de arte. Offerecemo-vos, apenas, um lugar na nossa modesta companhia, lugar onde podeis estar a vontade, animado pelas mesmas aspirações que lambem nos dominam. E' pequena por certo, a offerta, é quasi nada para quem está á altura de maiores mercês. Mas é tudo o que temos, é tudo o que tem, presentemente, o nosso Estado, em materia de centros de pesquisa e divulgação dos varios ramos de estudos que se relacionam com a nossa realidade de povo.

Esse lugar é vosso. Bem sabemos do apreço com que acolheis a nossa intenção. Do muito que esperamos de vós, sr. Rubens de Barcellos, já nos deixou prevêr a vossa palavra tocada de sympathia, de belleza, de bondade, tão cheia de calor, tão rica de conceitos. Possa ella resoar daqui por diante com o mesmo vigor, com a mesma tonalidade de sempre, na mesma obra patriotica em que estaes empenhado, de fazer o Rio Grande conhecer-se a si mesmo, pelo sopro heroico das suas origens, pelo genio dos seus guerreiros, pelo espirito do seu passado, pelos factores de sua existencia inicial, pelo conjunto de cousas e de causas que o arrastaram até o presente e que o levarão em marcha victoriosa, para o futuro.



Wid Daniel Millebrand

Coronel Dr. João Daniel Hillebrand

(Aurelio Porto)

Discurso proferido por ocasião da inauguração do monumento levantado no cemitério de São Leopoldo á memoria do Cel. Dr. João Daniel Hillebrand, em 22 de Setembro de 1924.

Meus senhores.

E' altamente significativa esta homenagem que vimos prestar, no dia em que se commemora o centenario da colonisação allemã, no Rio Grande do Sul, á memoria do coronel dr. João Daniel Hillebrand.

Levantando este monumento, que ficará attestando á Posteridade um nome benemerito; inscrevendo, aqui, cem annos depois, de haver o primeiro colono allemão pisado o sólo fertilissimo desta gléba, fecundada pelo seu suor, o nome desse que incarna, com seus 56 annos de labor fecundo, na terra hospitaleira, a operosidade, o espirito de ordem, a iniciativa sempre prompta, dessa raça que foi a pioneira da civilisação no mundo, — cumprimos um dever de indeclinavel gratidão, resgatamos uma falta, tornamo-nos dignos de nós mesmos.

Não sei, entre todos os vultos mais salientes da colonisação estrangeira em nossa terra, quem seja mais merecedor do nosso respeito e da nossa homenagem do que esse que se projecta na Historia, enchendo, com seu amor á Patria Nova, mais de meio seculo de abnegação, de altruismo, de valor e de gloria.

De João Daniel Hillebrand eu muito vos poderia dizer. Numa saudosa convivencia entre vós, dedicando horas de lazer a pesquisas sobre cousas e vultos do Rio Grande, se me deparou um dia, avultando á distancia, numa poeira luminosa, como halo glorificador, o vosso „primeiro e melhor cidadão“, na phrase incisiva e precisa de João von Franckenberg. Tomado de justa admiração pelo homem superior, que se destacava no seu tempo e no seu meio, entrei de perquerir-

lhe a existencia, longa e fecunda, acompanhei-o em todos os passos da vida, e queria dedicar-lhe um modesto pedestal em que os vindouros poderiam collocar seu vulto, quando motivos de ordem intima, desse intento me fizeram desistir.

Eis, porém, que esse dever me é imposto. Attendendo á ordem da Commissão Central do Centenario, aqui estou para vos dizer de João Daniel Hillebrand, em rapidas palavras, num esboço ligeiro, como se fosse possivel retrazar sua vida, que é a vida de São Leopoldo, que é a historia da colonisação allemã, no Rio Grande, no limitado espaço de tempo em que estas linhas são escriptas.

A Real Feitoria

Estava em completo declinio a Real Feitoria do Linho Canhamo que, a instancias do coronel Rafael Pinto Bandeira, havia sido trasladada do Rincão de Cangussú, actual Municipio de Pelotas, para os *Faxinaes do Courita*, hoje São Leopoldo.

Péssimas administrações e, sobretudo, o trabalho escravo, o sólo regado pelo sangue dos infelizes açoutados, diariamente, pelo azorrague dos feitores, foram os principaes motivos do insuccesso crescente da cultura do canhamo. Teve, porém, a Feitoria um momento de prosperidade que foi a administração do P. Antonio Gonçalves Cruz, (1801-1814), sob o rigor de castigos barbarescos, que determinaram o assassinato desse administrador, por um escravo vingativo. Morto o P. Cruz, assumiu, interinamente, a administração o tenente Joaquim Maria da Costa Ferreira que logo passou-a ao capitão Manuel José Antunes da Frota, (1816-1820), cuja frouxidão e desidia implantaram na Feitoria o regimen da anarchia e da desordem. Morrendo Frota em 1820, substituiu-o o capitão Joaquim Felix da Fonseca que, impotente ante a desordem, demittiu-se do cargo, assumindo-o, então, José Thomaz de Lima, (1820-1824), depois o primeiro Inspector da Colonia Allemã da Feitoria.

José Thomaz de Lima, que foi o organisador da Colonia, era um typo de grande capacidade de trabalho, providente, tendo prestado reaes serviços á colonisação.

Sua correspondencia com o Presidente Fernandes Pinheiro, sobre localisação inicial de immigrants, o cuidado com elles dispensado, o modo affavel com que a todos tratava, valeram-lhe a amizade e o respeito dos primeiros povoadores de São Leopoldo, bem como a commenda da Ordem de Christo, que o Governo Imperial lhe outorgou, como premio desses serviços.

Seu nome bem merece, hoje, este ligeiro reparo que, gratamente, aqui consignamos.

Ensaio de Colonisação

Mesmo antes da Independencia, procurava o Governo Central estabelecer colonias de agricultores estrangeiros no Brasil. Não fazendo menção á colonisação agorita, que foi a fundadora da agricultura em terras do Rio Grande, dissimulada por varias localidades e encorporada logo á massa nacional por identidade de usos, costumes e lingua, lembramos de passagem o engajamento de colonos suissos e allemães para Santa Leopoldina, na Bahia, (1818), e Nova Friburgo, Rio de Janeiro (1819).

Nenhuma dessas colonias, porém, teve a importancia e o desenvolvimento, a prosperidade que caracterisaram a de São Leopoldo, desde sua phase inicial. Por isso, São Leopoldo ficou, em todo o Paiz em destaque, no tocante á colonisação, irradiando dessa colonia para outras localidades toda a corrente immigratoria que se dirigiu para o sul do Brasil.

Num flagrante contraste, a mesma terra que recebera o sangue escravo, jorrado das feridas profundas que o azorrague impiedoso cortava incessantemente, ia agora ser humedecida pelo suor dos livres, felizes de por ella serem recompensados com o producto de seáras opimas. Os canticos nacionaes, nostalgicos e tristes, dos que deixavam a gléba longinqua para a lucta e para o trabalho, na terra nova, vinham suffocar os ultimos gemidos, as ultimas agonias, dessa raça infeliz e affectiva, arrancada á Africa distante, para o seu martyrologio de sacrificios e de dor.

E sobre a vida antiga, na mesma terra, sob o mesmo céu, que tantas lamentações ouviram, outra vida agora se desenhava, na alegria dos homens livres, senhores da gléba, constructores da propria felicidade.

Outrora (era queixa incessante) a terra não tinha condições de fertilidade. Não se prestava para lavoura. Mas o trabalho dos homens livres a redimiu dessa pécha. Ha cem annos produz. E não cançou ainda. E' que sua redempção dependia da liberdade. E o canto dos livres abafou o lúgubre gemido dos captivos, morrendo de dor, nas senzalas escusas. E esse canto era o hymno de amor á propria terra, mãe fecunda e carinhosa, fonte da felicidade e do bem, unica creadora da riqueza, unico bem real que Deus deixou como patrimonio ao homem que trabalha.

A missão de Schaeffer

Cabe a D. Pedro I a iniciativa da colonisação allemã, cujo centenario hoje commemoramos. Alliciando, no estrangeiro, gente affeita ás lides guerreiras para a defeza da incipiente

monarchia, occoreu-lhe, tambem, substituir pelo trabalho livre, o braço escravo, na cultura da terra.

Foi incumbido da propaganda e do aliciamento de colonos allemães o major Antonio Schaeffer. Fôra má a escolha. Schaeffer não estava na altura da missão de que fôra incumbido. Dahi o natural retraimento que suas propostas motivaram. Tambem pareciam exageradas as vantagens acenadas pelo agenciador que eram: „viagem livre do lugar do embarque até á colonia; concessão do direito de cidadão brasileiro depois da chegada ao Brasil; tolerancia na pratica de sua religião; concessão de um lote de terra medida e demarcada contendo a area de 160.000 braças quadradas; fornecimento gratuito de cavallos, gado e etc., concessão de subsidios pelo espaço de dous annos; dispensa do serviço militar durante os primeiros dez annos, e finalmente, isenção de impostos pelo mesmo tempo. Em troca de todas essas vantagens os colonos engajados só tinham por obrigação: não venderem durante os primeiros dez annos os seus prazos coloniaes, cultivando-os e habitando-os.“

Apezar da celeuma levantada na imprensa da Allemanha pela propaganda de Schaeffer, o Governo da Prussia prestou braço forte á iniciativa brasileira e os primeiros colonos, 38 almas, chegaram a Porto Alegre em 18 de Julho de 1824, no bergantim „Protector“.

Sobre sua chegada ouçamos o Presidente José Feliciano Fernandes Pinheiro, que assim, em officio para o Côrte, a noticia: „O Bergantim „Protector“, que os conduziu, (aos primeiros colonos) ferrou este porto no dia 18 do corrente mez; parecendo-me conveniente dar uma prova ostensiva de summo apreço que fazia de tão interessante presente para este Paiz, fui immediatamente recebel-os e visitar a bordo e desembarcando depois do refrigerio de alguns dias, nos quaes se lhes prestou todo o agasalho e tratamento, partiram para a referida Fazenda do Canhamo. Chegaram perfeitamente bons; cotejados os individuos á relação annexa, á citada Portaria assignada pelo official maior Luiz Moutinho Alvares e Silva, achou-se a differença para menos nas familias n.º 2, n.º 11, n.º 12, que declarou o capitão do Bergantim haverem ficado nessa Côrte; na familia n.º 3 accresceu um menino que consta ter nascido em viagem e que se baptisou nesta com o nome de João Ludovico; ao todo sommaram os existentes trinta e oito pessoas.“ (Officio a Luiz José de Carvalho Mello, de 23 de Julho de 1824).

Em outro officio de 18 de Agosto, informa ainda Fernandes Pinheiro: „Ficam reunidos aos outros colonos allemães, transportados no Bergantim „Protector“, os cinco

Daniel Theophilo Kuemenel, André Christovam Meyer, Frederico Guilherme Jaeger, Ignacio Rasch e Carlos Benjamim Zimmerman, que acompanharam as portarias de 6 e 12 do mez passado e vieram na sumaca „S. Francisco de Paula“, do mestre e proprietario João de Souza Villa.“

Eram esses primeiros colonos todos agricultores, gente bôa e sã.

Vinham para o Nova Patria cheios de esperanças. Robustos e fortes, haviam de trabalhár e vencer. Heroicos e denodados, eram os desbravadores, os pioneiros de novas lévas, que viriam mais tarde, com seu esforço, com seu denodo, implantar, nesta parte da livre America, o celleiro fecundo, que honra a nossa Patria. E que trabalhos e que luctas! As fêras esfomeadas que haviam de aggredil-os, saindo dos seus antros. Os bugres, que viriam roubar-lhes os filhos e as esposas. E todo esse poema de luctas, para a conquista da terra, para dominal-a, para vencel-a!

Quantas tragedias ignoradas abalaram, nas invias florestas, os primeiros tempos da colonisação! Quanta dôr! Quanta lucta foi preciso empenhar pelo primitivo colono!?

Dando demonstração cabivel de que não estava na altura das responsabilidades assumidas, Schaeffer procura interessar novos elementos para a colonisação do Rio Grande. Fôsse por falta de idoneidade moral, pois que tinha pingues proventos por individuo que aliciasse, ou porque a anti-propaganda que se intensificava na Allemanha affastasse a emigração de elementos bons, certo é que a léva de immigrants de 1825 em nada recommendou a sua missão. Entre outros elementos fez embarcar no „Wilhelmine“, que os conduzia, criminosos, assassinos e ladrões de Mecklenburgo, que tinham ido algemados para bordo. Essa gente, que foi, durante algum tempo o terror da incipiente povoação de São Leopoldo, era depois, pelo Presidente Fernandes Pinheiro, mandada para Missões, onde, em São João, se estabeleceu, abandonando, logo após, a colonia, seduzidos pela vida aventureira que os invasores castelhanos lhe acenavam.

Outros, bons e ordeiros, ficaram pela região missioneira. Identificados no meio, fundidos aos elementos nacionaes, esqueceram as suas tradições e a sua lingua, traduziram o proprio nome e, hoje, seus descendentes, no verde pampa, trazendo ainda, o facies caracteristico da raça são os gauchos indomaveis, invenciveis e fortes, nas lides do campo, nos torneios da bravura . . .

Uma testemunha occular, Eduardo Theodoro Boesch, cujas impressões ficaram relatadas em um livro publicado em 1835, em Hamburgo, e que acompanhou os immigrants do

„Wilhelmine“, nos dá uma idéa da chegada dos mesmos ao Rio de Janeiro e a recepção que lhes foi feita por Pedro I e sua mulher, a imperatriz Leopoldina. O transporte chegou ao Rio em 22 de Abril de 1825. „O estado da gente, fortemente alimentada durante a travessia, diz Boesch, impressionou fortemente o Imperador. Considerava com visível benevolencia os recém-chegados, principalmente os de maior altura, e para avalial-os servia-se da sua imperial pessoa como medida, costas com costas, á maneira do prisco Jano. Se queria trocar palavras com alguns chamava a esposa, dizendo: — „Senhora, faça o favor“, e esta lhe servia de interprete.“

Felizmente, para honra da colonisação allemã, os elementos bons, de ordem, de trabalho, vindos após essa léva, apagaram da memoria de seus compatriotas a má impressão que ficou em terras de São Leopoldo dos celebres companheiros de Silbernagel, estigmatizados pela penna lapidar de Eudoro Berlink.

Conhecida a terra, espalhada pela Allemanha a noticia das vantagens que offerecia aos colonos a nascente colonisação, tornou-se desnecessaria a missão de Schaeffer, e, pouco a pouco, se foi canalizando, até 1830, para São Leopoldo, uma corrente immigratoria de elementos de incontestavel valor, a quem devemos hoje, a prosperidade assignalada no primeiro marco centenario da vida colonial.

Gloria, pois, aos pioneiros da colonisação. A esses modestos obreiros, ignorados e humildes, desfeitos em pó, que primeiro pizaram o sólo sagrado da nossa Patria, que a fecundaram com o seu braço creador, que a regaram com o suor de seu trabalho, que a abençoaram com suas preces de crentes, que acordaram os seus échos adormecidos com os hymnos estranhos, nostalgicos, de sua patria distante!

Os primeiros colonos

Quando em 25 de Julho de 1824 chegaram a Feitoria os primeiros colonos (6 familias e 4 solteiros, 38 pessoas), que a vinham povoar, semelhava o velho estabelecimento, cujas construcções datavam de 1789 e poucas da administração do Padre Cruz, ás taperas abandonadas, por onde houvesse passado o vento da destruição e da morte. Debalde tentara o previdente Fernandes Pinheiro dar aos seus queridos colonos um relativo conforto, pondo á prova as aptidões administrativas de José Thomaz de Lima. O estabelecimento se compunha de uma casa coberta de telha, muito damnificada, em que fôra a Ferraria, outra nas mesmas condições, que servira de cavalariça; outra, já velha, coberta de capim, em que fôra alojado o destacamento; outra, de pedra, coberta de telhas, com dois

lances, moradia e armazem, onde foram accomodados os primeiros colonos; um quarto da casa nova, coberta de telhas; a casa velha da Atafona, coberta de telhas e frontalada de tijolos; um edificio de pedra e tijolo, ainda por acabar, que se destinava á Igreja; cincoenta e nove senzalas, todas velhas e cobertas de capim; a casa de capim do Açougue, e a Olaria coberta de capim, em completa ruina.

O primeiro momento lhes foi de desanimo e pavor. Mas o homem forte e resolutivo, procurou dominar a natureza abrupta que se lhe abria numa perspectiva mysteriosa de deserto, e atirando-se, valentemente, á terra, viu, dentro de pouco, nas roças que brotavam do seu esforço, o premio compensador do trabalho.

Outros se lhe vieram juntar dentro em breve. A 6 de Novembro do mesmo anno, aporta ao Rio dos Sinos nova leva de immigrantes, composta de 81 pessoas, das quaes 15 familias e 15 homens solteiros.

Entre estes ultimos vinham dois medicos: Carlos Godofredo von Ende e João Daniel Hillebrand.

Quem era Hillebrand?

João Daniel Hillebrand nascera na cidade livre de Hamburgo aos 11 de Maio de 1800, sendo filho legitimo de Chistiano Hillebrand e sua mulher Margareth War Kharpst.

Methodico, estudioso, dotado de intelligencia rara, desde creança dedicou-se ao estudo, tornando-se distincto entre seus companheiros.

Passava pela velha Europa, o tufão formidavel que destruiu, desde seus alicerces, as organizações primitivas, para edificar uma nova ordem social e politica, sob as bases da Igualdade, da Humanidade e da Fraternidade. O sonho dos encyclopedistas, surgia dessa aurora boreal de sangue, que ainda tingia os horizontes, desde 1789. A Grande Revolução modificára a face do mundo! Producto do seu meio e de seu tempo, a aguia de Austerlitz e de Marengo, abria as largas azas sobre a Europa convulsa. Não tardaria, porém, que a hora tragica de Waterloo soasse e

„Pela ultima vez co' a espada em punho

Rutilante na pugna se arremessa;

Seu braço é tempestade; a espada é raio!...

Mas invencivel mão lhe tóca o peito!...

E' a mão do Senhor, barreira ingente:

„Basta, guerreiro! Tua gloria é minha.

Tua força em mim está. Tens completado

Tua augusta missão. E's homem, pára,"

Foi nessa gloriosa jornada, com 15 annos apenas, que o joven Hillebrand, já então estudante de medicina, recebeu seu baptismo de fogo, servindo no Lazareto da Ambulancia n.º 1, de Merseburgo. Assistiu á batalha de Waterloo, em 18 de Junho de 1815, prestando serviços, pelos quaes foi condecorado com a medalha commemorativa da Guerra. Continuou, todavia, sem descurar os estudos preliminares, na *Liga Militar*, de que saiu em 1819 para cursar a Universidade de Goettingen, onde se doutorou em 1823.

Formado em medicina, resolveu vir para o Brasil, no anno seguinte, embarcando como medico de bordo.

Trazia valiosas recommendações á Imperatriz Leopoldina, sendo por ella recebido carinhosamente. Destinando-se ao Rio Grande, trouxe, para o Presidente Fernandes Pinheiro, da propria Imperatriz e de Monsenhor Miranda, Inspector Geral da Colonisação Estrangeira, cartas que o recommendavam com empenho e com solicitude.

Fernandes Pinheiro, que o tinha em alta conta, facilitou-lhe todos os meios, aplainando difficuldades iniciaes na clinica, que, por pouco tempo, exerceu em Porto Alegre.

Ainda em 24 Hillebrand resolve transferir residencia para a „Colonia Allemã da Feitoria“, onde foi exercer a sua profissão.

Dahi em diante de tal forma se confunde sua vida com o desenvolvimento e com a vida da collectividade colonial, que impossivel fôra separal-as.

E o disse, com muita propriedade, em seu necrologio, Franckenberg: „João Daniel Hillebrand! Nome prezado que em si encerra toda a historia de São Leopoldo; sua biographia, é simultaneamente, a narrativa da alegria e do soffrimento, da medrança e da prosperidade deste futuro e florescente torrão da cultura allemã. João Daniel Hillebrand é São Leopoldo, e São Leopoldo é João Daniel Hillebrand. Nisso está a synthese de toda sua vida.“

A Fundação de São Leopoldo

No mez seguinte ao da chegada dos primeiros colonos, o Presidente José Feliciano Fernandes Pinheiro, que, por acto de 19 de Julho, extinguiu a „Feitoria Nacional“ e creara a „Colonia Allemã da Feitoria“, designando José Thomaz de Lima para seu primeiro Inspector, vae fazer uma visita de inspecção ao Estabelecimento. Ahi, depois de tomar medidas de urgencia para a boa accommodação e distribuição de lotes aos colonos, escolhe pessoalmente o local da futura povoação. Neste é plantada uma cruz que o assignala, cruz que fica como



Monumento levantado à memoria do dr. João Daniel Hillebrand,
no cemiterio de São Leopoldo

um padrão imperecível, indicando aos colonos a terra promissora onde hoje pompêa a cidade mater da colonisação allemã.

Por portaria de 22 de Setembro de 1824, por solicitação do incansavel Pinheiro é dado pelo Imperador Pedro I á „Colônia allemã da Feitoria“ o nome de „Colônia Allemã de São Leopoldo“ em homenagem á S. M. I. D. Leopoldina. Communica Pinheiro ao Inspector Lima esse facto, em officio de 26 de Outubro, nestes termos: „Foi, emfim, S. M. Imperial servido a annuir ás minhas representações, condecorando esse estabelecimento com a denominação pomposa de Colônia Allemã de São Leopoldo, o que confio seja um presagio de prosperidade futura da nascente colônia, e eu lh'o partecipo para sua intelligencia.“

Foram, por certo, cheios de difficuldades e dissabores para os colonos os primeiros tempos de organização e fixação. O fornecimento de viveres era, ao principio, feito por pessoas sem escrúpulos, que sacrificavam por uma ganancia mesquinha, os consumidores. O subsidio lhes era pago por essa forma. Não havia, siquer, um negociante que facilitasse a vida da communidade. Para obviar essas difficuldades, lembra o Inspector Lima ao Presidente, fosse feita, em especie, a distribuição do subsidio, (160 réis no primeiro anno e 80 réis no segundo). Aceito o alvitre, apparecem as primeiras casas de commercio, fundando-se assim a povoação em Julho de 1825. Pinheiro, sempre providente, dá ordem a Lima que „vá localisando os negociantes que concorrem (e de certo convem que concorram para evitar monopolios e serem mais baratos os generos) em um só ponto e seja o local aquelle destinado para a futura povoação, indicando-lhes os terrenos de baixo da planta que lhe communiquei e fazendo manter a melhor ordem e policia.“

Para a incipiente povoação começaram a affluir diversos individuos que construíam moradas, nella se fixando.

Pouco a pouco São Leopoldo tomava incremento com as novas remessas de colonos que periodicamente vinham ali se estabelecer. Em 1830 tinham sido concedidos pelo Inspector Lima 235 terrenos, havendo 182 predios construidos e uma população de 1274 almas. Eram os moradores: Brasileiros, 86; Allemães, 93; Italianos, 2 e Francez, 1.

Os italianos eram João Baptista Orsi e Vicente Baptista Orsi, que vinham grandemente recommendados ao Presidente como peritos no plantio da vinha e o francez João Sarrazin, celebrado após nos dias tormentosos da Revolução. Entre os brasileiros contava-se o tenente-general Bento Corrêa da Camara. Estava na povoação o dr. Carlos Godofredo von Ende.

O dr. Hillebrand ainda residia na Feitoria. Era ali, ao lado de seus colonos, attendendo aos soffrimentos dos doentes, percorrendo a colonia, pondo em pratica seus sentimentos de humanidade e amor ao proximo, suavizando todas as dores, mitigando todos os infortunios, — era ali o seu logar, o seu posto de honra.

Designado para exercer o cargo de Vice-Inspector da Colonia, Hillebrand, localisava dali os colonos que iam chegando, pelas diversas picadas de São Leopoldo, auxiliando grandemente a acção de José Thomaz de Lima.

O primeiro tributo de sangue

Mal iniciara a Colonia os seus primeiros passos quando torna-se real a latente ameaça que nos vinha do Prata e que culminou na Batalha do Passo do Rosario, em 20 de Fevereiro de 1827.

As luctas successivas em que nos viamos empenhados echôavam na incipiente colonia, determinando gestos admiraveis de abnegado affecto á Patria Nova.

Em Junho de 1825, em longo officio em que protestava sua gratidão pelos beneficios recebidos na terra hospitaleira que lhes abrira os braços, o dr. João Daniel Hillebrand se dirige ao Presidente da Provincia, Salvador José Maciel, offerecendo o concurso dos allemães da Colonia de São Leopoldo, na defeza da integridade e da honra do Brasil. E envia-lhe uma relação de 37 colonos que se offereciam voluntariamente para marchar para a campanha.

Acceito o offerecimento são encorporados ao exercito em operações mais de cincoenta colonos, tirados de São Leopoldo, sob a direcção do dr. Hillebrand — a Companhia de „Voluntarios Allemães“. Durante um anno, um longo anno de martyrios e tormentos, um anno de afflicções e de miserias, afrontando todos os dias a morte, e indo até á morte buscar um descanso, que a impiedade de seus chefes lhes não dava, esses abnegados colonos prestaram seu primeiro tributo de sangue á Patria Brasileira.

Com usos e costumes differentes, falando uma lingua estranha, incompreendidos por todos, desprezados por todos, sempre escalados para os trabalhos mais arduos, menos dignos, acontados, ás vezes, pelas minimas faltas disciplinares, souberam, entretanto, honrar as tradições da raça valente, cujo sangue lhes corria nas veias.

Mas, o martyrio era superior ás suas forças. Em admiravel „Memorial“, escripto em 27, e dirigido ao Presidente da Provincia, Hillebrand historia a acção desses colonos, os soffrimentos que lhes eram impostos, chegando a ponto de um

delles, maior de sessenta annos, depois de ser impiedosamente vergastado, por falta leve, ter procurado no suicidio o derradeiro refugio.

Por ordem do dia 17 de Abril de 1827 manda o Marquez de Barbacena dar-lhes baixa, officiando nesse sentido ao Presidente da Provincia em 12 do mesmo mez. E nesse officio, profundamente injusto, accusa esses soldados de lhe não terem prestado serviços, por velhos e achacados. Não admira. O Marquez tinha a mania das accusações. Ao chegar no Passo do Jacuhy accusava tambem a 1500 rio-grandenses de ter fugido antes do inicio da batalha do Passo do Rosario sem ter dado um tiro e roubado bagagens e casas por onde passavam...

Foi esse, meus senhores, o primeiro baptismo de sangue do colono allemão em defesa da nossa Patria. Quantos ficaram para sempre dormindo no chão verde do Pampa, tendo por vellario o Cruzeiro do Sul? Essa pagina de abnegação, de sacrificio e dor, que relembre os que voltaram, desiludidos talvez, mas sem descontinuar no grande affecto que dedicavam á terra nova, de que foi exemplo o dr. Hillebrand.

A ordem do dia de Barbacena manda dar baixa aos seguintes colonos de São Leopoldo: Wessel, Jenzen, Carlos Becker, Helsing, Zimmermann, Albrecht, Ulrich, Cords, Meyer, Behrens 1.º, Behrens 2.º, Lange, Degleis, Walter, Kunz, Menz, Ruppel, Eichorn, Kuhs, Weber, Uflacker, Gudowski, Lilienthal, Mahnke, Fraeger, Rosenberg, Spring, Kirchartt, Roeding, Lemke, Will, Goeske, Korndörf, Kormann, Kruhe, Kirsten, Dreier, Strobach, Wrede, Ohlmann, Beck, Müller, Neggleix, Holfed, Ehrhorn, Oberstadt, Leisten, Friedruhten.

Os pródromos da grande Revolução

A 7 de Novembro de 1830 chegou ao conhecimento do Governo da Provincia que allemães de São Leopoldo pretendiam se amotinar, com o pretexto de reclamarem o subsidio que lhes era devido, alliciando elementos para ir a Porto Alegre, afim de atacar as forças ali existentes. Ao mesmo tempo outra denuncia importante é levada ao Presidente Manuel Antonio Galvão sobre a sublevação de alguns batalhões pelos officiaes allemães Kerst e Stepanouski. Havia perfeita connexão entre os dous factos. E não faltava quem dissesse que o intuito principal dessa sublevação era a mudança do regimen, obedecendo a ideias republicanas. Viram-se logo envolvidos na conspiração João Antonio Sarrazin, francez, commerciante em São Leopoldo, que foi mais tarde um dos farrapos de mais destaque, na grande revolução, bem como João F. Krieger. Descoberto o plano, tomadas providencias

immediatas, poudo o Governo evitar o golpe imminente. Para esse fim foi destacada uma força de linha que, sob o commando do major Mendes Totta aquartelou na Aldeia, indo outra para São Leopoldo. Já ahi estavam, tomando medidas urgentes, o Marechal Manuel Carneiro da Silva e Fontoura e o tenente-coronel Salustiano José dos Reis. Este foi posteriormente nomeado, em substituição de José Thomaz de Lima, inspector interino da Colonia, em 1.º de Julho de 1831.

Fracassado o movimento, ninguém mais lhe ligou a importancia com que avulta hoje, se considerarmos que os principaes promotores delle, o major Otto Heise, João Frederico Krieger e Sarrazin, foram depois, no decennio revolucionario, elementos de destaque entre os farrapos. Ha outra figura que ahi levemente se desenha e que é depois a alma do movimento farroupilha, o homem que os revolucionarios destacaram para combater João Daniel Hillebrand, um typo interessante, mal estudado ainda, ex-official allemão de um dos Regimentos de linha: — Hermann von Salisch.

Professor de musica, na Capital, traductor juramentado, von Salisch se destaca nas rodas liberaes. Nos primeiros momentos da grande convulsão rio-grandense, toma attitudes decisivas, escreve e faz circular na Colonia, um pequeno jornal, quicá o primeiro escripto em lingua allemã no Rio Grande, o „Colono Allemão“ e prêga abertamente os principios revolucionarios, procurando concitar os colonos a defender a sua causa. Em manifestos consecutivos procura attrahil-os, congregal-os em torno da bandeira da Revolução. Em manifesto, citado por Varella, diz aos seus compatriotas: „O Partido Nacional nunca vos aviltou, comprando os vossos braços para defender uma causa protegida pela liberdade, pela justiça e pelas benções dos homens livres do universo inteiro.“

Nesse ciclo gigantesco em que se degladiam duas ideias, em que se combate, por um lado, em nome da ordem legal e por outro em nome da liberdade; nesse decennio luminoso que avulta na historia do Rio Grande, enchendo paginas fulgurantes de valor e de gloria, na Grande Revolução, não faltaram, é certo, o patriotismo, a cooperação, o sangue, a abnegação dos allemães, ahi representados por Hillebrand e seu antagonista Hermann von Salisch.

Gloria aos batalhadores antigos, hoje confundidos, estreitados pela nossa admiração, destacando-se em relevo do bronze imperecivel das suas acções !

Hillebrand — A resistencia legal

Em 3 de Outubro de 1835 foi nomeado Hillebrand Director da Colonia, sendo substituido em 13 do mesmo por Herman von Salisch, que organisou a reacção farroupilha.

Desde os primeiros surtos revolucionarios viu-se a Colonia completamente envolvida na lucta. Gente aguerrida e forte, era natural essa preferencia dos agitadores, que dum lado e doutro vinham alliciar proselytos para sua causa.

Alfredo Varella, que nos dá subsidios para esta pagina, refere assim os primeiros movimentos na região colonial:

„Os legalistas, ao mando de Gaspar Menna Barreto, encetaram operações, dirigindo-se em numero de 50 brasileiros e 30 allemães de cavallaria e 200 de infantaria, ao Rio do Sinos, com designio de occupar a margem esquerda. No passo toparam com uma avançada rebelde, 50 nacionaes e alguns colonos, sob o commando de Hermann von Salisch, ex-official do extincto corpo 27 de Caçadores, depois redactor de uma folha de diminuto formato, destinada a illustrar o espirito dos concidadãos do jornalista nos principios liberaes, de que era adepto convencido e se tornou um ardente soldado. Os patricios fizeram finca-pé no posto em que estavam, detendo-se o inimigo com um pequeno tiroteio de que houve escassas perdas. Salisch, acto continuo passou ao campo de Gaspar, e depois de ter com elle uma calorosa disputa, arengou aos seus patricios na lingua allemã, desconhecida para aquelle general, e os persuadiu a abandonar as fileiras legaes, o que todos promptamente fizeram. Muitos passaram o rio e incorporaram-se aos revolucionarios, outros retiraram-se aos seus labores.

Antes, porém, dessa escaramuça, já, no Campo Bom, Gaspar Menna Barreto e outros defensores da legalidade, organisavam forças para dar combate aos revolucionarios.

Entre os que mais se destacavam na defeza da legalidade, concitando os colonos, arregimentando-os e commandando-os, encontrava-se sempre o dr. Hillebrand.

Organisada a resistencia, restabelecida a ordem legal com o golpe vibrado em Porto Alegre, em 15 de Junho de 1836, Bento Gonçalves, no Portão, depara com as primeiras hostes dos colonos de Hillebrand, ferindo-se rapido combate. No dia seguinte, junto ao passo de São Leopoldo, de novo, lhes estugam a marcha os colonos legaes, que enfrentaram a columna revolucionaria, sendo derrotados pelos farrapos.

Por muito tempo, quasi em todos esses dez annos de lucta, a colonia de São Leopoldo foi o theatro em que se degladiavam sempre os dois antagonistas.

Os diários de Hillebrand, seis volumes de correspondencia activa e passiva, methodicamente copiada, estão cheios de paginas fulgurantes, donde resalta, vivida e forte, a sua envergadura de homem superior, consagrado ao bem e ao engrandecimento da Patria adoptiva.

Longe iriamos se quizessemos detalhar a sua acção, no periodo da revolução rio-grandense. Espirito organisador, de uma lealdade sem limites, soldado por temperamento e por educação, fiel sempre aos principios que havia esposado, Hillebrand era incançavel no cumprimento do dever. Sua correspondencia é um manancial inesgotavel onde se póde beber licções de civismo e de amor á terra brasileira. Caxias, que bem o conhecia, tinha pelo illustre allemão uma estima mesclada de admiração.

Ao assumir o Governo da Provincia e o commando das armas, o Barão de Caxias, conhecedor dos homens com quem podia contar, com o nobre intuito de devolver a paz á Provincia convulsionada, nomeou o dr. João Daniel Hillebrand, Commandante Gerál do municipio de São Leopoldo. Nesse posto conservou-se elle até tornar-se effectiva a pacificação da Provincia. Já era então coronel de Legião da Guarda Nacional.

Desdobrando-se em actividade inacreditavel, agindo por todas as formas, afim de levar a bom termo e espinhosa tarefa de que fôra incumbido, providente, solícito, Hillebrand a tudo attendia, dando ordens aos commandantes dos districtos, providenciando sobre arregimentação de forças, provendo a todas as necessidades, e jámais deixando de acudir com presteza e carinho, quando um infeliz tinha necessidade de seus serviços medicos.

O Director da Colonia

Assignado o tratado de Paz, voltando de novo á normalidade a vida da Provincia, o Conde de Caxias nomeou-o, por Provisão de 1.º de Maio de 1845, Director da Colonia de São Leopoldo.

Em seguida, por Decreto de 20 de Dezembro de 1846, o Governo Imperial galardôa seus serviços, nomeando-o cavalleiro da Ordem de Rosa Cruz. A 14 de Dezembro do mesmo anno, emfim, recebe o titulo de cidadão brasileiro. Cidadão brasileiro! Quem teria mais direitos adquiridos em vinte e dois annos de amor e de abnegação pela terra adoptiva, a essa nacionalisação do que esse que foi um verdadeiro exemplo de patriotismo, de sacrificios e de dedicação? Hillebrand! Devias ter, no momento em que recebeste este pergaminho de cidadania, uma lagrima bailando-te na palpebra. E, por

certo, através desses vinte e dois annos de serviços prestados á terra em que transcorreu a tua mocidade, em que formaste teu character, em que sonhaste e soffreste, havias de evocar a tua terra longinqua, saudosa e querida, meio esbrumada como uma lenda do Rheno, e sentiste que alguma cousa te abençoava de longe, pelo bem que fizeste á Humanidade que não tem fronteiras de patria, pelo amor que consagravas á terra nova em que os teus vinham injectar um sangue forte e viril, no caldeamento das raças que se fundiam, nos primordios da nacionalidade.

Tivestes occasião de ver, meus senhores, na Exposição de Documentos feita pelo Archivo Publico do Estado, a meticulosidade, a propriedade, a paciencia, a competencia, com que o dr. João Daniel Hillebrand soube exercer o cargo de Director Geral das colonias da Provincia, para que foi nomeado em 1848, e no qual se conservou até março de 1854, quando posto em execução o Regulamento da Lei de Terras, de 30 de Janeiro desse anno, que extinguiu esse cargo.

Ahi estão os seus minuciosos relatorios que honram o mais competente, o mais dedicado dos funcionarios. E sobretudo, antecedendo, em nossa terra, a todos os ensaios estatísticos, que tiveram inicio com Corrêa da Camara, o illustre Director da Colonia de S. Leopoldo, intelligencia esclarecida, culta, organisa uma serie de trabalhos de Estatística, que por si só o recommendam á gratidão publica.

A estatística, arduo ramo da administração publica, é a sentinella vigilante dos governos bem intencionados. Ella prevê para prover.

E Hillebrand, admiravel pela universalidade de seus conhecimentos, bem comprehendia o valor dos numeros. Ha, no Archivo Publico um caderno de notas estatísticas do illustre hamburguez que faz admiração a todos os que o consultam. Ali está estudada toda a vida da colonisação: seu desenvolvimento progresivo, populativamente, e a producção que tem destaque admiravel. E cada pagina desse precioso caderno é um hymno de louvor á gente que trabalha e á terra que produz.

Sua correspondencia como Director da Colonia de São Leopoldo, ou como Director Geral, demonstra sobejamente o interesse de todo o instante, em suas minimas particularidades, por todos os assumptos attinentes á sua administração.

E' um repositório inexgotavel de informações de seu tempo, sobre o desenvolvimento da Colonia, quer material, moral ou religioso.

Professando religião differente da grande maioria da Colonia, nem por isso deixava de ser tolerante, antes mesmo, procurava com empenho, tivesse mais brilho a religião que

não era a sua. Vemol-o, assim, solicitar ao Governo da Província, auxílios e providências para a restauração de Capellas e igrejas catholico-romanas. Justo, sempre justo, accusa os ministros protestantes que se desmandam, os exploradores que na Colonia prégam falsos principios religiosos, e os pseudos sacerdotes que originam mais tarde a tragedia sangrenta dos „Muckers“.

Nada lhe escapava á percepção de homem superior. A questão do nacionalismo preocupou-o muito. Assim queria que os filhos de allemães, nascidos aqui, fossem brasileiros. E accusava em officio ao Presidente da Camara que, por preconceitos politicos, difficultava esse trabalho. A lingua nacional lhe merecia especial carinho. Seu primeiro documento, escripto em portuguez, que conhecemos, é a representação que fez em 1827, ao Presidente da Província, sobre seus patricios martyrisados na campanha desse anno. E' de admirar como com tres annos de estadia no Brasil, pudesse escrever portuguez tão correcto. Demonstra isso, o carinho que lhe mereciam as nossas cousas, a nossa lingua, a nossa Patria.

Mas como veremos, foi incompreendido no seu tempo.

E sobre a sua frente, em que seus concidadãos deviam pôr uma corôa de louros, sómente, durante a longa vida, teve a corôa de espinhos dos que se sacrificam pelo bem publico, dos que não aspiram á popularidade no cumprimento do dever, dos que passam pela vida deixando alguma coisa de si, nas obras que edificam, nas nobres acções que praticam.

O politico

Foi assás tormentosa a vida politica deste grande homem publico. Quanta lucta assignalou os seus dias! Quanta calumnia toldou a serenidade de sua consciencia! Quanto sofrimento não amargurou o seu coração! Nada disso, porém, conseguiu intibiar o seu animo, fazel-o tergiversar na recta da vida. Era um puro, era um forte, era um bom. A's vezes lhe sáe dos labios uma queixa, mas attenuada sempre por um complacente conhecimento dos homens. A vida politica é ingrata e má. Quem exerce um cargo publico faz um voto de abnegação e de paciencia. E ninguem mais do que Hillebrand que fôra o creador da Colonia, o seu guia de todos os instantes, já nos seus quasi setenta annos de vida a ella consagrada, poderia conhecer-lhe os defeitos que apontava. Defendendo o dr. Lassance Cunha, accusado pelo consul da Prussia de fazer politica no serviço a que lhe estava affecto, Hillebrand tem estas palavras, talvez o grito mais acre que se destaca de toda a sua correspondencia: „Permitta V. Ex., que lhe diga: não ha funcionario por mais illustrado, integro

e imparcial que possa agradar a todo o povo, e muito principalmente aos allemães, tão difficeis de contentar. Não são as minhas palavras que devem actuar na mente de V. Ex., são os factos que constantemente se dão neste logar."

A lucta era intensa. Conservador por indole, principios, educação e temperamento, o coronel Hillebrand era alvo, a todos os momentos, da diatribe, dos golpes mais crueis de seus ferozes adversarios. E entre as accusações que mais se lhe faziam, sobresahia sempre a que envolvia a sua origem estrangeira, como se não tivesse provado com largos dias de abnegados serviços á Patria Brasileira o seu amor entranhado a esta terra, o seu desejo de ver os filhos de seus compatricios identificados pelo amor e pela admiração á terra em que nasceram. Como lhe havia de doer ao coração sensível, magnanimo e bom, essa injustiça que a historia hoje, imparcial e serena, risca da sua memoria. Era para os seus coetaneos adversarios o desnacionalizador. Procurava, segundo elles, imbuir os seus patricios de ideas anti-nacionaes, prejudicando, assim, a nacionalisação do meio.

Entretanto, quando, em 1866, os jornaes allemães inspirados pelo consul da Prussia, lançam doutrinas subversivas, que implicam com o nacionalismo, o illustre hamburguez, tem estas expressões em officio reservado ao Vice-Presidente da Provincia: „De tudo quanto observei dos pontos infundados das accusação, colligi que se procura descatar o funcionario que está servindo, (dr. Lassance) para encartar a outro que melhor se preste a certos fins, não é preciso ter olhos perspicazes para isto se conhecer á primeira vista, fazendo-se ponto de partida dos factos que se tem dado e das doutrinas que se tem manifestado em certo jornal dessa cidade, eu devo me oppor a semelhantes doutrinas, porque embora nascesse na Allemanha, sou hoje brasileiro dedicado ao paiz que adoptei por patria."

Em 1866 a lucta chegara ao auge. Um allemão, por motivos de imposição de multa regulamentar, faz terrivel affronta á Camara, então liberal, borrando o seu escudo de armas imperiaes, que estava á porta. Preso é remettido ao Delegado de Policia, dr. Hillebrand que, depois de condemnal-o á multa respectiva, manda-o embora. Isto levanta celeuma tremenda. Não faltava mesmo quem accusasse o velho medico de ser o inspirador da affronta. A tal ponto chegou o acontecimento, taes foram as accusações que Hillebrand, Delegado de Policia, Juiz Municipal e de Orphãos, pede em treze de Agosto demissão desses cargos que exercia desde 23 de Julho de 1851.

Tinha sido no quatriennio 58-61, Presidente da Camara. Em 12 de Outubro de 1858 houvera sido nomeado coronel da

Guarda Nacional e, no anno seguinte, em 14 de Janeiro, por decreto desta data, Commendador da Ordem de Christo.

Precisará adduzir mais provas nesta defeza que fazemos em nome da serenidade da Historia?

Parece que não. Basta que nos alente a certeza, a nós que tanto amamos a Patria, a nós que por ella sacrificariamos tudo, — basta que nos alente a certeza de que ninguém mais digno pelo amor á terra de adopção, da admiração e do respeito dos brasileiros do que este que ahi dorme, que ahi serenamente me ouve, e terá, talvez, no espirito bonissimo um lampejo fulgurante de luz para abençoar os descendentes de seus patricios que confundidos com os descendentes de outras raças, todos brasileiros, indentificados pelos mesmos sentimentos, unidos pela mesma fraternidade, aqui vêm, cem annos após á chegada dos primeiros colonos teutonicos, fazer-lhe a justiça da Historia, que tarda, ás vezes, mas que não falta nunca!

O sacerdote do bem

Se outros não fossem os titulos de benemerencia do cidadão a quem vimos render este tributo de homenagem, se sua vida cheia de luctas pelo bem publico, não fosse um attestado flagrante que o impõe á gratidão de um povo, se não tivesse sido glorificado pelas acções memoraveis e pelos gestos nobres de mais de meio século de trabalho e actuação nos destinos de nossa terra, se enfim, não tivesse outros braços de fidalguia d'alma do que este, ser o sacerdote do bem — já era muito, já era tudo.

E o dr. Hillebrand, medico, humanitario, bom, desvellado pelos seus doentes, amigo dos pobres e dos infelizes, tem paginas na vida que por si só constituem a sua propria glorificação.

Nem nos seus momentos mais afanosos da vida que se desdobrava em actividades sem conta, deixou elle de exercer e sua profissão. Era, porém, mais o medico dos pobres. Onde havia uma lagrima a enxugar, uma miseria a soccorrer, um infeliz a confortar, — ahi era o seu lugar. A' cabeceira dos infelizes, irradiava o seu sorriso de bom. Então sua alma se desdobrava em caricias, seu coração se multiplicava em carinhos. Quasi não lhe pagavam os seus honorarios medicos. A's vezes pedia emprestado para comprar medicamentos para os desventurados indigentes. Era um bom. E era quasi um indigente tambem. No fim da vida nada tinha. Elle que pudera ser tudo, elle que fôra distinguido pelas maiores honras, elle que fôra o organisador de uma colonia rica e prospera, elle que fôra o primeiro cidadão de sua terra! E' este o traço mais admiravel do seu character. Outros, muitos dos que o accusavam, cheios de patriotismo e de zelo pelo bem publico,

tiveram relativo conforto. Elle não. Foi-lhes ainda nisso superior.

Quando nos dias tragicos de Maio de 1855 a cholera morbus invadiu a Provincia, fazendo a sua apparição em São Leopoldo, Hillebrand, ainda maguado pelas accusações que lhe eram feitas, — como um verdadeiro heróe, enquanto outros fugiram, e os medicos abandonavam a Villa, cheios de pavor, atirou-se com denodo á faina da debellação do mal. Estava em toda parte. Organizou um serviço de assistencia, levantava da rua e levava para o lazareto os que encontrava atacados do terrivel morbus; de seu proprio bolso occorria ás despesas de fornecimento de dieta e de remedios para os pobres, enfim, era o anjo bom que abrindo as azas acariciantes a todos collocava sob seu misericordioso aconchego.

Quando quizeram recompensal-o desse esforço, respondeu que nada lhe era devido, pois prestara seus serviços á humanidade.

O que foram estes dias de lucto, de pavor, de soffrimentos, de angustias, que o digam alguns de vós, que me escutam, e que, através destas palavras, evócam, erguendo-se do passado longinquo, numa nevoa luminosa e tenue, o vulto forte, alto, o rosto sempre emoldurado de um sorriso, o olhar sereno e bom do velho coronel dr., curvado sobre um soffrimento, enxugando uma lagrima, ou fechando pela vez ultima uma palpebra em cujo fundo um olhar parado que a alma não mais illuminava, fitava alto, no ceu, o páramo das finalidades supremas.

Tal foi a actuação do dr. Hillebrand, durante esses dias terriveis e desoladores que a Camara Municipal, que dias antes o accusava, com vigor, remette-lhe por unanimidade um officio que é a synthese de sua benemerencia. Nelle historia a acção desvelada, o trabalho intenso, a caridade nobre, a bondade sempre attenta, dispendidos nesses dias de dolorosos instantes pelo humanitario medico.

Nos ultimos dias da vida, tendo padecido de enfermidade que lhe deformara uma perna, claudicando da mesma, em horas de sol saia á rua, vergado pelo peso dos seus quasi oitenta annos de vida, de combate e de lucta: Trazia sempre no bolso quantidade de confeitos. Por onde passava o bom velhinho as creanças saiam á rua e o acompanhavam, para receber os confeitos. Todas amavam a essa alma que se conservou até o fim, tendo verdadeiros gestos infantis. Era bom como as creanças. Tenho um velho amigo que o conheceu assim. Quando procurei saber do velho Hillebrand, da sua vida, do seu character, esse amigo, em resposta, tinha uma lagrima bailando na palpebra. Era o seu maior elogio. Só

desperta uma lagrima, atravéz do tempo que tudo destróe, que tudo esmaga, sob o esquecimento, quem foi bom e quem foi justo. E eu comprehendi na rutilancia daquelle lagrima, no brilho daquelle olhar, toda a vida de bondade do velho doutor.

Que seja seu maior elogio repetir hoje, de novo, sobre seu monumento, as palavras que delle disse João von Frankenberg, dias depois de morto: „O homem que fôra honrado pela confiança do Soberano, tendo repetidas occasiões de, por meios legaes, adquirir fortuna, preferiu morrer quasi na indigencia. Sim, morreu pobre o bravo e valoroso coronel. E' nisto que consiste o seu valor, a coroa de louros cingida á palida fronte pelos seus concidadãos agradecidos. Consagrou a sua vida aos pobres, lembrou-se delles ainda á hora da morte: tudo, tudo pelos pobres ! E ahi tendes uma vida e uma morte de verdadeiro christão.“

Hillebrand nunca contrahiui matrimonio, tendo, porém, deixado dois filhos naturaes. Baixou ao tumulo, cercado de seus concidadãos e entre benção do povo, em 9 de Julho de 1880.

Eis ahi, senhores, uma vida difficil de resumir, no limitado espaço destas linhas.

João Daniel Hillebrand é um nome que synthetisa todas as qualidades mais elevadas, toda a coragem heroica, todas as virtudes, toda a cultura da raça allemã.

Identificado comnosco por uma vida de trabalhos fecundos, pela sua dedicação á Patria Nova, que elegera, hoje, seu nome mais pertence a nós do que a sua patria de origem. João Daniel Hillebrand é um nome nacional. Render este tributo á sua memoria é um dever de gratidão dos brasileiros. Elle passa á Posteridade pelo bem que nos fez. Soube amar ardentemente a terra prodigiosa e bella que foi o encanto da sua mocidade, como a primeira era a saudade da sua infancia. Um amor não exclue o outro. Ambos se completam, se integram. Se nasceu na velha Allemanha, nas alvoradas da redempção social da Humanidade, aqui jaz neste recanto bello da terra brasileira, que tanto amou e dignificou. Aqui jaz sob a pedra imperecivel deste monumento que a gratidão de um povo lhe erige, em que seu nome, como uma legenda, passará, de seculo em seculo, ás gerações futuras, lembrando aos posteros uma vida de abnegação, de altruismo, e guiando, com a lembrança dos seus exemplos, sempre e cada vez mais, os vivos que queiram ser dignos do seu nome e das suas tradições, pelo amor da Patria, pela sua grandeza crescente e pelas suas finalidades gloriosas.

Disse.

